

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**TRÂNSITO RELIGIOSO:
UM ESTUDO DE CASO EM UMA IGREJA PENTECOSTAL DE GOIÂNIA, GOIÁS**

WELTON LOURENÇO CALHÃO DE JESUS

Goiânia
2016

WELTON LOURENÇO CALHÃO DE JESUS

**TRÂNSITO RELIGIOSO:
UM ESTUDO DE CASO EM UMA IGREJA PENTECOSTAL DE GOIÂNIA, GOIÁS**

Dissertação apresentada em cumprimento às exigências do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientador: Profº Dr. Alberto da Silva Moreira.

Goiânia

2016

J58t Jesus, Welton Lourenço Calháo de
Trânsito Religioso [manuscrito] : um estudo de caso
em um igreja pentecostal de Goiânia/GO / Welton Lourenço
Calhao de Jesus.-- 2016.
164 f.; il.; 30 cm

Texto em português com resumo em inglês.
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação STRICTO
SENSU em Ciências da Religião, Goiânia, 2016
Inclui referências

1. Igrejas pentecostais - Goiânia (GO). 2. Pentecostalismo.
3. Movimento da fé (Pentecostalismo). I. Moreira, Alberto
da Silva. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 279.125(043)

**TRÂNSITO RELIGIOSO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA
IGREJA PENTECOSTAL DE GOIÂNIA, GOIÁS**

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA
EM 16 DE MARÇO DE 2016 E APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA

Alberto Moreira

Dr. Alberto da Silva Moreira / PUC Goiás
(Presidente)

Rosa Maria Viana

Dra. Rosa Maria Viana / UNIVERSO
(Membro)

Carolina Teles Lemos

Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás
(Membro)

Dr. Paulo Rogério Rodrigues Passos / PUC Goiás
(Suplente)

*À Selma Calháo e Divino Lourenço de Jesus (in memoriam),
meus pais, árvore da qual sou fruto,
de onde aprendi a relevância e a dignidade do trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, que me sustenta em todos os segundos de minha vida.

Ao meu Orientador, Prof^o. Dr. Alberto da Silva Moreira, exemplo de competência e humildade.

Aos professores e professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC/GO que me ensinaram, cada qual à sua maneira, a alteridade no sentido prático.

À minha esposa, Luciene, pelo exercício de paciência ao qual foi compelida a se submeter durante a jornada desta Pós-Graduação.

Às lideranças e aos frequentadores do Ministério Luz Para os Povos pela boa vontade e auxílio.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) pela bolsa que viabilizou a realização de meu mestrado.

RESUMO

JESUS, Welton Lourenço Calháo de. *Trânsito religioso: um estudo de caso em uma igreja pentecostal de Goiânia/GO* (mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 2016.

O trânsito religioso, entendido como o fluxo de pessoas, crenças e práticas entre instituições religiosas, constitui-se num fenômeno intensificado na pós-modernidade. Os indivíduos, exercendo sua autonomia para escolher seu universo simbólico religioso, assume-se sujeito da própria fé, de modo independente das instâncias religiosas. Estas, por sua vez, inseridas num campo religioso plural e competitivo, buscam manter sua plausibilidade e relevância. Neste contexto, observa-se o estabelecimento da lógica de uma economia religiosa, sob a qual se dá uma relação dialética entre as instituições religiosas, como ofertantes de bens simbólicos religiosos, e os indivíduos, enquanto demandantes. A questão problema abordada nesta dissertação refere-se aos motivos que levam as pessoas a mudarem de religiões, cultos ou igrejas. A hipótese considerada é a de que as pessoas transitam pragmaticamente entre instituições religiosas na busca da satisfação de necessidades da vida cotidiana. Foram realizadas pesquisas secundárias em bibliografias das Ciências da Religião, além de um estudo empírico de caso numa igreja pentecostal de Goiânia/GO, que envolveu lideranças religiosas e frequentadores. Os objetivos deste trabalho foram identificar os motivos prevalentes para o trânsito religioso, identificar os grupos religiosos envolvidos, conhecer o perfil das pessoas que realizaram o trânsito, identificar fatores expulsos de suas igrejas de origem, bem como conhecer os fatores atratores para a instituição religiosa atual. Os resultados confirmaram a hipótese. Dentre os principais motivos prevalentes identificados, destaca-se a mudança de endereço/localização. Quanto aos principais fatores expulsos identificados, merece destaque a “discordância com ensinamentos, normas e/ou práticas da igreja” e “problemas de relacionamento/decepção com irmãos e/ou líderes”. Quanto aos principais fatores atratores, os mais indicados foram a “qualidade dos relacionamentos entre as pessoas” e a “influência de amigos e familiares. A Igreja Católica foi a instituição religiosa que mais cedeu adeptos, porém foram os Evangélicos, enquanto um dos grandes grupos religiosos (segundo a classificação do IBGE), de onde originou maior parte do trânsito. A maioria das pessoas que praticaram trânsito religioso é do sexo feminino, casada, trabalhadora com carteira assinada, com renda entre 1 e 3 salários mínimos, nascida em Goiânia/GO, frequenta as principais programações da igreja, participa da igreja há mais de 3 anos e se reconhece como membro da igreja.

Palavras-chave: trânsito religioso, campo religioso, economia religiosa, motivações para o trânsito.

ABSTRACT

JESUS, Welton Lourenço Calháo de. *Religious transit: a case study in a Pentecostal church in Goiânia / GO*. (MS). Pontifícia Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 2016.

The religious transit, understood as the flow of people, beliefs and practices of religious institutions, constitutes a phenomenon intensified in postmodernity. Individuals, exercising their autonomy to choose their religious symbolic universe, it is assumed subject of faith itself, independently of religious bodies. These, in turn, set in a plural and competitive religious field, seek to maintain its plausibility and relevance. In this context, there is the establishment of the logic of a religious economy, under which it gives a dialectical relationship between religious institutions, as providers of religious symbolic goods, and individuals as plaintiffs. The question problem approached in this essay refers to the reasons that lead people to change religions, cults or churches. The hypothesis made is that people move pragmatically between religious institutions in the pursuit of the satisfaction of needs of everyday life. Secondary research was conducted in bibliographies of religious studies, as well as an empirical case study in a Pentecostal church in Goiânia /GO, which involved religious leaders and goers. The objectives of this study were to identify the prevalent reasons for the religious transit, identify the religious groups involved, know the profile of the people who made the traffic, identify ejector factors of their home churches as well as know the attractor factors to the current religious institution. The results confirmed the hypothesis. Among the main prevalent reasons identified, there is a change of address/location. As for the main ejector factors identified, stands out the "disagreement with teaching, standards and/or practices of the church" and "relationship problems/disappointment with brothers and/or leaders." As for the main attractor factors, the most suitable were the "quality of relationships between people" and the "influence of friends and family". The Catholic Church was the religious institution that gave more followers, but were Evangelicals, as one of the major religious groups (according to the classification of the IBGE), from which originated most of the traffic. Most of the people who practiced religious transit is female, married, working with a formal contract with income between 1 and 3 minimum wages, born in Goiânia/GO, attends the main programs of the church, takes part of the church for more than 3 years and is recognized as a member of the church.

Keywords: religious transit, religious field, religious economy, motivations for transit.

LISTA DE ABREVIATURAS

CAP	Centro de Atendimento Psicoterapêutico
CEEL	Centro de Excelência da Luz
CERIS	Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais
FAPEG	Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Goiás
ICEB	Igreja Cristã Evangélica do Brasil
IEAD	Igreja Evangélica Assembléia de Deus
MDA	Modelo de Discipulado Apostólico
MLP	Ministério Luz Para os Povos
MSBC	Ministério São Bernardo do Campo
PUC/GO	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS

Figura 1:	Padrões de Migração entre Religiões.....	58
Figura 2:	Culto Dominical na Igreja Sede	77
Figura 3:	Distribuição de Igrejas do MLP pelo Brasil	79
Figura 4:	Culto Dominical na Igreja Pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União	81
Figura 5:	Diagrama de fluxo do trânsito religioso de entrada na igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União.....	112
Tabela 1:	Participação relativa da População por Religião – Brasil 1940 – 2010 .	57
Tabela 2:	Motivadores da Busca Religiosa	67
Tabela 3:	Motivação para o Trânsito Religioso – Comparação entre Homens e Mulheres	69
Tabela 4:	Trânsito religioso por faixa etária.....	103
Tabela 5:	Escolaridade.....	104
Tabela 6:	Ocupação ou trabalho	105
Tabela 7:	Estado de nascimento	106
Tabela 8:	Faixa de rendimentos mensais.....	107
Tabela 9:	Principais motivos para afastamento da religião, culto ou igreja anterior	115
Tabela 10:	Outros fatores que contribuíram para o afastamento da última religião,culto ou igreja.....	120
Tabela 11:	Fatores que atraíram para o Ministério Luz Para os Povos da Vila União	121

Tabela 12: Fatores que influenciaram na escolha do Ministério Luz Para os Povos da Vila União após visita a outros grupos religiosos.....	124
Tabela 13: Aspectos da estrutura física que influenciaram na decisão	124
Tabela 14: Tempo de participação no Ministério Luz Para os Povos da Vila União	126
Tabela 15: Frequência de participação nos cultos, reuniões e/ou atividades.....	127
Tabela 16: Participação em outros grupos religiosos	128
Gráfico 1: Já frequentou outras religiões, cultos ou igrejas?	100
Gráfico 2: Qual seu sexo?.....	101
Gráfico 3: Estado Civil.....	102
Gráfico 4: Cor ou raça declarada pelas pessoas que praticaram trânsito religioso	108
Gráfico 5: Religiões, cultos ou igrejas citadas como frequentadas antes do Ministério Luz Para os Povos	109
Gráfico 6: Religiões, cultos ou igrejas citadas como últimos pontos de origem antes do Ministério Luz Para os Povos.....	110
Gráfico 7: Considera-se membro da Igreja Pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União?	127

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I. A RELIGIÃO NA PÓS-MODERNIDADE	17
1.1 Traços Marcantes da Modernidade Ocidental Européia	18
1.2 A Modernidade, Pós-Modernidade e a Secularização nos Dias Atuais	21
1.3 A Atividade Religiosa sob a Lógica da Economia Religiosa	28
1.3.1 O lado da oferta: pluralismo religioso.....	31
1.3.2 O lado da demanda: o sujeito religioso, comportamento e características ..	36
1.3.2.1 A constituição do sistema de crenças do sujeito religioso num contexto de trânsito religioso.....	39
1.4 A Conversão num Contexto de Trânsito Religioso	44
CAPÍTULO II. TRÂNSITO RELIGIOSO: CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO ...	49
2.1 Trânsito Religioso: Acepção e Uso do Termo.....	49
2.2 Tipologias do Trânsito Religioso.....	52
2.3 Trânsito Religioso no Brasil: O Panorama Atual.....	56
2.4 Motivos Para o Trânsito Religioso sob a Perspectiva do Sujeito Religioso	61
CAPÍTULO III. TRÂNSITO RELIGIOSO NA IGREJA PENTECOSTAL MINISTÉRIO LUZ PARA OS POVOS	75
3.1 Origens e Características da Instituição Religiosa.....	76
3.2 Percepção das Lideranças sobre o Trânsito Religioso	83
3.2.1 A racionalidade empresarial na atuação da igreja	91
3.2.1.1 Problemas na aplicação da racionalidade empresarial.....	94
3.2.2 Análise da perspectiva das lideranças sobre o trânsito religioso.....	96
3.3 O Trânsito Religioso na Perspectiva dos Frequentadores da Igreja.....	99
3.4 Síntese do Trânsito Religioso na Igreja Pentecostal Luz Para os Povos da Vila União	130
CONCLUSÃO	134

REFERÊNCIAS	141
APÊNDICES	147
Apêndice I – Roteiro de Entrevista	148
Apêndice II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Lideranças)	150
Apêndice III – Questionário para Frequentadores.....	152
Apêndice IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Frequentadores)....	155
Apêndice V – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Responsáveis legais) ..	157
Apêndice VI – Termo de Assentimento	159
ANEXOS	161
Anexo I – Boletim Informativo – Capa	162
Anexo II – Aprovação da Pesquisa pelo Comitê de Ética	163
Anexo III – Capa do Livro “ <i>Uma Vida de Milagres</i> ”	164

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema do trânsito religioso começou na ocasião de meus estudos no bacharelado em Teologia da Faculdade Unida de Vitória, momento em que tive contato com os primeiros artigos que tratavam do fluxo de fiéis entre as religiões. Despertava minha curiosidade, em específico, os motivos que levavam as pessoas a mudarem de religião. Ao mesmo tempo, também em função de minha formação em Administração de Empresas, surgiu o interesse em saber como as instituições religiosas, enquanto empreendimentos humanos, organizavam-se para se ajustar ao trânsito religioso, a fim de manter seus adeptos, ou mesmo, para captar os adeptos em outras religiões. Tais interesses de investigação não se encaixavam, necessariamente, no conjunto de temas estudados pela Teologia.

Durante o processo de preparação para a seleção no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO), busquei resgatar as inquietações anteriores sobre o fenômeno do trânsito religioso e, agora com melhor encaixe na área de estudo das Ciências da Religião, surgiu o projeto de pesquisa que deu origem à presente dissertação.

Ao aprofundar as pesquisas exploratórias sobre o trânsito religioso, percebi que a circulação de pessoas, ideias e crenças entre instituições religiosas têm se acentuado, no Brasil, nas últimas décadas. Este trânsito religioso tem sido confirmado tanto pelos Censos Demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, como por outros estudos mais específicos sobre o tema.

Nesse contexto, a presente dissertação é fruto da pesquisa cujo título é o “Trânsito religioso: um estudo de caso em uma igreja pentecostal de Goiânia/GO”. A igreja escolhida para realização do estudo empírico de caso foi a igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos, localizada no bairro Vila União, em Goiânia. A Vila União é um tradicional bairro situado na região Sudoeste da capital de Goiás, fundado há mais de 50 anos para pessoas de baixa renda e, atualmente, constituído por famílias de classe média. Possuindo cerca de 400 membros, a igreja Luz Para os Povos da Vila União é, no jargão evangélico, uma “igreja local” (pertencente ou filiada) de uma instituição religiosa iniciada, em Goiânia, no ano de 1987, cuja “igreja sede” se situa no Setor Fama em Goiânia. Esta instituição religiosa possui, atualmente, 245 igrejas filiadas, sendo 143 no Brasil (Goiás e demais Estados

brasileiros) e 102 em outros países. Esta instituição religiosa, conforme estimativa da própria igreja sede, possui, atualmente, cerca de 18.000 membros.

A escolha da igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União, foi influenciada pelo fato do líder daquela igreja ter se mostrado receptivo e aberto ao projeto de pesquisa, em função de minha família ter frequentado aquela igreja até o ano de 2013.

A inquietação em relação ao tema implicou em sua problematização através da seguinte pergunta: “o que leva as pessoas a mudarem de religião?”. A hipótese trabalhada foi a de que “as pessoas transitam pragmaticamente entre as instituições religiosas na busca de satisfazer necessidades da vida cotidiana”. O trânsito não seria motivado, portanto, por preocupações com a vida eterna, mas por motivos ligados ao mundo material, ao aqui e agora. Seguindo esta linha de raciocínio, o principal objetivo da pesquisa foi identificar os motivos que levaram as pessoas a saírem de onde estavam e irem para a igreja objeto do estudo de caso. Pretendeu-se, também, identificar por quais instituições religiosas a pessoa transitara na sua história pregressa; conhecer o perfil das pessoas que realizaram o trânsito; investigar outros fatores que influenciaram no afastamento das pessoas de suas religiões, cultos e igrejas de origem, bem como conhecer os fatores que influenciaram na atração para a igreja atual.

Acredito ser relevante tanto o tema como o estudo em si, haja vista que, embora existam importantes estudos sobre trânsito religioso, abordados no segundo capítulo, não encontrei publicações tratando deste tema, tendo como referência igrejas pentecostais de Goiânia. Além disso, é importante destacar que a instituição religiosa em questão é relativamente recente, surgiu na região Centro-Oeste (em Goiânia) e tem se revelando expressiva em termos de número de igrejas.

No primeiro capítulo, exponho um panorama geral sobre a influência da religião nas sociedades tradicionais e as transformações desencadeadas pela modernidade e pós-modernidade em seu paradigma da racionalidade, sobretudo no Ocidente Europeu, onde se observou de modo mais marcante o deslocamento do papel de centralidade que a religião ocupava. Em seguida, apresento considerações relativas ao processo de secularização e à religião num contexto de contemporaneidade ou pós-modernidade, também válidas para a sociedade brasileira, quando se percebe que muitas expectativas depositadas na modernidade não foram alcançadas. Para tanto, lanço mão de autores como P. Berger, D. Hevieu-Léger, M. Weber e A. F.

Pierucci, dentre outros. Ainda no primeiro capítulo, comento a perspectiva das atividades religiosas sob a lógica da teoria da Economia Religiosa, ligada aos nomes de R. Finke e R. Stark. São considerados tanto o lado da oferta, referindo-se às instâncias religiosas ofertantes de bens religiosos e ao pluralismo religioso, como o lado da demanda, onde se encontram os consumidores, representados pela figura do “sujeito da própria fé” ou “sujeito religioso”, seus comportamentos e características singulares inerentes à matriz religiosa brasileira. Para enriquecimento das discussões recorre-se a P. Bourdieu, Berger e J. Bittencourt, dentre outros. Dadas as características atuais tanto dos demandantes como dos ofertantes do mercado religioso, o primeiro capítulo se encerra com a discussão sobre a conversão e seu significado atual no contexto de trânsito religioso.

O segundo capítulo inicia pela caracterização do fenômeno a partir da acepção e uso do termo “trânsito religioso”, pela discussão de algumas tipologias de trânsito religioso e sua aplicabilidade no cenário contemporâneo. Para tanto, apóia-se nas contribuições de S. Souza e D. Hervieu-Léger. É apresentado, ainda, um panorama geral e atual do trânsito religioso no Brasil, onde são discutidos os dados estatísticos oferecidos, principalmente, pelos censos demográficos do IBGE, com comentários acerca dos principais destaques e a constatação da tendência de redução da população que se declara católica no país. O segundo capítulo se encerra com a apresentação de resultados de pesquisas sobre o trânsito religioso, realizadas por outros autores, sob a perspectiva declarada das pessoas que o viveram e praticaram. Tais resultados serviram de referência para as interpretações e conclusões acerca dos levantamentos obtidos junto à igreja objeto de estudo. Nesta parte do trabalho foi importante a contribuição de diversos autores que se dedicam ao tema, como: R. Almeida e P. Montero, R. Campana, S. R. Fernandes e M. Pitta, S. Souza, H. Freitas, E. R. Costa e A. Bartz.

No terceiro e último capítulo, apresento aspectos específicos do trânsito religioso resultantes do estudo empírico de caso na igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União. Para tanto, foram investigados dois públicos específicos: as lideranças, tanto da igreja sede como da igreja da Vila União, e os frequentadores dos cultos de domingo da igreja da Vila União.

Para realizar a investigação junto às lideranças, entrevistei cinco líderes, incluindo o fundador da instituição religiosa, Apóstolo Sinomar Fernandes da Silveira, e o pastor responsável pela igreja da Vila União, o Bispo Gilmar Martins

Ferreira. Para a investigação junto aos frequentadores dos cultos de domingo na igreja da Vila União, por sua vez, distribuí 250 questionários constituídos por perguntas abertas, semi-abertas e fechadas. Do total distribuído, foram devolvidos e validados 78 questionários. Tais questionários permitiram conhecer o perfil das pessoas que praticaram trânsito religioso, suas instituições de origem, os motivos e demais fatores que contribuíram para o trânsito, além de características de comportamento em relação à instituição religiosa.

Subsidiado pelas fontes ora citadas, o terceiro capítulo inicia com a caracterização da igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos, origens e estruturação administrativa, tanto da igreja sede como da igreja da Vila União. Prossegue com a apresentação da percepção das lideranças sobre os motivos para o trânsito religioso e sobre as estratégias para atração, relacionamento e manutenção de membros. Trata, ainda, da aplicação da racionalidade empresarial na atuação da igreja, dos problemas observados em tal abordagem e traz considerações críticas às opiniões das lideranças. O terceiro capítulo continua com a apresentação de gráficos e tabelas, seguida pela análise dos dados levantados junto aos frequentadores, revelando os principais motivos para o trânsito religioso, o elenco de fatores que contribuíram para a partida das instituições religiosas de origem e dos fatores que atraíram as pessoas para a igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União. Por fim, o terceiro capítulo se encerra com uma síntese dos resultados obtidos com as pesquisas desenvolvidas, junto às lideranças e aos frequentadores da igreja.

Na conclusão da dissertação, busco estabelecer, de modo mais específico, conexões entre os resultados apresentados no terceiro capítulo e o arcabouço teórico, presente no primeiro e segundo capítulos.

A presente dissertação não tem a pretensão de esgotar o tema do trânsito religioso. Espera-se que contribua para ajudar a trazer luz sobre um fenômeno que vem ganhando destaque e merecendo atenção nos censos demográficos do país. Espera-se, ainda, que se constitua como contribuição acadêmica aos estudiosos das Ciências da Religião por tratar de um tema emergente, no âmbito do campo religioso contemporâneo associado a uma instituição religiosa pouco estudada.

Agradeço a todas as lideranças e frequentadores que se colocaram à disposição, cada qual à sua maneira, para contribuir com a realização do presente

estudo. Agradeço, em especial, ao Apóstolo Sinomar Fernandes da Silveira e ao Bispo Gilmar Martins Ferreira, que foram solícitos em disponibilizar dados e em conceder as entrevistas.

Por fim, é importante registrar que o presente trabalho só foi possível graças ao apoio financeiro, por meio de bolsa de estudos oferecida ao pesquisador pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), também merecedora de meu reconhecimento e gratidão.

CAPÍTULO I

A RELIGIÃO NA PÓS-MODERNIDADE

Na perspectiva pré-moderna ou tradicional do mundo, a explicação sobre a realidade das coisas e dos seres humanos estava sob a tutela da religião. Conforme Cox (1968, p. 32), “o homem pré-secular vive numa floresta encantada. [...] A realidade está carregada de poderes mágicos que surgem aqui e ali para ameaçar ou beneficiar o homem.” Nesse contexto, a religião era responsável por prover respostas às sociedades, servindo de parâmetro central para as artes, para a economia, para a política e “o ser humano se valia das explicações religiosas para dar sentido ao todo de sua existência” (SILVA E SANTOS, 2010, p. 24).

A oferta de sentido para as pessoas, proporcionada pela religião, constitui algo de importância fundamental. Conforme explica Berger (1985, p. 34 - 35), a sociedade é guardiã do sentido e da ordem, não só de modo objetivo, mas também subjetivamente, no âmbito da estruturação da consciência individual. Em outras palavras, a sociedade serve como um escudo contra o terror representado pela anomia (ausência de sentido), representada por situações marginais da existência humana que revelam a precariedade dos mundos sociais (como a morte, por exemplo). Sintetizando este raciocínio, o autor afirma que “[...] todo nomos é um edifício levantado frente às poderosas e estranhas forças do caos” (BERGER, 1985, p. 36 - 40).

Nessa direção, continua o autor, a religião configura-se como o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado que fornece o “supremo escudo do homem contra o terror da anomia”. Assim, diante da precariedade dos mundos socialmente construídos, a religião dá legitimidade às realidades socialmente definidas, de modo bastante eficaz, uma vez que relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguidas pelas sociedades empíricas. O sagrado, presente na religião, passa a ser o alicerce das tênues realidades do mundo social, conferindo a elas a aparência de definitiva segurança e permanência. No âmbito individual, sua legitimação alcança até mesmo situações marginais, como a morte, inserindo-as num contexto de realidade sagrada de âmbito universal. A religião fornece ao mundo, portanto, por mais incongruentes que sejam as situações, uma base que pode ser denominada de plausibilidade.

Convergindo com este entendimento, Lemos (2012, p. 24), afirma que:

[...] a religião pode fornecer os elementos que garantem a nomia social, uma vez que ela é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos seres humanos através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral. [...] Ou seja, ela pode tanto fornecer a explicação e a justificação das relações sociais, como construir o sistema das práticas destinadas a reproduzi-las.

Portanto, enquanto fornecedora de nomia ao indivíduo e à sociedade, a religião sempre teve papel fundamental para o estabelecimento de um “nexo social de ordem simbólico-ritual, um cosmo sagrado que possibilite a geração de representações coletivas que ofereçam um sentido coletivo aos atores ou à sociedade” (LEMOS, 2012, p. 25).

Ocorre que, nas sociedades alcançadas pela modernidade, posto que não se trata de fenômeno presente em todos os lugares de modo homogêneo, aconteceram mudanças significativas na visão de mundo das pessoas, provocando rupturas com o paradigma de centralidade da religião.

1.1 Traços Marcantes da Modernidade Ocidental Européia

A modernidade é um processo complexo e multifacetado de transformações econômicas, políticas, culturais e religiosas que modificaram as estruturas sociais do Ocidente e cujas origens têm sido associadas já ao período de expansão marítima européia. Suas raízes alcançam e se nutrem da descoberta do Novo Mundo, do Renascimento Cultural, da Reforma Protestante, da Revolução Francesa, do Iluminismo e do Capitalismo.

A modernidade influenciou, em maior ou menor grau, todas as esferas sociais e isso se deu a partir de sua principal característica que é [...] colocar à frente, em todos os domínios da ação, a racionalidade, ou seja, o imperativo da adaptação coerente dos meios aos fins que se perseguem (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 31).

Para Weber (1982, p. 165), a racionalização significa a crença ou a expectativa de que, caso se deseje, é possível obter o conhecimento geral acerca das condições nas quais o homem vive. Inaugura-se, portanto, um longo e continuado processo de racionalização da vida que, conforme Zilles (2008, p. 38), “[...] antes de tudo, provocou uma mudança de atitude do homem ocidental frente ao mundo e frente a si mesmo”. O homem, gradativamente, passa a abandonar o papel de observador da realidade para assumir o papel de elemento ativo e transformador

dela. Emerge a individualidade ou a subjetividade daquele que pensa contra os argumentos da tradição e da autoridade religiosa.

O uso da racionalidade inicia um processo cultural que acaba por implicar numa consciência de que, ao ser humano, é possível obter, pelos meios da técnica e do cálculo, o conhecimento e a compreensão de sua realidade e do mundo, não havendo motivos para se recorrer a espíritos, mágicas ou quaisquer outros poderes misteriosos. A racionalidade apresenta-se como a chave para se esclarecer os mistérios. Nesse sentido, Weber (1982, p. 182) afirma que “o destino de nossos tempos é caracterizado pela racionalização e intelectualização e, acima de tudo pelo ‘desencantamento do mundo’”. Ranquetat Jr. (2008, p. 4) explica que o desencantamento do mundo pode ser entendido sob duas perspectivas complementares. Por um lado, refere-se ao poder da ciência instrumental moderna de explicar, dominar e transformar o mundo pelo cálculo. Por outro, diz respeito à rejeição da magia sacramental como instrumento de salvação a qual a religião torna possível a partir do uso da racionalidade, tendo em vista a distinção que Weber fazia entre religião e magia.

Conforme Silva e Silva (2009, p. 297), no âmbito da economia, a racionalização provocou a extinção do paradigma de relacionamento feudal e a implantação de formas de produção capitalistas, lastreada por técnicas racionais de administração e pelo trabalho assalariado, plasmando-se no Capitalismo. No âmbito da Política, a racionalização se faz presente, inserida na figura do Estado Moderno, com forças militares permanentes e administração burocrática racional. O Direito e a Justiça passaram a fundamentar-se em bases racionais e regras estabelecidas pelos cidadãos, abandonando-se o Direito divino. De acordo com os autores, no âmbito da cultura, passou-se a entender o mundo sob o prisma da razão instrumental, tornando-se desnecessário recorrer-se a mitos ou superstições e instaurando o “reino da razão”. A ciência e a técnica aplicadas à produção passaram a alimentar a esperança de prosperidade e justiça crescentes.

Neste ponto, parece adequado recorrer às observações de Campana (2002, p. 19) que, contemplando a complexidade do “projeto” da modernidade, evidencia seus dois pilares, o da regulação e o da emancipação. O pilar da regulação constitui-se a partir dos princípios do estado, do mercado e da comunidade. O pilar da emancipação, por sua vez, constitui-se por três lógicas de racionalidade, a saber: a racionalidade estética, a racionalidade moral da ética e do direito e a racionalidade cognitivo-instrumental da ciência e da técnica. Sobre tais pilares é que se

desenvolveu a esperança de um estado justo e socialmente próspero, renovando-se e superando-se positiva e progressivamente.

Pode-se afirmar que no campo da religião, o aludido processo de racionalização foi impactante. No início apresentou-se como uma das variáveis presentes na própria Reforma Protestante, considerando que “a reflexividade sistemática gera relações críticas às tradições ao questionarem [suas] práticas” (WILLAIME, 2012, p. 166). Porém, como lembra Silva e Silva (2009, p. 298), “na Reforma havia ainda o dogma do pecado original, os pavores e as incertezas da predestinação”, dados incompatíveis com o “projeto” da modernidade, pelo qual se julgou não se precisar mais de Deus e de religiões reveladas.

Percebeu-se, em tal cenário, o divórcio entre religião e ciência (esta segunda, antes, embutida na religião) pela crença de que “somente a razão é capaz de dissipar as trevas da ignorância e do mistério, combater o nepotismo e a superstição religiosa e conquistar dias melhores para a humanidade” (ZILLES, 2008, p. 38).

No campo das artes, antes também embutidas na religião, observou-se a crescente desvinculação, deixando de prescindir dos limites e recursos da religião, encontrando formas próprias de sustentação, “[...] primeiro com o mecenato e posteriormente com a formação do mercado consumidor de arte, permitindo que o artista possa viver de modo independente de sua relação com a religião e com o mecenas” (SILVA e SILVA, 2009, p. 298).

O comportamento moral, também, foi separado da religião. Além das questões relativas ao Direito e à Justiça, já citadas, o “Ocidente começou desde então a acreditar que uma pessoa, para ser boa, não precisaria necessariamente ser religiosa” (SILVA e SILVA, 2009, p. 298). Passou-se a considerar a possibilidade, muito plausível, de que pessoas religiosas poderiam ser moralmente condenáveis, enquanto pessoas sem religião, poderiam ser racionalmente boas.

As sociedades modernas passaram a experimentar uma organização social caracterizada pela diferenciação das instituições. Conforme explica Hervieu-Léger (2008, p. 33):

Nessas sociedades, o político e o religioso se separam; o aspecto econômico e o doméstico se dissociam; a arte, a ciência, a moral, a cultura constituem igualmente registros distintos [...] Cada uma dessas esferas funciona segundo uma regra do jogo que lhe é própria: a lógica do político não se confunde com a da economia ou com a das ciências; o domínio da moral não é regido pelas mesmas regras da arte.

E, com a diferenciação das instituições, a modernidade trouxe a separação entre Estado e Igreja, governo e religião, pela diferenciação entre suas finalidades, objetos e instrumentos. Como esclarece Reis (2012, p. 112), as sociedades eclesiais “[...] diferenciam-se do Estado não só pela sua finalidade, mas também pelo fato de não poderem recorrer à força contra seus membros, mas apenas à exortação e à excomunhão”. Nas sociedades modernas, por conseguinte, a Igreja perde o poder de coerção para exigir a adesão das pessoas, devendo tal adesão ser voluntária. Perde, também, a característica de oficialidade e, de certa forma, de “monopólio” da oferta de bens simbólicos. Passa-se a conhecer o chamado Estado laico.

Diante do exposto até aqui, nota-se que a instituição religiosa, que antes abarcava e/ou influenciava de forma determinante todas as esferas sociais, num contexto de modernidade, assiste seu enfraquecimento enquanto instituição detentora do papel de principal referencial ético-cultural da sociedade. A religião desloca-se de sua posição central, seus preceitos deixam de ser a base da organização social e perde seu poder estruturante nas sociedades modernas ocidentais. Surge no horizonte da modernidade o que estudiosos do tema denominam de secularização.

1.2 A Modernidade, Pós-Modernidade e a Secularização nos Dias Atuais

É difícil negar que o papel da religião mudou drasticamente em relação ao período pré-moderno, nas sociedades tradicionais, e perdeu o monopólio da produção de sentido, mesmo tendo em mente que a modernidade, enquanto processo abrangente e complexo, não ocorre de modo homogêneo em todos os lugares. No entanto, é lícito problematizar sobre até onde alcançou a transformação do papel da religião na sociedade. O “projeto” da modernidade teria condenado a religião ao desaparecimento? Daí a necessidade de se aprofundar a discussão sobre o processo da secularização.

Na linha do significado do termo e sua trajetória de uso, vale recorrer à interessante síntese do pensamento de diversos autores, elaborada por Freitas e Souza (2013, p. 47):

Quando iniciado seu uso, o termo secularização referia-se à transferência de um clérigo regular ao estado de laicidade ou secular. Mais adiante, o conceito passou a ser direcionado ao ato de subtração de territórios do controle eclesial. Desse conceito jurídico-político, o termo passou ao campo

filosófico-ideológico com a impulsão de grupos do processo de afirmação da burguesia. Assim, esses grupos agiam de modo a reduzir a influência da igreja nos setores sociais, especialmente nos campos da educação e da cultura. Hoje, o termo é usado como referência ao processo de autonomia da sociedade, que deseja orientar-se a si mesma [...].

Verifica-se que a secularização é um processo abrangente, intimamente relacionado ao avanço da modernidade e que vai muito além de um processo puramente socioestrutural. Engloba influências que vão do âmbito jurídico-político, passando pelo campo filosófico-ideológico e alcançando a percepção de mundo das pessoas, que acaba por influenciar na forma da sociedade pensar a si mesma em termos de autonomia.

Uma explicação muito utilizada na atualidade sobre secularização é a de Berger (1985, p. 119), para quem tal fenômeno trata-se de um:

[...] processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Quando falamos sobre a história ocidental moderna, a secularização manifesta-se na retirada das Igrejas cristãs de áreas que antes estavam sob seu controle ou influência: separação da Igreja e do Estado, expropriação das terras da Igreja, ou emancipação da educação do poder eclesiástico, por exemplo.

Em seu texto, o autor esclarece, linhas adiante, que há na secularização um lado subjetivo, um tipo de secularização da consciência que vai além da secularização da cultura e da sociedade. No espectro da modernidade, o ocidente estaria constituído por pessoas que não se valem das interpretações religiosas para perceberem suas realidades de mundo.

Convergindo com tal posicionamento, Pierucci (1997, p. 100 - 103) afirma que a religião perdeu sua posição axial pela autonomização das diversas esferas da vida social da tutela, reduzindo o controle da hierocracia. Para o autor, a secularização indica o declínio da religião.

No entanto, a religião continua forte em muitas sociedades. Neste contexto, vale destacar que, embora geralmente haja concordância em relação à conceituação geral da secularização, não há consenso pleno entre seus estudiosos, na aplicação do termo, principalmente no que tange ao declínio e desaparecimento da religião nas sociedades modernas, inseridas num processo de secularização. E essa discordância dá margem para se discutir o andamento do processo de modernização nos dias atuais e o surgimento da pós-modernidade no horizonte. Para tanto, há que se fazer um breve balanço de como se pode ver o andamento do

“projeto” da modernidade na atualidade, tendo sempre em mente que, assim como a modernidade, a secularização, enquanto fenômenos entrelaçados, não são homogêneos e uniformes em todas as regiões do mundo.

Pensando-se nas mudanças proporcionadas pela modernidade, no contexto exposto até aqui, pode-se afirmar que, em certos aspectos, é inegável que as instituições sociais modernas trouxeram para os seres humanos uma vida mais segura e confortável. Muitos foram os avanços nos campos da economia, ciência, cultura e política. Pode-se destacar que o desenvolvimento tecnológico, juntamente com os processos de industrialização, encurtou distâncias e proporcionou às pessoas o acesso a bens e produtos de modo nunca antes visto. Os meios de comunicação evoluíram e integraram nações superando a barreira que a distância, outrora, representava. Descobriu-se a cura para diversas doenças e a expectativa de vida nunca foi tão alta.

Por outro lado, enquanto fenômeno social de grande magnitude, a modernidade também trouxe efeitos indesejáveis. Para Silva e Santos (2010, p. 27),

[...] o antropocentrismo iluminista, a secularização e os avanços científicos tiveram efeitos colaterais. O século XX foi palco de muitas decepções. Apesar do avanço científico, as guerras, a fome, a miséria, as injustiças e muitas doenças ainda são resultados das ações humanas.

Convergindo com o entendimento de Silva e Santos, deve-se reconhecer que as sociedades chegaram ao final do século XX tendo em seu histórico o saldo de duas guerras mundiais (e o horror do holocausto), inúmeros conflitos violentos entre nações pelo mundo afora, totalitarismos, desigualdade e miséria não resolvidas, uma fortíssima sensação de incertezas, além da elevada carência de respostas às questões existenciais que sempre intrigaram a humanidade.

Na segunda metade do século XX, alguns pensadores, começaram a se perguntar se o Iluminismo não teria sido um “terrível engano e se a moderna sociedade industrial não estava operando apoiada num modelo de controle racional que iria coisificar a existência humana e, com isso, destruí-la” (BAUM 1992, p.792). Parece que a modernidade, com o império da razão instrumental, desassociada do *ethos* anteriormente proporcionado pela Religião, acabou por não cumprir muitas das promessas que implicitamente carregava enquanto utopia.

Resgatando-se a percepção de Campana (2002, p. 19), citada linhas atrás, parece ter havido um desequilíbrio em relação aos pilares sobre os quais se

desenvolveu o “projeto” da modernidade e a esperança de um estado progressivamente justo e próspero. No que tange ao pilar da regulação, observa-se que, atualmente, há uma sobreposição das forças de mercado sobre o estado e a comunidade. Para Campana (2002, p. 19-20), o princípio da comunidade,

[...] baseado na igualdade entre os homens e na organização soberana da sociedade, reduziu-se a um complexo jogo de interesses particulares organizados dentro de um conceito empobrecido de sociedade civil, manipulado pelas forças de mercado.

A interação entre os princípios do estado, do mercado e da comunidade, em função do desequilíbrio entre eles, tem resultado num indiscutível avanço e desenvolvimento da ciência e da técnica aplicada ao mercado, porém sem conduzir à construção de uma sociedade socialmente próspera.

No que tange ao pilar da emancipação e suas lógicas de racionalidade, pode-se afirmar que, na atualidade, percebe-se um aprofundamento do chamado “desencantamento do mundo” o que tem consequências importantíssimas. Lemos (2007, p.26) esclarece que:

Esse mundo sem encanto, sem magia, submetido ao cálculo e ao interesse, esvazia de significado a vida cotidiana dos homens. É o mundo da razão instrumental, da razão subjetiva, o mundo em que o Iluminismo ajudou a construir e cujo destino se mostra incerto em virtude do desenvolvimento a que essa racionalidade conduziu.

Sendo incapaz de prover satisfatoriamente de sentido o ser humano, considera-se que a Modernidade entrou em crise. Na atualidade, vivencia-se o período chamado por uns como pós-modernidade, por outros como hipermodernidade, modernidade tardia, ou ainda, modernidade líquida. Tal fenômeno,

apesar de denunciar a crise da modernidade, a pós-modernidade também não trouxe sentido, pelo menos por enquanto. Pelo contrário, anuncia a cada momento os sintomas da crise de sentido em todos os setores da sociedade, inclusive no campo religioso (OLIVEIRA, 2012, p. 3).

Considerando-se o desenraizamento da religião enquanto única responsável pelo provimento de sentido, promovido pela modernidade, e a aludida incapacidade desta última em alcançar as expectativas que suscitou, surge o indivíduo da pós-modernidade: livre para viver sua individualidade, buscar seu próprio conjunto de

significações e sentidos a partir de suas próprias experiências e sensações. Trata-se de um indivíduo para quem “[...] cada nova sensação deve ser mais irresistível do que a de antes, com a vertigem da experiência máxima, total, assomando sempre no horizonte”. (BAUMAN, 1998, p. 224).

Em meio à sua busca de sentido, o homem pós-moderno precisa viver sua rotina cotidiana para manter sua existência, inserido num cenário tecnológico que acaba por fomentar um ritmo/velocidade nunca antes experimentado pelos seres humanos. Neste contexto, a preocupação premente passa ser o aqui e o agora. A eternidade perde destaque, haja vista que “[...] antes de ter tempo de pensar na eternidade, a hora de dormir está chegando e, depois, um outro dia transbordante de coisas a serem feitas ou desfeitas” (BAUMAN, 1998, p. 210). Neste sentido,

a pós-modernidade põe a busca da salvação no presente, baseado em fortes sentimentos de prazer, debilita e relativiza as convicções éticas, centra a atenção mais nos direitos que nos deveres, leva a uma crise do amor e da sexualidade à perda do compromisso e da felicidade (GIDDENS, 1990; p. 217-218, *apud* CAMPANA, 2002, p. 24).

Diante do exposto, pode-se afirmar que o cenário vivenciado no mundo contemporâneo, de modo geral, acaba por alimentar a incerteza e a insegurança existencial. Mostrando-se incapaz de atuar como fornecedora eficiente e eficaz de nomia (sem o “supremo escudo do homem contra o terror da anomia”), a razão, a ciência e o “projeto” da modernidade como um todo, parecem deixar um vazio na estrutura de plausibilidade dos sujeitos que precisa ser preenchido. Em outras palavras:

Apesar de todo progresso e desenvolvimento científico e tecnológico – o qual, se supunha, conduziria o ser humano a um nível de conhecimento tal, possibilitando a afirmação e confirmação de seu posicionamento no mundo –, o que se constata é justamente o contrário. Embora tenha crescido o conhecimento, não foi suficiente para dar a segurança que a humanidade tanto buscava. A insegurança humana se verifica em vários setores da vida e, em especial, no que tange às questões existenciais (BRAGANÇA, 2009, p. 86).

Com a consolidação mal sucedida do “projeto” da modernidade, plasmado e denunciado na pós-modernidade, o indivíduo perdeu a antiga segurança que as estruturas religiosas garantiam ao servirem de âncora para as visões de mundo lastreadas em certezas subjetivas. Esse indivíduo pós-moderno existe numa pluralidade de esferas e papéis, muitas vezes conflitantes entre si, submerso num elevado grau de complexidade e com dificuldades de encontrar-se a si mesmo.

Sabendo-se livre, porém, vendo-se preso ao sistema como uma peça e/ou engrenagem e perdido num mundo de várias verdades. Verdades estas, temporárias e relativas. Assim, pode-se dizer que o homem da pós-modernidade vive assombrado pelas incertezas e padecendo de vazio espiritual e existencial.

Tal perspectiva, além de estabelecer um cenário que justifica o desconforto do homem na atualidade, permite retomar a discussão sobre a secularização.

Linhas atrás, foi dito que não há consenso entre os estudiosos, na aplicação do termo “secularização”, principalmente no que tange ao declínio da religião e ao próprio processo de secularização das sociedades modernas. Vale lembrar que não é difícil observar na atualidade o incremento gradativo das ofertas religiosas, figurando nesse contexto, o objeto principal de reflexão do presente estudo, que é o trânsito religioso.

Nessa discussão, Pierucci (1997, p. 99 - 117) entende que há elementos suficientes para se afirmar que na atualidade assistimos ao declínio da religião e que a manifestação secularizante não se trata de algo que se insere no campo da potencialidade de realização. Para o autor, trata-se de fenômeno dado e concreto. Como argumentação, cita fatores que julga como indicadores de uma sociedade secularizada. A primeira é o fato de que, cada vez mais, o carisma está restrito às esferas profanas, tais como no campo esportivo e do entretenimento. O autor destaca, também, que o chamado “dia do senhor”, de caráter central para a comunhão cristã, modernamente é vivenciado puramente como dia de lazer, sem caráter religioso, dedicado ao consumo e sem nenhuma referência moral ou ritual. Lembra que vivemos num mundo onde a sexualidade manifesta-se de modo intenso, fora da chave religiosa.

Pierucci argumenta, ainda, que em nossa sociedade desencantada, é a ciência que provoca assombro, medo e encantamento, oferecendo esperança real para as doenças e males físicos, enquanto que a religião, por sua vez, apresenta-se na sociedade atual como item de consumo. Por fim, destaca-se na argumentação do autor, a indicação que na atualidade o grande número de oferta religiosa que se observa acaba por promover a dessacralização da tradição além de implicar no enfraquecimento do compromisso religioso. Lembra que pluralismo religioso não é apenas resultado, mas fator de secularização crescente.

Em contraponto, Berger (2001, p. 9-24), embora reconhecendo que a secularização trata-se de um fenômeno perceptível na sociedade de modo geral, não

considera a possibilidade da extinção da religião. Em seu entendimento, o declínio da religião em função das forças da modernização, acaba por provocar movimentos de contra-secularização em todo o mundo, colocando tais movimentos em pé de igualdade com a secularização em termos de importância. Ressalta, ainda, que são os movimentos religiosos conservadores que estão crescendo significativamente. Justifica:

Na cena religiosa internacional, são os movimentos conservadores ortodoxos ou tradicionalistas que estão crescendo em quase toda parte. Esses movimentos são justamente aqueles que rejeitaram o “aggiornamento” [atualização] à modernidade tal como é definida pelos intelectuais progressistas. Inversamente, as Instituições e os movimentos religiosos que muito se esforçaram por ajustar-se ao que vem como modernidade, estão em declínio em quase toda parte (BERGER, 2001, p. 13).

O autor, ao reconhecer que em sua abordagem de contra-secularização ou ressurgência da religião haja exceções, como é o caso dos países europeus que apresentam indiscutível declínio da religião institucional, afirma que os fatores impulsionadores da contra-secularização nem sempre estão ligados diretamente à própria religião. A ressurgência religiosa estaria ligada, por exemplo, a questões econômicas, direitos humanos, justiça social, dentre outros.

Em síntese, para Berger, tendo sua perspectiva renovada a partir de seu contato com o Terceiro Mundo, a secularização acaba por revitalizar o “religioso”, desempenhando, ainda, um importante papel no oferecimento de sentido e de esperança ao indivíduo contemporâneo.

Considerando o exposto até o momento, parece adequado reconhecer que a religião efetivamente teve seu status alterado pela modernidade e alterada sua posição no sistema social; que a religião não acabou e tampouco há dados que indiquem o seu fim e que as sociedades contemporâneas estão indiscutivelmente impregnadas pela secularização em maior ou menor grau. Diante disso, parece pertinente a abordagem de Souza (2001, p. 158 – 159) que afirma não haver um declínio da religião nem tampouco um processo de “retorno do sagrado”. O que se evidencia, pelo prisma da autora, é a “recomposição do sagrado”, ou ainda, a “reinvenção do sagrado”. A grande oferta religiosa do mundo contemporâneo, a perceptível renovação dos interesses para com as questões espirituais e o trânsito religioso seriam, não o fim da secularização, mas o anúncio de sua complexidade; ou, em síntese:

[...] não uma negação da teoria da secularização, que postula o desencantamento progressivo do mundo, mas uma complexificação da mesma, intensificando a diluição da já efêmera linha divisória entre o profano e o sagrado (SOUZA, 2001, p. 163).

Ao comentar sobre o campo religioso contemporâneo, Velho (*apud* SOUZA, 2001, p. 164) assevera que a “diluição das fronteiras religiosas, a religião ‘sem lugar’, as formas religiosas híbridas, são produto desse mundo contemporâneo secularizado, e não sua negação”.

Em complementaridade ao posicionamento de Souza, destaca-se a percepção de Hervieu-Léger (2008, p. 41) sobre secularização:

[...] secularização não é, acima de tudo, a perda da religião no mundo moderno. É o conjunto dos processos de reconfiguração das crenças que se produzem em uma sociedade onde o motor é a não satisfação das expectativas que ela suscita, e onde a condição cotidiana é a incerteza ligada à busca interminável de meios de satisfazê-las.

Em que pese o fato da religião ter sido deslocada de uma posição central, enquanto principal ofertante de significado para as sociedades modernas, não se pode deixar de reconhecer que sua importância para preenchimento da sensação de vazio, diante da referida não satisfação das expectativas, continua presente, posto que o “projeto” da modernidade não conseguiu fazê-lo.

Considerando o caráter sistêmico e dinâmico das sociedades, um novo quadro religioso se desenhou diante do cenário, ora apresentado para suprimento das lacunas não preenchidas pela modernidade e denunciadas pela pós-modernidade. Tal quadro será tratado, a seguir, sob a lógica de mercado e a partir de duas vias de acesso: a oferta religiosa pela discussão do pluralismo religioso e conceitos inter-relacionados e a demanda religiosa, tendo-se em mente o comportamento e as características do sujeito da própria fé ou sujeito religioso contemporâneo.

1.3 A Atividade Religiosa sob a Lógica da Economia Religiosa

Após a discussão acerca da secularização, parece-nos que ficou evidenciado que a religião não foi anulada no contexto das sociedades alcançadas pela modernidade. A religião e suas expressões institucionalizadas não desapareceu. Em algumas sociedades, pelo contrário, cresceu em diversidade. A religião, portanto, teve seu papel alterado, passando a atuar dentro de novas lógicas de suprimento e satisfação das carências do indivíduo pós-moderno no que tange a ofertas simbólicas. Nesse sentido, uma abordagem que vem sendo utilizada na atualidade é a de Finke e Stark, que insere a religião na lógica da economia religiosa. Porém, antes de se tratar diretamente desta perspectiva, é produtivo citar as abordagens

de Bourdieu e Berger, autores contemporâneos que tratam do funcionamento da religião, fazendo analogias com o funcionamento do mercado.

Pela perspectiva de Bourdieu (2007, 56 – 57), os leigos e as instituições religiosas estão inseridos num campo religioso, no qual existe a concorrência pelo monopólio da gestão de bens de salvação. Em tal campo interagem, de um lado, a demanda religiosa, representada pelos interesses religiosos dos leigos e, de outro, a oferta religiosa, representada pelos serviços religiosos, oferecidos pelas diferentes instâncias religiosas presentes no campo. A atuação das instâncias religiosas, neste contexto, depende do capital religioso que possuem e que está diretamente associado à capacidade de mobilização de grupos de leigos e suas respectivas forças materiais e simbólicas. O estado exerce influência neste campo por meio de maior ou menor regulação.

Nas sociedades alcançadas pela pós-modernidade, o estado deixa de regular e determinar a religião oficial, extinguindo o monopólio religioso. Referindo-se à ausência de monopólio religioso e, seguindo pelo raciocínio da analogia de mercado, Berger (1985, p. 149) afirma:

A submissão é voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser colocada no mercado. Ela tem que ser “vendida” para uma clientela que não está mais obrigada a “comprar”. A situação pluralista é, acima de tudo, uma situação de mercado. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se comodidades de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica da economia de mercado.

Por este prisma, o indivíduo que procura uma instituição religiosa, passa a assumir o papel de cliente, consumidor. Percebe-se, em tal situação, o esforço das instituições religiosas em atender à demanda religiosa, dando margem àquilo que Bourdieu (2007, p. 57 - 58) trata de relações de concorrência, que opõem às diferentes instâncias religiosas no interior do campo religioso. Esta concorrência acaba por estabelecer uma nova dinâmica no aludido campo religioso, podendo ensejar o fenômeno do trânsito religioso e inaugurando um ciclo de mútua retroalimentação.

Já para os estudiosos da linha da economia religiosa, as atividades religiosas são tratadas de modo ainda mais diretamente relacionado à economia e ao mercado. Para Finke e Stark (2003, p. 100), economia religiosa representa

[...] as atividades religiosas que acontecem em qualquer sociedade, incluindo um mercado de atuais e potenciais adeptos, um conjunto de uma ou mais organizações procurando atrair ou manter adeptos, e a cultura religiosa oferecida por essas organizações.

Tal conceito coloca num mesmo cenário, o de mercado, as instâncias religiosas enquanto ofertantes e os adeptos, enquanto demandantes de bens religiosos, tal qual acontece numa economia comercial.

Complementando o entendimento sobre esta perspectiva, Lechner (2003, p. 81), afirma que a economia religiosa baseia-se na teoria da escolha racional que, por sua vez, defende que a atividade religiosa é inerentemente racional. Ao assumir uma crença religiosa ou escolher uma igreja, as pessoas estariam fazendo uma escolha racional, pesando custos e benefícios, levando em consideração as ofertas produzidas por organizações religiosas, numa relação entre consumidores e produtores de bens religiosos existentes num mercado ou, em outras palavras, numa economia religiosa. Acerca da perspectiva da Economia Religiosa e da teoria da Escolha Racional, Oliveira *et al* (2011, p. 4) esclarecem:

[...] pode-se afirmar que as pessoas fazem suas escolhas religiosas como elas o fariam em qualquer situação em que se vissem confrontadas com a necessidade de fazerem quaisquer outras escolhas, avaliando custos e benefícios de modo a maximizar sua utilidade. Essas escolhas não necessitam ser irreversíveis, o que significa dizer que as pessoas, eventualmente, podem mudar suas opções religiosas ou seus níveis de compromisso religioso ao longo do tempo. De modo semelhante a outros mercados, a liberdade que os consumidores têm de escolha impõe restrições aos produtores de religião, determinando o conteúdo das *commodities* religiosas, bom como a estrutura das instituições responsáveis pelo seu fornecimento.

Tal abordagem dá margem ao entendimento de que, na busca da maximização dos benefícios almejados, as pessoas podem ajustar a intensidade de compromisso, ou mesmo, vir a transitar entre as religiões disponíveis no mercado religioso. O trânsito religioso estaria, então, diretamente relacionado à busca pela maximização de benefícios e resultados almejados pelo consumidor. Além disso, pode-se estabelecer uma relação entre o perfil das *commodities* religiosas ofertadas e as necessidades dos consumidores demandantes, de tal forma que “[...] serão aquelas organizações mais eficientes que irão permanecer e crescer ao longo do tempo” (OLIVEIRA *et al*, p. 4).

Entendendo que a abordagem da atividade religiosa sob a lógica da Economia Religiosa oferece possibilidades de se explorar o tema do trânsito

religioso, serão apresentadas, a seguir, perspectivas sobre a oferta de bens religiosos, referindo-se ao pluralismo religioso, e sobre a demanda, referindo-se ao consumidor de bens religiosos enquanto sujeito da própria fé ou, ainda, sujeito religioso.

1.3.1 O lado da oferta: pluralismo religioso

Tanto os Censos Demográficos do IBGE, como outras pesquisas sobre trânsito religioso ou sobre temas adjacentes, evidenciam inegavelmente uma crescente pluralização de opções religiosas no Brasil. Nas linhas a seguir, por uma questão de organização das considerações, serão apresentadas reflexões sobre o pluralismo religioso presente no ambiente das instituições religiosas produtoras e ofertantes de bens simbólicos religiosos.

Para se falar de pluralismo religioso, parece oportuna a metáfora apresentada por Fernandes e Pitta (2006, p. 145) acerca do fenômeno facilmente observável nos dias atuais:

[...] o bolo das religiões pode ser dividido em muitas fatias, compartilhado por diferentes convidados e confeccionado com uma gama cada vez mais original de ingredientes. Plural é a situação moderna num mundo de múltiplas alternativas.

Parece também adequada a relação estabelecida entre pluralismo religioso e a modernidade, haja vista que foi a eliminação do monopólio de uma única Igreja enquanto instituição oficial nas sociedades modernas que permitiu o surgimento de outros grupos religiosos institucionalizados. Convergindo com tal entendimento, Steil (2001, p. 116) afirma:

Na medida em que a religião deixa de ser fundante do social, enquanto sua base ou forma de organização, ela permite a emergência de diferentes grupos religiosos que irão atuar no nível da cultura e do conhecimento. [...] A pluralidade e fragmentação religiosa, portanto, são frutos da própria dinâmica moderna.

É lícito destacar que o fenômeno do pluralismo não é privilégio da modernidade. Para Dupuis (2004, p. 273) pluralismo não é algo novo, já que desde

[...] a idade apostólica, o cristianismo nascente teve de por a sua mensagem primeiro em relação ao judaísmo de que tinha nascido, depois em relação às outras religiões que encontrou em seu caminho.

Tal exemplo dá margem ao autor para firmar que

[...] o que é novo é a consciência aguda que o nosso mundo adquiriu do pluralismo das culturas e das tradições religiosas, bem como do direito à diferença que é própria de cada uma delas (DUPUIS, 2004, p.273).

O que salta aos olhos é a intensidade do fenômeno religioso em algumas sociedades contemporâneas, traduzida pelo volume de opções religiosas. Corroborando com essa percepção, Novaes (*apud* COSTA, 2011, p. 34) lembra que, “[...] no Censo 2000, o IBGE recebeu 35 mil respostas diferentes para a pergunta qual é a sua religião?”.

Vale lembrar, também, uma característica que influencia a pluralidade religiosa, pertinente às sociedades modernas e que extrapola a simples intensidade da oferta de religiões: trata-se da atitude dos indivíduos diante de tamanha oferta. Fernandes e Pitta (2006, p. 147) explicam que nas sociedades contemporâneas os indivíduos são impulsionados pela busca de autenticidade, o que os faz refletir incessantemente diante das ofertas que lhes se apresentam. O impacto desta reflexão contínua do indivíduo acerca das suas escolhas tem impactos importantes nos grupos religiosos. Dito de outra forma:

[...] o pluralismo interpela as religiões porque obriga ao autoquestionamento ou ao descentramento, provocando um movimento contínuo de auto-avaliação e de permanente validação dos sistemas religiosos tradicionais, já que os indivíduos são atravessados pelo conjunto de bens simbólicos à disposição. (FERNANDES e PITTA, 2006, p. 147)

Como não há mais monopólio religioso nas sociedades alcançadas pela modernidade, a adesão é voluntária e o indivíduo moderno ocidental vive num ambiente de liberdade religiosa, cada uma das diferentes instituições religiosas tende a buscar modos de operação que a permita ser vista, lembrada e escolhida como a melhor opção dentre as demais.

Acrescenta-se a este quadro a alteração do vigor dos vínculos entre as instituições religiosas e seus adeptos. Souza (2001, p. 164), comentando resultados de uma de suas pesquisas de campo sobre mobilidade religiosa, afirma que “[...] o surgimento de incontáveis movimentos de espiritualidade atenuam ainda mais os vínculos com uma tradição religiosa específica, relativizando o compromisso e a própria fé”. Seguindo esta linha de raciocínio, Moreira (2008, p. 29) afirma que:

Todas as pesquisas mostram a perda da autoridade vinculante das instituições religiosas e a maior autonomia dos indivíduos na montagem dos seus próprios sistemas religiosos. Isso implica na crise das instâncias estabelecidas de intermediação religiosa, crise funcional dos cleros. A religião da escolha implica também perda ou enfraquecimento do vínculo, baixo grau de comprometimento com esta ou aquela Igreja [...].

A vivência religiosa pós-moderna caracterizada pelo enfraquecimento de vínculos com as estruturas religiosas convencionais e o baixo grau de comprometimento dos adeptos são características que colocam as instituições religiosas, que assistem ao enfraquecimento das tradições, em estado de alerta diante do pluralismo religioso e da constante ameaça de concorrentes. Considerando que “[...] os ‘modelos oficiais de religião’ têm sido substituídos por (ou coexistem com, ou são parte de) referenciais religiosos cambiantes, concorrentes, respondendo à demanda dos sujeitos de fé” (SOUZA, 2001, p. 164), é possível perceber nas instituições religiosas de nossos dias a necessidade de desenvolvimento da suas capacidades adaptativas na tentativa de manterem sua significância, relevância e o número de adeptos.

Nesse sentido, Finke e Stark (*apud* MOREIRA, 2008, p. 136) afirmam:

[...] a competição entre as firmas religiosas é a força que impulsiona toda a economia religiosa. O pluralismo religioso, a presença de diversas firmas fornecedoras de bens religiosos, só é importante porque diversifica a oferta e permite múltiplas escolhas por parte dos consumidores.

Ressalta-se que, a partir do momento em que o campo religioso se comporta de forma análoga a um mercado, havendo ambiente propício, podem surgir cada vez mais novas iniciativas empreendedoras por parte de agentes interessados, inclusive, em inovar na oferta de bens simbólicos, intensificando ainda mais o pluralismo religioso. Nesse sentido, referindo-se ao atual cenário religioso brasileiro, Luiz (2011, p. 6) entende que “[...] novos empreendimentos podem reformular o “mix de produtos” que são oferecidos atualmente, promovendo com isso novas possibilidades de reformulações do mercado religioso brasileiro”.

Tal tendência de abordagem tem trazido implicações importantes tanto para o indivíduo como para as instituições religiosas, pois, ao se admitir que os mesmos princípios que guiam a economia de bens regem a religião, admite-se que a própria religião assume a forma de mercadoria. Concordando com tal percepção, Moreira (2008, p. 132) afirma que:

As instituições religiosas, tornadas agora agências de mercado, competem livremente para manter e, se possível, ampliar as suas cotas de fiéis no mercado religioso. A própria atividade religiosa reveste-se da forma da mercadoria, dominada que é pela lógica da economia de mercado.

Enquanto agências de mercado, as instituições religiosas, incorporam gradativamente as ferramentas de administração empresarial, posto que “[...] sofrem uma pressão por resultados que provoca a racionalização das estruturas criando assim as suas burocracias” (LUIZ, 2011, p. 5). Assim, tal qual no ambiente econômico empresarial, quanto mais clientes e melhores os resultados econômicos, mais saudável é considerada a instituição religiosa. Portanto,

[...] o que conta é o resultado: para obter audiência, as igrejas são obrigadas a atrair os seus fiéis com propostas atraentes, racionalizando, ao mesmo tempo, a própria organização, para conseguir uma maior eficiência. (MARTELLI, *apud* COSTA, 2011, p. 31).

Na operação de atrair fiéis, as instituições religiosas contemporâneas lançam mão de toda tecnologia de comunicação disponível, esforçando-se para promoverem seus produtos. Sobre esse esforço, Campana (2002, p. 41) comenta:

Devido ao desenvolvimento técnico e dos meios de comunicação é muito mais fácil adquirir qualquer tipo de informação através de: jornais, revistas, televisão, internet e outros que oferecem um verdadeiro “supermercado espiritual” no qual os indivíduos circulam e atendem a eles mesmos. As publicações, cartazes, faixas, fóruns de discussão, painéis com frases como “Neste nome tem poder”, “Jesus é o Senhor”, “Cristo nos liberta”, “Jesus é tudo”, “Jesus te ama”, etc., vão criando uma consciência de relação individual que muda seu esquema de crenças influenciado pelo impacto de informações variadas.

Quanto maior a concorrência, maiores são os esforços para manutenção e alcance de novos adeptos. Para tanto, além dos meios tradicionais de divulgação, as instituições religiosas contemporâneas, umas mais do que outras, utilizam-se cada vez mais das diversas ferramentas de comunicação disponíveis. Nesse sentido, Einstein (2012, p. 19) afirma:

A publicidade não é, evidentemente, o único meio pelo qual os líderes religiosos se comunicam com seus seguidores. A “construção de si mesmo” religiosa tem sido tradicionalmente uma forma de comunicação e atualmente está cada vez mais perpassada pela tecnologia da mídia.

A internet, de modo geral, e as redes sociais, mais especificamente, parecem ser o campo atual de maior efervescência do esforço das instituições religiosas contemporâneas.

Merece destaque o fato de que, num cenário de livre mercado e atuação concorrencial, o pluralismo religioso, de certa forma, atua como ameaça às instituições religiosas no que tange ao controle da produção de bens simbólicos, à medida que acabam por receber a pressão de toda a diversidade de crenças, doutrinas e práticas presentes no campo religioso. Steil (2001, p. 117 – 118) explica que um ambiente de pluralismo pode configurar-se como ameaça à identidade das instituições religiosas, uma vez que elas podem perder o controle sobre os bens simbólicos produzidos internamente. O autor destaca que dois tipos de reações são produzidas neste contexto: a afirmação do exclusivismo ou da tolerância. O exclusivismo implica na manutenção de um número restrito de fiéis, [o que não se coaduna, aparentemente com a lógica de mercado, que implica em cada vez mais ver aumentado o número de clientes]. A tolerância, por sua vez, implicaria numa maior receptividade da diversidade de influências, provenientes do campo religioso.

Parece correto afirmar que a via da tolerância, como apresentada, pode ser mais coerente com a perspectiva de mercado, mas, ao mesmo tempo, obriga as instituições religiosas que optam por tal posicionamento a se reinventarem continuamente e a assumirem o risco de perderem totalmente o controle sobre a produção dos bens simbólicos a ponto de se tornarem irrelevantes e incapazes de produzir sentido.

Diante das considerações ora apresentadas sobre o pluralismo religioso e suas interações com a religião e as instituições religiosas dos dias atuais, parece evidente a sua relação com o fenômeno do trânsito religioso, já que uma importante forma de se aumentar o número de clientes de uma instituição religiosa num mercado religioso de grande pluralidade e concorrência é a “captação” destes junto aos concorrentes. O trânsito religioso se apresenta [...] então, como o efeito típico dessa pluralidade de modelos religiosos, possuindo uma maneira particular de responder a essa pluralidade. (SOUZA, 2001, p. 164).

Para que se alcance maior entendimento tanto do pluralismo religioso, como do trânsito religioso propriamente dito, há que se discutir o outro lado da oferta: a demanda. Para tanto, a seguir serão apresentadas considerações sobre o “sujeito religioso” que representa os fiéis, não tão fiéis, das sociedades contemporâneas.

1.3.2 O lado da demanda: o sujeito religioso, comportamento e características

Serão discutidas a seguir as características do indivíduo demandante por produtos simbólicos de caráter religioso, tomando como ponto de partida a abordagem de “sujeito religioso” adotada por Souza (2001, p. 157 – 167), que parece ser adequadamente pertinente ao cenário de pós-modernidade relativa aos dias atuais. O sujeito religioso, sujeito da fé, assume um papel ativo diante de sua realidade. Ao invés de ser escolhido, é livre e faz uso dessa liberdade para escolher. Ele é, conforme explica Souza (2001, p. 62) “[...] sujeito porque é quem está à frente da invenção/reinvenção de seu próprio sistema simbólico, tirando da instituição religiosa a autoridade reguladora da experiência religiosa”.

O sujeito religioso é aquele que, em função da ambiência pós-moderna na qual está inserido, é portador do vazio provocado pelas incertezas, inseguranças e sensação de anomia diante das situações marginais da existência humana que, revelam a precariedade dos mundos sociais. Diante dele, o “supremo escudo do homem contra a anomia” (BERGER, 1985, p. 40), apresenta-se na atualidade pulverizado, fragmentado e distribuído nas “prateleiras” do mercado religioso. Liberto da hegemonia de uma única verdade absoluta, ofertada por uma única religião e possuidor do direito de escolher racionalmente entre as várias verdades que lhe estão disponíveis. Para ilustrar o sentimento do sujeito religioso em meio à pós-modernidade, parece oportuna a citação de Queiroz (*apud* LEMOS, 2012, p. 14):

Consequência dessa situação de profunda angústia é o mergulho do homem em si mesmo, no seu eu. Ao lado da falência da comunidade, cresce o isolamento psíquico do indivíduo. Das profundezas de sua incomunicabilidade, ele busca ansiosamente alguém a quem se apegar que lhe dê pelo menos sentido transitório de sua viagem pelo planeta e o conduza a algum lugar, que não é o céu, nem o paraíso, mas participação, simplesmente o encontro consigo mesmo e com algum sentido. Porém, não há mais um único sentido. Há infinitos. Não há mais centro. Nem meta. Só o cotidiano. Nada melhor do que a constatação do sagrado para lhe oferecer esta aura espiritual mutável, transitória cotidiana. Nesta constelação, ele viaja à vontade de um planeta a outro, sem constrangimento porque sua participação é branda, desprovida do antigo sentido de filiação e engajamento. Tudo é curto prazo.

Antes de avançar nas considerações sobre o perfil e características do sujeito religioso, parece útil recorrer à abordagem de Hervieu-Léger (2008, p. 56 – 65) sobre o fim das identidades religiosas herdadas, para complementar o entendimento acerca do comportamento desse sujeito religioso. Para a autora, as sociedades

atuais vivenciam uma crise de transmissão das instituições e de valores de uma geração para outra, provocando lacunas culturais que atingem profundamente a identidade social. Em se tratando das instituições religiosas, isso se dá em função de que, nas sociedades modernas, as opções religiosas e espirituais são vistas como objeto de escolhas privadas, individuais. Tal visão resulta num menor ímpeto de transmissão por parte da geração anterior e menor interesse da geração atual em relação às verdades religiosas asseguradas por uma instituição. Ao homem das novas gerações interessa pensar-se a si mesmo como individualidade, de forma independente de uma identidade prescrita ou herdada. Ou seja, exercer o direito de escolher suas próprias crenças.

Ainda acompanhando a abordagem de Hervieu-Léger (2008, p. 56 – 65), percebe-se que tal crise de transmissão implica numa ruptura na continuidade da memória coletiva que funda as instituições religiosas. A gravidade dessa situação reside no fato de que toda religião prescinde de uma mobilização específica da memória coletiva. Assim, o indivíduo da sociedade contemporânea, tem a tarefa de pensar-se a si mesmo como individualidade e conquistar sua identidade pessoal, recebendo pouca ou nenhuma influência de uma fé herdada. Fica com a empreita de escolher suas crenças e religião (caso entenda que deva ter uma), encerrado em sua esfera de especialização e em sua geração, sem receber da geração anterior a transmissão da memória religiosa coletiva.

Tal memória, continua Hervieu-Léger (2008, p. 56 – 65), contempla o universo simbólico religioso que, pelo mito da fundação, explica a origem do mundo, do grupo e da própria realidade. Tal memória é importante, pois permite uma reelaboração contínua e uma reinterpretação permanente da tradição em função das questões do presente, de modo que o passado inaugurado pelo acontecimento histórico da fundação possa ser identificado, a todo momento, como uma totalidade significativa. Entendendo-se que toda a significação da experiência do presente, ao menos de modo potencial, está contida no acontecimento fundador, o passado assume simbolicamente o papel de uma referência imutável. Possuindo-se tal referência, nesse contexto, as atividades rituais fazem memória daquele passado que dá um sentido ao presente e que contém o futuro.

Para Hervieu-Léger (2008, p. 56 – 65), como as sociedades modernas são sociedades sem memória, em função da referida crise de transmissão e pelo fato de que são governadas pelo paradigma da imediatez, elegendo a inovação como regra

de conduta, tornam-se sociedades sem a memória coletiva portadora de sentido para o presente e orientações para o futuro. Daí, os indivíduos, constroem sua própria identidade sócio-religiosa a partir dos diversos recursos simbólicos colocados à sua disposição, incluindo modos de conceber o mundo, práticas e pertencas anteriores. Tal identidade, nascida sob a égide da precariedade, questionada incessantemente, indica uma trajetória que se realiza ao longo do tempo e que depende das condições objetivas, institucionais, sociais, econômicas, políticas, culturais do ambiente onde se o indivíduo realiza tal trajetória.

Interpretando a abordagem de Hervieu-Léger, (2008, p. 56 – 65), pode-se afirmar que, antes da fragmentação dos campos da atividade humana (vida doméstica, vida profissional, experiência espiritual etc), os sistemas religiosos forneciam códigos globais de sentido para a experiência humana individual e coletiva. Com a destotalização da experiência humana, em função do processo da modernidade, pós-modernidade e da diferenciação das instituições, da crise da transmissão, sua conseqüente ausência de uma memória religiosa coletiva e desconexão com um passado capaz de servir de referência à uma totalidade significativa, tornou-se difícil para o indivíduo reconstruir a unidade de sua vida pessoal de modo contextualizado com um universo de sentidos que dêem significado à sua existência.

Tal abordagem, associada às considerações realizadas sobre aspectos da oferta religiosa, parece explicar satisfatoriamente, ao menos em boa parte, o comportamento do sujeito religioso que, enquanto demandante, dá margem à diversidade de crenças e religiões nas sociedades contemporâneas, tendo em vista que:

O desenvolvimento em proliferação das crenças, a que assistimos hoje, responde, em larga medida, à necessidade de recompor, a partir do indivíduo e de seus problemas, alguma coisa desses universos de sentido perdidos (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 56).

O indivíduo contemporâneo, portanto, encontra-se diante de uma espécie de 'supermercado do sagrado', em busca dos produtos simbólicos que melhor o satisfaçam em suas necessidades e que, de modo mais eficaz, tragam os melhores e os mais rápidos resultados (SCHIAVO, 2008, p. 177).

Tal sujeito religioso não se interessa tanto pela vida após a morte, escatologia, ou pela salvação em outro mundo. Seu interesse está no aqui e no

agora, focado no seu bem-estar, na sua prosperidade, na sua saúde, enfim, na felicidade neste mundo. Isso se dá, conforme explica Schiavo (2008, p. 176), porque a vida pós-moderna é a vida de fragmentos, de correrias, vivida sob os ponteiros do relógio em que o que conta é o eterno presente, uma vez que são os problemas do dia-a-dia que necessitam de respostas imediatas.

Esse sujeito religioso continua fiel, não mais à instituição religiosa, mas a si mesmo e aos seus interesses.

1.3.2.1 A constituição do sistema de crenças do sujeito religioso num contexto de trânsito religioso

Além de todos os aspectos gerais já apresentados a respeito da modernidade e sua relação com a religião, há que se considerar as peculiaridades do campo religioso brasileiro que favorece as condições para o pluralismo, para o trânsito religioso e que influenciam na constituição do sistemas de crenças do sujeito religioso. Bittencourt Filho (2003, 17) propõe a “[...] existência, no bojo da matriz cultural, de uma matriz religiosa, que prove um acervo de valores religiosos e simbólicos característicos, assim como propicia uma religiosidade ampla e difusa” entre os brasileiros. O autor chama a atenção para a riqueza de elementos que constituem tal matriz em função da formação histórica e cultural do povo brasileiro, tornando-a complexa e singular. Bittencourt Filho (2003, 40 – 43) lembra que na composição da matriz religiosa brasileira há a presença do catolicismo ibérico, magia européia, religiões indígenas, religiões africanas e os pentecostalismos.

Um texto que serve para bem ilustrar a busca e o processo de constituição do sistema de crenças do sujeito religioso brasileiro, é a fala do sertanejo, personagem de Guimarães Rosa (1974, p. 15):

Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, empenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles.

Este texto ilustra algumas das possibilidades de idas e vindas possíveis ao sujeito religioso e dá uma noção da complexidade que pode envolver a formação do seu mosaico de crenças religiosas individuais. Chama a atenção, nas palavras de

Bittencourt Filho (2003, p. 68) “[...] a existência numa só pessoa de concepções religiosas, filosóficas e doutrinárias por vezes opostas e mesmo racionalmente irreconciliáveis”. Diante do exposto, parece impossível analisar a constituição do sistema de crenças, mais especificamente no que tange ao indivíduo brasileiro, sem referir-se ao sincretismo religioso.

Em se tratando de sincretismo, segundo Costa (2013, p. 39), as primeiras análises teóricas sobre o sincretismo no Brasil surgiram do “[...] resultado advindo dos encontros culturais e religiosos ocorridos entre os negros e os colonizadores europeus”. No entanto, para a autora, “o sincretismo religioso é anterior ao próprio processo de escravidão e vinda dos negros para o Brasil” (COSTA, 2013, p. 43), referindo-se aos processos intertribais africanos. Para Costa (2013, p. 44 - 45), no Brasil, os negros, enquanto cultura dominada, escamotearam suas divindades (santos católicos e orixás) protegendo-as das perseguições dos europeus e da sociedade católica, enquanto cultura dominadora, preservando suas crenças e, num segundo momento, evitando conflitos, através da acomodação e da assimilação.

Na atualidade, parece adequado concordar com Ferretti (1995, p. 87-91), que considera o sincretismo um fenômeno presente em todas as religiões, nas ciências, na arte, na filosofia, podendo ser de tipos muito diversificados. O autor considera o sincretismo como um tema confuso e ambíguo, posto que a simples busca de seu significado em alguns dicionários aponta para mais de trinta significados diversos. Para designá-lo, têm sido usadas as palavras junção, fusão, mistura, paralelismo, justaposição, adaptação etc. Numa tentativa de agrupar os principais tipos de usos e sentidos do termo sincretismo, o autor sugere três variantes principais do conceito. O primeiro grupo seria o da “separação”, “não-sincretismo” (hipotético); o segundo grupo seria o da “mistura”, “junção” ou “fusão”; o terceiro grupo seria o do paralelismo ou justaposição; e o quarto grupo o da “convergência” o “adaptação”. De modo criativo, o autor explica:

Podemos dizer que existe *convergência* entre idéias africanas e de outras religiões, sobre a concepção de Deus ou sobre o conceito de reencarnação; que existe *paralelismo* nas relações entre orixás e santos católicos; que existe *mistura* na observação de certos rituais pelo povo-de-santo, como o batismo e a missa de sétimo dia, e que existe *separação* em rituais específicos de terreiros, como no tambor de choro ou axexê, no arrambam ou no lorogum, que são diferentes dos rituais das outras religiões (FERRETTI, 1995, p. 91).

Nessa tentativa de categorizar o fenômeno, o autor esclarece que há de se analisar cada caso, a fim de se identificar as categorizações ora propostas em cada circunstância, podendo haver circunstâncias específicas. Diante do exposto, mesmo reconhecendo que para o sincretismo não existam “[...] sinônimos perfeitos [...]” (FERRETTI, 1995, p. 91), parece válido apresentar um conceito de sincretismo, dentre tantos possíveis. Para Costa (2013, p. 50), sincretismo

[...] é uma mistura de elementos culturais diversos que se agregam para dar origem a um novo conjunto de elementos, agora transmudados e ressignificados, mas que mantém, em algum grau, as características trazidas das culturas originais.

Prosseguindo na busca de se entender melhor a dinâmica de constituição do sistema religioso dos indivíduos, agora em termos mais globais, é preciso reconhecer que nessa dinâmica estão presentes dois traços que, na opinião de Steil (2008, p. 9-10), caracterizam a religião na sociedade atual, quais sejam a privatização e o trânsito religioso:

[Ligados por um lado à] diversificação do campo religioso e, de outro, com a centralidade posta no indivíduo como um sujeito autônomo capaz de escolher diante de uma gama de alternativas religiosas postas em seu caminho (STEIL, 2008, p. 9).

A privatização da religião, entendida como “[...] a ação dos indivíduos no sentido de moldar a sua própria religião, apropriando-se de fragmentos e de elementos provenientes de diversos sistemas religiosos” (ORO *apud* STEIL, 2001, p. 118), é uma das resultantes do deslocamento da religião da centralidade na organização dos sistemas sociais. O trânsito religioso, por sua vez, num ambiente de pluralismo religioso, resulta do exercício da autonomia de elaboração de um sistema simbólico particular por parte do sujeito de fé que:

[...] tem feito suas próprias combinatórias simbólicas, transitando em diversas expressões religiosas e apropriando-se de significantes específicos de acordo com a especificidade de suas necessidades. Daí, esse fenômeno em que a oferta de bens simbólicos e as demandas simbólicas provocam uma mobilidade religiosa incessante (SOUZA, 2001, p. 159).

Assim, considerando-se que está inserido num contexto de enfraquecimento tanto das fronteiras religiosas como da autoridade vinculante que une o indivíduo às instituições religiosas, “o fiel, sem o vínculo da tradição, da autoridade moral, sem

filiação, transita à vontade, sem constrangimento e sem vínculo permanente” (LEMOS, 2012, p. 13).

O sujeito religioso exerce sua liberdade de escolha e transita livremente e sem reservas, pelas diversas opções de oferta religiosa de que dispõe. Esse trânsito permite conhecer de perto, experimentar, tomar conhecimento, vivenciar e reunir impressões para escolha e constituição do sistema de crenças mais adequado para o momento. Podendo, ainda, fixar-se em uma única instituição religiosa e beber na fonte de outros, fixar-se em mais de uma instituição religiosa, ou mesmo, não se fixar em nenhuma e absorver crenças e práticas de várias.

Para avançar sobre a questão da dinâmica da constituição do sistema religioso dos indivíduos de nossos dias, parece útil reunir considerações de alguns autores que se dedicam, direta ou indiretamente, ao estudo do campo religioso brasileiro, sobretudo aquelas relacionadas ao trânsito religioso, foco de interesse do presente trabalho.

Dada a complexidade e riqueza de variáveis que atuam no campo religioso atual, Souza (2001, p. 159) afirma que:

[...] a religião herdada ou de conversão tem dividido lugar com a experiência religiosa polissêmica, experiência pautada em combinações efêmeras, variáveis de acordo com o “momento” do sujeito de fé, isto é, de acordo com suas demandas.

Tal consideração faz sentido, principalmente tendo-se em mente a crise de transmissão e as observações relativas à ruptura na continuidade da memória coletiva que funda as instituições religiosas, já apresentadas anteriormente.

Ao comentar sobre uma pesquisa nacional realizada em 1998, mais especificamente no que tange aos aspectos relativos à mobilidade religiosa, Almeida e Montero (2001, p. 92), afirmam que, nas tentativas de interpretar cientificamente o campo religioso, o mesmo tem recebido os adjetivos de fluido, híbrido, sincrético ou contínuo. Afirmam ainda, que:

Pela característica do campo brasileiro, não é nenhum absurdo supor uma trajetória que apresentasse mobilidade institucional (num processo de sucessivas “conversões”) ou a simultaneidade de vários credos (como se fosse um sincretismo privado) (ALMEIDA e MONTERO, 2001, p. 100).

Analisando o trânsito religioso de gênero, a partir de uma pesquisa de campo realizada em 2000, Souza (2006, p. 9) afirma que as mulheres:

[...] estariam mais propensas ao trânsito, buscando novas combinações que lhes permitam lidar com seu cotidiano, realizando sua bricolagem a partir de elementos escolhidos de sistemas religiosos diversos, configurando uma verdadeira religiosidade da escolha contínua.

Tal abordagem aponta para uma relação entre gênero e o trânsito religioso, além de destacar o caráter contínuo do processo de escolha na elaboração da religiosidade. Reconhecendo a influência do gênero como produto da construção da identidade religiosa resultante da mobilidade, Costa (2013) acrescenta a relação entre aspectos étnicos, geracionais e socioeconômicos. Para ele “é certo que os indivíduos transitam, e essa mobilidade proporciona hibridismos variados e apresenta variações determinadas por aspectos étnicos, de gênero, geracionais e socioeconômicos” (COSTA, 2013, p. 17).

Ao se referir à liberdade de escolha de práticas e crenças que melhor convêm, exercida pelo indivíduo de nossos dias, Hervieu-Léger (2008, p. 43) chama de bricolagem o processo em que as crenças e práticas são “[...] triadas, remanejadas e, geralmente, livremente combinadas a temas emprestados de outras religiões ou de correntes de pensamento de caráter místico ou esotérico”. Em outro momento, ao referir-se à trama das trajetórias de identificação percorridas pela pessoa em trânsito, a autora afirma:

Muito mais frequentemente; ela se insere nas operações de bricolagem que permitem ao indivíduo ajustar suas crenças aos dados de sua própria experiência. Cada um assume a responsabilidade pessoal e dar forma à referência à linhagem com a qual se identifica (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 89).

Coelho (2009, p. 22), ao referir-se à nova identidade do brasileiro, afirma que:

Há intenso trânsito de idéias caracterizado por um distanciamento da ortodoxia cristã, católica e protestante, e conseqüente redirecionamento da prática religiosa, num primeiro momento, em favor de uma heterodoxia, e, num segundo, de um sincretismo religioso.

Convergindo com o dado da heterodoxia e acrescentando outros elementos, Oro (*apud* BARTZ, 2011, p. 8), referindo-se às características da religião na modernidade, cita “[...] a privatização da religião, a bricolagem da crença, o alargamento das fronteiras, a centralidade da emoção, a experiência místico-espiritual e a busca de saúde”. O mesmo autor, acerca da pouca intermediação institucional na síntese personalizada de crenças realizada pelo indivíduo, afirma:

A tendência de integração, incorporação e junção de elementos de diversas tradições religiosas ou não-religiosas, numa atitude de bricolagem, compondo sínteses personalizadas de crenças com pouca intermediação institucional, oferece uma contraposição ao sistema racional institucionalmente validado que tinha a instituição como abalizadora (BARTZ, 2011, p. 11).

A diminuição da força da instituição religiosa enquanto balizadora da síntese de crenças do indivíduo não a isenta de sofrer transformações a partir da influência dos indivíduos que por ela transitam. Assim evidencia Freitas (2013, p. 118), ao discorrer sobre o a mútua influência existente entre os indivíduos que praticam o trânsito religioso e os grupos religiosos:

É importante destacar que ao transitarem entre os diferentes grupos religiosos, as pessoas absorvem um pouco de cada crença e, inexoravelmente, levam consigo esta bricolagem de valores por onde passam, fomentando assim uma transformação das instituições religiosas por onde passam ratificando que tanto o fiel quanto a religião são transformadas por este câmbio.

Embora cotejadas em diversos trabalhos produzidos por vários pesquisadores em momentos diferentes, em sua maioria no contexto brasileiro, parece haver coerência, convergência e complementaridade entre os argumentos apresentados. Há diversas perspectivas acerca da dinâmica da constituição do sistema do sujeito religioso e do trânsito religioso.

Os estudos mostram que a religião herdada, ou de conversão, tem concorrido com experiências religiosas personalizadas, pautadas em combinações temporárias, por demanda do sujeito religioso, podendo haver uma simultaneidade de conversões. Tais combinações se dão, muitas vezes, de modo efêmero, variável e continuado. Essa religiosidade de escolha revela-se cada vez menos dependente da intermediação institucional e cada vez mais heterodoxa, oferecendo abertura a correntes de pensamento de caráter místico esotérico. Tendo a emoção como aspecto de importância destacada, a constituição do universo simbólico do sujeito religioso comporta tanto escolhas de práticas e crenças que atendam às suas necessidades imediatas, como a adaptação e/ou ajuste de tais crenças e práticas à sua experiência individual. Por fim, pode-se afirmar que as escolhas do sujeito religioso sofrem a influência de gênero, de aspectos étnicos, geracionais e socioeconômicos.

1.4 A Conversão num Contexto de Trânsito Religioso

Diante das discussões apresentadas até o momento, faz-se necessário retomar o conceito de conversão, dado que o quadro apresentado indica o trânsito

religioso de pessoas que, num ambiente de pluralidade religiosa montam suas estruturas personalizadas de crenças, fazendo suas escolhas voluntariamente em relação às instituições religiosas e com maior liberdade para ir e vir a partir de suas experiências subjetivas. Como fica a noção de conversão nesse cenário?

A conversão compreendida de forma clássica, inspirada em Max Weber e tendo-se como pano de fundo a Reforma Protestante, implica em rupturas na vida do converso, dividindo claramente sua vida antes e depois da conversão. Fernandes e Pitta (2006, p. 142) argumentam:

Ao converso cabiam a mudança de vida, a adesão incontestada às determinações da organização religiosa – que exigia dele um comportamento social distinto dos demais – e a atitude crítica diante do sistema religioso precedente. Dado que o adepto protestante era eleito por Deus, a diferença precisava ser estabelecida e notada em todos os aspectos de sua vida.

Sob esse prisma, a organização religiosa tinha força suficiente para determinar e exigir do convertido, além de um comportamento perceptível ante à sociedade, uma atitude crítica diante do sistema religioso anterior. A exclusividade total à nova organização religiosa fica implícita em tal abordagem.

Obviamente, diante do enfraquecimento da organização religiosa enquanto mediadora da construção do sistema religioso do sujeito religioso e da sua incapacidade de exigir exclusividade de seus fiéis, parece que a compreensão sobre a conversão na forma apresentada não encontra encaixe no cenário atual.

Diante deste quadro, Almeida e Montero (2001), entendem que tal conceito, como apresentado e diante do trânsito religioso, não mais explica de forma suficiente o campo religioso atual:

O conceito weberiano de “conversão”, que até muito recentemente explicava o complexo processo subjetivo de adesão a um novo credo, não parece mais capaz de elucidar essas rápidas idas e vindas entre religiões aparentemente tão díspares entre si: um processo interior em que a consciência religiosa não acusa, pelo menos à primeira vista, incongruências cognitivas (ALMEIDA e MONTERO, 2001, p. 92).

Convergindo com esse pensamento, também considerando o fenômeno do trânsito religioso em relação à noção de conversão, Souza (2001, p. 164) afirma:

A noção de “conversão” implica na negação da religião e vida pregressa do converso e no estabelecimento de um compromisso rígido com a religião escolhida, mas o fenômeno o trânsito religioso tem desestabilizado essa

noção. A idéia de “trânsito religioso” admite o “passeio” por diversas religiões (mesmo, em alguns casos, havendo predileção por uma ou outra), não demanda mudanças intestinais na forma de vida dos “transeuntes” e dispensa ou atenua o compromisso com uma instituição específica.

Em termos de compromisso com a instituição religiosa, Fernandes e Pitta (2006, p. 142) reconhecem que “[...] alguém pode circular pelas denominações, ficar por um tempo na condição de sem religião, retornar a uma determinada Igreja ou grupo religioso e aí assumir uma nova identidade e sentido de pertença”. Tal “passeio” não seria possível se o compromisso com as instituições religiosas, em tal percurso, não tivesse sido atenuado.

Fernandes e Pitta (2006, p. 143) esclarecem, ainda, que “[...] a conversão religiosa na atualidade está diretamente relacionada com a experiência individual no sentido de experimentação e produção de mudança”. Sob tal abordagem, o elemento principal da conversão seria a mudança de vida decorrente do processo em si. As pesquisas de Fernandes e Pitta (2006, p. 143 - 145) revelam que, em quase todos os relatos, os indivíduos que vivenciaram experiências de conversão afirmaram direta ou indiretamente que, ao ingressarem em determinado grupo religioso, sua vida mudou. Além disso, os autores encontraram, em seus estudos, dados que apontam para a existência de conversões múltiplas, ou não exclusivas, alterando a noção de pertencimento institucional exclusivo. Souza (2001, p. 161) acrescenta que o “[...] ‘converso’ contemporâneo tem uma biografia cada vez mais marcada por ‘conversões’ sucessivas, o que do ponto de vista da instituição [religiosa], gera uma rotatividade incessante de ‘seus’ (não tão seus) ‘fiéis’ (não tão fiéis)”. Ainda referindo-se às suas pesquisas e tratando sobre indivíduos que declaram uma pertença religiosa e, simultaneamente, participam de outras expressões religiosas, Souza (2001, p. 165) afirma que “[...] para a maioria dos entrevistados essa participação é complementar, combinando tranquilamente, sem qualquer sentimento de culpa, elementos de suas tradições religiosas com aqueles evocados pelos grupos que ‘visitam’”. Nesse sentido, Steil (2008, p. 10) complementa:

A idéia de que os diferentes sistemas religiosos são complementares, e não excludentes, parece constituir uma das marcas preponderantes da sociedade contemporânea [...] as religiões estariam em competição entre si, mas se somariam em vista da garantia de maior proteção para aqueles que as buscam como resposta a sua aflição.

Diante desse panorama, cumpre indagar: os casos encontrados nas pesquisas relatadas seriam pseudo conversões? Na verdade, estaríamos vivendo um tempo em que a conversão tende a desaparecer?

Fernandes e Pitta (2006, p. 144) entendem que:

Não há como atribuir valor à experiência de conversão no sentido de considerá-la legítima se promover uma ruptura radical com comportamentos e modos de ser antes do ingresso em uma igreja e ilegítima se há oscilações no pertencimento ou na auto-identidade religiosa.

Para tais autores, a intensificação do trânsito religioso faz com que a conversão transforme-se em uma categoria que acompanha o fluxo do trânsito e das experiências subjetivas dos sujeitos religiosos.

Nesse sentido, parece adequado concordar com Fernandes e Pitta (2006, p. 144) quando afirmam:

A conversão no contexto atual continua se definindo prioritariamente em torno da mudança comportamental e da vinculação institucional, mas incorpora experiências religiosas que não estão institucionalizadas e que podem garantir da mesma forma intenso sentimento de mudança nos hábitos cotidianos e nos modos de auto-representação dos indivíduos.

Evidencia-se, portanto, que é mais adequado reconhecer-se que a noção de conversão assume novas características, em função de todas as variáveis apresentadas. Nesse sentido, tendo em vista os objetivos do presente estudo, será considerada conversão a simples declaração, por parte dos indivíduos participantes deste estudo, de vinculação institucional ou de pertença à igreja em evidência.

Diante do exposto até aqui, o primeiro capítulo evidenciou o papel central da religião nas sociedades pré-modernas. Com a modernidade, a religião sofreu um deslocamento de sua centralidade enquanto protagonista na oferta de sentido e referência, tanto para as sociedades como para os indivíduos, cedendo sua posição para o paradigma da racionalidade e da razão instrumental. Com o divórcio do estado e religião percebeu-se, tanto o fim do monopólio da oferta de bens simbólicos por parte de uma única instituição religiosa, como o enfraquecimento da tradição e da autoridade religiosa. Ao mesmo tempo, a modernidade gerou expectativas de prosperidade e justiça social, antes oferecida pelas instâncias religiosas.

Ao se analisar o cenário da pós-modernidade nos dias atuais, constata-se que, ao contrário do que alguns estudiosos acreditavam, a religião não desapareceu

e a modernidade não atendeu à boa parte das expectativas. O desenvolvimento técnico e científico não trouxe, pelo menos da forma que se esperava, a justiça e a prosperidade social, em função do predomínio das forças de mercado. O homem contemporâneo, tratado a partir do primeiro capítulo como “sujeito religioso”, continuou a buscar respostas existenciais, porém, sem encontrá-las no âmbito exclusivo da razão, da ciência e da técnica instrumental.

A atividade religiosa, sob a lógica de mercado e num contexto de secularização, multiplicou-se em termos de oferta, experimentando o pluralismo religioso. Por sua vez, o sujeito religioso, sobretudo o brasileiro, influenciado tanto pelos aspectos inerentes à pós-modernidade como pelas singularidades da matriz religiosa brasileira, tem se mostrado fiel a si mesmo e a seus interesses. Neste sentido, na busca da satisfação de suas necessidades junto às instâncias religiosas disponíveis, tem procurado maximizar benefícios escolhendo instituições religiosas ou igrejas que tragam resultados mais adequados, rápidos e melhores.

No exercício da sua individualidade e autonomia na elaboração de seu sistema simbólico particular, esse sujeito religioso, cada vez mais desprovido da memória religiosa coletiva, vivencia sem culpas a combinação de diversas tradições, crenças e práticas religiosas, sem a preocupação com a exclusividade de pertencimento e com liberdade para a busca da complementaridade entre igrejas. Nesse sentido, demanda e oferta estabelecem uma relação dialética na qual o sujeito religioso, por um lado, exerce sua autonomia para plasmar seus sistemas simbólicos religiosos e, por outro, as instâncias religiosas estabelecem suas ofertas a partir das interpretações que fazem das necessidades dos demandantes e em função das adaptações que sofrem ante à competição no campo religioso.

No primeiro capítulo, portanto, foram apresentadas variáveis que, de forma sistêmica, viabilizam uma ambiência para a presença do fenômeno do trânsito religioso.

CAPÍTULO II

TRÂNSITO RELIGIOSO: CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO

Após a apresentação no primeiro capítulo do quadro geral da religião no contexto da modernidade e pós-modernidade nos dias atuais e suas implicações e influências na configuração do campo religioso e dos perfis dos ofertantes e demandantes por produtos simbólicos religiosos, parte-se para a caracterização do fenômeno. Neste capítulo serão caracterizados, de modo mais específico, tanto o fenômeno do trânsito religioso no Brasil como os fatores que concorrem para sua existência sob a perspectiva do sujeito religioso, tomando-se por base trabalhos de outros pesquisadores sobre o tema e que serão comentados a seguir.

2.1 Trânsito Religioso: Acepção e Uso do Termo

Nas últimas décadas do século passado e no início do século XXI, aconteceram mudanças importantes na distribuição de fiéis entre as religiões. Tal período, não só em nosso país, mas de modo generalizado, caracterizou-se “[...] pela disjunção das crenças e das pertencas confessionais, pelas elaborações sincréticas até então inéditas e pela diversificação das trajetórias percorridas por ‘crentes passeadores’” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 8).

A análise dos censos do IBGE por um longo período de tempo, com ênfase nas últimas décadas do século XX e na primeira década do século XXI, bem como a observação de outras pesquisas sobre a religião no Brasil, indicam que há na dinâmica da recomposição do campo religioso brasileiro a presença de um deslocamento de pessoas pelos diversos grupos religiosos (BARTZ, 2012, p. 259). Nesse sentido, para muitos pesquisadores da religião, o estudo deste trânsito religioso é de inegável relevância. Assim, Costa (2011, p. 33) considera a análise do trânsito religioso como “uma chave interpretativa fundamental, visando reconhecer o componente principal na recomposição das formas religiosas”.

Muitas são as formas pelas quais o trânsito religioso tem sido tratado e interessantes a identificação das abordagens que melhor atendam aos propósitos do presente estudo. Para se referir ao fenômeno, têm sido utilizados vários termos em diversos trabalhos. Sem a intenção de esgotar todas as abordagens existentes ou estabelecer

uma rígida relação entre uso e autor, mas com o objetivo de destacar a diversidade de termos usados, pode-se citar como exemplos: trânsito religioso (FREITAS e SOUZA, 2013; BITUN, 2011; BRAGANÇA, 2009; COELHO, 2009; CAMPANA, 2002; ALMEIDA E MONTERO, 2001), migração religiosa (ALMEIDA e MONTERO, 2001), nomadismo religioso (BITUN, 2011), mobilidade religiosa (BARTZ, 2012), mudança de religião (BARTZ, 2012) e movimentação religiosa (SOUZA, 2001), dentre outros. Destaca-se que muitos desses termos são usados de forma concomitante por um mesmo autor e em trabalhos diferentes. Embora numerosos, os termos utilizados pelos diversos autores parecem não provocar grandes controvérsias, podendo-se afirmar, no entanto, que a leitura da bibliografia sobre o tema aponta para a tendência do uso do termo “trânsito religioso”, no que concorda e explicita Coelho (2009, p. 2) ao referir-se ao assunto como o “[...] fenômeno que a literatura especializada convencionou denominar trânsito religioso [...]”.

O termo “mobilidade” sugere qualidade inerente ao indivíduo, talvez não se configurando como um dos termos mais adequados ao que se pretende descrever. Já o termo “trânsito”, por sua vez, parece ser um dos mais adequados já que remete à ação de movimento e de fluxo.

Ainda tratando da aceção e uso do termo, pode-se afirmar que, embora muitos autores se dediquem à investigação do trânsito religioso, nem todos se dedicaram a conceituá-lo de modo direto. Genericamente, os conceitos sobre trânsito religioso podem ser divididos em dois grupos. No primeiro, mantém-se o foco no indivíduo e na mudança de filiações. No segundo, além de considerar o trânsito do indivíduo e a mudança de filiações, considera-se, também, o trânsito de ideias e crenças.

Um exemplo do primeiro grupo seria uma das abordagens indiretas e genéricas utilizadas por Bitun (2011, p. 499) quando se refere ao trânsito religioso como “[...] trânsito que se dá no interior do campo religioso”. De modo semelhante, em uma de suas abordagens, Bartz (2012, p. 259) refere-se ao assunto como sendo o “[...] deslocamento de pessoas pelos diversos grupos religiosos [...]”, ou ainda como “[...] intensa circulação de pessoas, ao redor de alternativas religiosas variadas [...]”. Ao se referir à prática da religiosidade contemporânea, Bragança (2009, p. 12) tangencia o tema referindo-se a um “[...] ir e vir entre as diversas confessionalidades, transitando de forma nômade.”

Uma das conceituações diretas levantadas durante o presente estudo, é a de Ciscon-Evangelista e Menandro (2011, p. 193) que afirmam que “o trânsito religioso do brasileiro pode ser compreendido como a mobilidade social de pessoas que encontram em um novo grupo características que desejam compartilhar”.

Entendemos que as abordagens do primeiro grupo, servem como referência para o acompanhamento do fenômeno evidenciado pelos Censos Demográficos, centrados em observações quantitativas. No entanto, embora tragam alguma luz ao fenômeno, parecem não alcançá-lo integralmente, pois se concentram na figura daquele que transita. É necessário levar em consideração que, conforme Almeida e Montero (2001, p. 93), o fenômeno do trânsito religioso aponta,

[...] em primeiro lugar, para a circulação de pessoas pelas diversas instituições religiosas [...] e em segundo, para a metamorfose das práticas e crenças reelaboradas nesse processo de justaposições, no tempo e no espaço, de diversas pertencas religiosas [...].

Em concordância, Campana (2002, p. 46) afirma que “[...] cada mudança [trânsito] agrega uma nova identidade religiosa, cujo sentido é completado na interação com a identidade religiosa anterior, a qual pode voltar definitiva ou temporariamente”. Além disso, os grupos religiosos se encontram numa ambiência cuja influência mútua não pode ser ignorada. Reforçando tal posicionamento, Freitas (2013, p. 118) considera que:

É importante destacar que ao transitarem entre os diferentes grupos religiosos, as pessoas absorvem um pouco de cada crença e, inexoravelmente, levam consigo esta bricolagem de valores por onde passam, fomentando assim uma transformação das instituições religiosas por onde passam ratificando que tanto o fiel quanto a religião são transformadas por este câmbio.

Sendo assim, entendendo que o indivíduo que transita, carrega consigo seu sistema de crenças, que se mistura, provocando e sofrendo influências, parecem mais adequadas as conceituações do segundo grupo, que consideram, além da circulação de pessoas, a circulação das diversas crenças e ideias.

Nesse sentido, destaca-se a conceituação, também direta e objetiva, de Coelho (2009, p. 07) para quem o trânsito religioso trata-se da

[...] aguda circulação de pessoas pelas diversas instituições religiosas, descrita pelas pesquisas demográficas e sociológicas e a correspondente intensa circulação de ideias, crenças, etc., entre as religiões, gerando transformações no tempo e no espaço, das crenças e práticas reelaboradas nesse processo de justaposições, de diversas pertencas religiosas.

O conceito de Coelho (2009) apresenta-se como mais completo, contemplando a questão da circulação de crenças, idéias e práticas relativas às pertencas religiosas. Como ressalva, as adjetivações “aguda” e “intensa” relacionadas à circulação, parece-nos, reduz a amplitude do conceito, haja vista limitá-lo apenas aos movimentos de maior monta, não alcançando o fenômeno do trânsito nos casos em que ocorre de modo menos intenso e/ou volumoso.

Outra perspectiva que nos parece mais abrangente, embora mais simples, é a de Freitas e Souza (2013, p. 48) para quem trânsito religioso “[...] se constitui no movimento de pessoas e idéias entre as diferentes religiões [...]”. No entanto, é importante lembrar que é perfeitamente observável, tanto nos censos como em pesquisas de trânsito religioso específicas, que “[...] é possível haver mudança de denominação religiosa e permanecer em uma mesma vertente [...]” (FERNANDES e PITTA, 2006, p. 129), como é o caso do trânsito entre evangélicos de missão e os de origem pentecostal (referindo-se às categorias utilizadas pelo IBGE), por exemplo. Nesse caso, a mudança não se daria entre “diferentes religiões”, mas entre vertentes Evangélicas.

Reconhecendo que conceitos devem carregar em si mesmos a semente da transformação, tal qual geralmente são os fenômenos para os quais são criados, é compreensível que a complexidade das realidades observadas acabem por provocar reelaborações constantes. Sendo assim, considerando os conceitos e abordagens apresentadas, o trânsito religioso será entendido aqui como o fluxo de pessoas, crenças e práticas entre as diversas instituições religiosas existentes.

2.2 Tipologias do Trânsito Religioso

Ao se tratar do tema da conversão, falou-se em conversões múltiplas e não exclusivas, conversões sucessivas e simultânea participação em diversas expressões religiosas. Para avançar no estudo do trânsito religioso, parece lícito problematizar o quadro da mobilidade religiosa fazendo-se a seguinte indagação: seria possível caracterizar os diversos tipos de trânsito de modo que possam ser agrupados por semelhança, a fim de que permitam uma melhor aproximação ao objeto de estudo?

Souza (2001, p. 160-163) propôs uma tipologia que, sem a intenção de constituir numa “camisa-de-força”, conforme palavras da autora, agrupa diversos

grupos que experimentam o trânsito religioso, a partir de padrões perceptíveis. Conforme tal tipologia, o trânsito religioso pode ser dividido em três categorias: trânsito de pertença, trânsito pertencente e trânsito sem pertença. Essas categorias baseiam-se na transitoriedade das relações entre o sujeito religioso e os grupos religiosos específicos.

A autora considera o trânsito de pertença como sendo aquele “[...] em que o sujeito religioso muda de confissão religiosa, adotando dogmas e doutrinas de sua nova religião” (SOUZA, 2001, p. 160). Pressupõe-se nessa categoria o abandono dos sistemas simbólicos da religião anterior e destaca-se, também, a possibilidade de conversões sucessivas, ou seja, um mesmo sujeito religioso, no decorrer de sua vida, pode experimentar diversas conversões durante sua trajetória por diversas religiões.

Para Souza (2001), o trânsito pertencente é aquele no qual “[...] o sujeito religioso admite a pertença a uma expressão religiosa específica, participando inclusive de suas atividades, porém, transita em vários outros círculos religiosos” (SOUZA, 2001, p. 161). Nessa categoria, o sujeito religioso não vê problema algum em declarar sua pertença a uma expressão religiosa e “passear” por outras. O sujeito religioso, nesse contexto, procura o que não encontra na expressão religiosa a qual pertence, enriquecendo sua experiência religiosa com vistas à satisfação das suas necessidades não atendidas.

Por fim, o terceiro tipo de trânsito religioso, o trânsito sem pertença, é entendido por Souza (2001, p. 162) como aquele em que não há “[...] admissão de pertença a qualquer expressão religiosa por parte do sujeito religioso”. A autora esclarece que o sujeito religioso que figura nessa categoria, busca incessantemente sentido para sua vida e sua fidelidade é, sobretudo, fiel para consigo mesmo, tendo em vista que, para ele, “tudo que é de deus” é válido, não importando a fonte ou origem.

Pode-se afirmar, a partir da tipologia apresentada, que o trânsito de pertença e o trânsito sem pertença colocam-se em posições extremas no que tange à fidelidade institucional, mesmo tendo em mente que, em todos os casos, tal fidelidade é relativa.

Analisando, criticamente, tal tipologia parece adequado asseverar que, ao menos no que tange à categoria “trânsito de pertença”, em função da

pressuposição de abandono dos sistemas simbólicos das religiões anteriores por parte daquele que transita, a mesma pode ser considerada incompatível com o perfil do indivíduo inserido na pós-modernidade, apresentado no primeiro capítulo. Tal indivíduo vem construindo seu sistema simbólico a partir de suas experiências pessoais incorporadas ao longo de sua biografia, acumulando experiências e sentimentos vivenciados por onde passa. Essa incorporação de experiências religiosas caracteriza o perfil da conversão no contexto atual, conforme indicado por Fernandes e Pitta (2006) e representa bem a religiosidade ampla e difusa dos brasileiros, apontada por Filho (2003), no primeiro capítulo. Há que se considerar, também, que a referida categoria da tipologia em análise, desconsidera que cada pessoa absorve, inexoravelmente, um pouco de cada crença por onde passa e acaba levando consigo tal bricolagem, característica apontada por Almeida e Montero (2001) linhas atrás, e que parece corresponder à realidade do fenômeno.

Outra tipologia interessante é a proposta por Hervieu-Léger (2008, p. 108 - 111). Numa tentativa de descrever a paisagem da modernidade num contexto de mobilidade religiosa e a partir da figura do convertido, a autora indica três modalidades principais: a composta pelos indivíduos que mudam de religião, a composta pelos indivíduos “sem religião” que ingressam numa religião e a composta pelos indivíduos que se re-afiliam a uma religião.

Hervieu-Léger (2008, p. 109) explica:

A primeira categoria é a do indivíduo que “muda de religião”, seja porque rejeita expressamente uma identidade religiosa herdada e assumida para adotar uma nova; seja porque abandona uma identidade religiosa imposta, mas à qual nunca havia aderido, para adotar uma nova.

Pode-se supor, nessa categoria, um abandono das práticas relativas à religião anterior, embora a autora não aborde esta questão diretamente, e o exercício da autonomia do sujeito religioso no sentido de procurar encontrar na nova religião aquilo que não encontrou na de origem. Pode-se, ainda, reconhecer nessa categoria, os efeitos da crise de transmissão já comentada anteriormente.

Quanto à segunda categoria, a dos “sem religião” que ingressam numa religião, Hervieu-Léger (2008, p. 110) esclarece que se refere à conversão do indivíduo que, “[...] não tendo nunca pertencido a qualquer tradição religiosa,

descobre, a partir de um caminho pessoal mais ou menos longo, aquela na qual se reconhece e à qual decide integrar-se”. Parece lícito supor que, nunca ter pertencido a qualquer tradição religiosa, não implique em ausência de crenças. A decisão de integrar-se parece convergir com o auto-pertencimento voluntário e, portanto, declarado.

A categoria do re-afiliado, diz respeito àquele “[...] que redescobre uma identidade religiosa que permanecera até então formal, ou vivida *a mínima*, de maneira puramente conformista” (HERVIEU-LÉGER 2008, p. 111). A autora indica como casos dessa categoria, os presentes nos movimentos de renovação pentecostal e carismática, que remetem a experiências religiosas fortemente emocionais. Pode-se afirmar que implica numa retomada do sentido de pertencimento religioso por parte do indivíduo, expresso pela intensidade e pela reorganização ética e espiritual.

Hervieu-Léger (2008, p. 89), também, propõe a figura do peregrino, uma referência metafórica aos percursos espirituais individuais, fortemente relacionada à mobilidade e à associação temporária do indivíduo com doutrinas e instituições religiosas. A autora esclarece que a religiosidade peregrina caracteriza-se, “[...] antes de tudo, pela fluidez dos conteúdos de crença que elabora, ao mesmo tempo que pela incerteza das pertenças comunitárias às quais pode dar lugar” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 89 – 90).

Esta última tipologia baseia-se no mapeamento das origens e destinos em termos de grupos religiosos, porém não abarca o fenômeno do trânsito religioso em sua totalidade. Existem casos, como comentam Fernandes e Pitta (2006) neste mesmo capítulo, linhas atrás, em que é possível existir mudança de denominação religiosa e permanecer em uma mesma vertente. Trata-se, por exemplo, do caso do trânsito de sujeitos religiosos no âmbito das igrejas Evangélicas (pentecostais), observado na pesquisa junto aos frequentadores da igreja pentecostal Luz Para os Povos da Vila União, que será demonstrado no último capítulo deste trabalho.

Comparando-se as duas tipologias, percebe-se que o trânsito de pertença guarda semelhança com a categoria dos que mudam de religião e o trânsito sem pertença, guarda proximidade com a figura do peregrino, em que pese que esse último pode manter associação com determinada instituição religiosa, mesmo que de forma temporária. Parece acertado considerar ambas tipologias como complementares, posto

que abordam o fenômeno do trânsito por perspectivas diferentes, mas que reunidas, contribuem parcialmente para visualizar o quadro geral. É necessário considerar que o uso de qualquer tipologia dessa natureza deve contemplar as possibilidades de combinações de crenças, práticas e valores que acompanham o transeunte religioso em suas trajetórias. Cogitar o abandono total, por parte do indivíduo, das crenças, valores e práticas dos grupos religiosos de origem parece algo virtualmente incompatível tanto com a ambiência pós-moderna como com a matriz religiosa brasileira.

Diante dos resultados que serão apresentados no terceiro e último capítulo deste trabalho, as tipologias ora apresentadas serão úteis para suscitar a discussão de novas tipologias, mais abrangentes e/ou mais compatíveis com o contexto religioso contemporâneo.

2.3 Trânsito Religioso no Brasil: O Panorama Atual

Para se estabelecer um panorama geral e conhecer melhor as transformações que o campo religioso brasileiro vem sofrendo desde o século passado, servimo-nos do trabalho de Campos (2008, p. 14) que organizou e teceu considerações acerca dos Censos Demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, desde 1940 até o ano 2000. Como tal trabalho foi publicado antes da divulgação dos dados do Censo Demográfico 2010, foram acrescentadas algumas informações deste e encontrou-se o seguinte panorama: em termos de população segundo os grupos de religião, desde 1940 até o Censo Demográfico de 2010, pode-se perceber a gradual redução do número de católicos, variando de 95,2% da população em 1940 até 64,6% em 2010. Em contrapartida, notou-se o aumento do número de respondentes que se declararam evangélicos, variando de 2,6% da população em 1940 para 22,2% em 2010. Pode-se perceber, também, o aumento gradativo dos que se declararam pertencer a “outras religiões”, de 1,9% em 1940 para 5,2% em 2010, e dos que se declararam “sem religião”, partindo de 0,2% em 1940 para 8% em 2010.

Estes números dão uma idéia da dimensão das transformações ocorridas no campo religioso brasileiro. Uma verificação no quadro comparativo detalhado destes números, na tabela 1, pode trazer mais informações relevantes.

Tabela 1: Participação Relativa da População por Religião – Brasil 1940 – 2010

Ano	Católicos	Evangélicos	Outras Religiões	Sem Religião
1940	95,2	2,6	1,9	0,2
1950	93,7	3,4	2,4	0,3
1960	93,1	4,3	2,4	---
1970	91,8	5,2	2,3	0,8
1980	89,0	6,6	2,5	1,6
1990	83,3	9,0	2,9	4,7
2000	73,9	15,6	3,5	7,4
2010	64,6	22,2	5,2	8

Fonte: adaptado de Campos (2008, p. 14) e censo demográfico IBGE – 2010.

Inicialmente, pode-se afirmar que os números não indicam um abandono da fé religiosa, nem tampouco que o Brasil estaria abandonando o Cristianismo. Há que se considerar que tais números revelam que o Brasil ainda continua com uma população predominantemente cristã, com expressiva liderança católica e majoritariamente ligada a alguma religião, já que apenas 8% dos respondentes declararam-se sem religião. Vale lembrar que outras pesquisas que investigam o trânsito religioso mostram que “sem religião” não significa sem fé religiosa. Pode-se citar, por exemplo, as constatações de Almeida e Montero (2001, p. 95) que afirmam que “[...] entre aqueles que se encontram na categoria sem religião, 30,7% frequentam algum serviço religioso anualmente e 20,3% mais de uma vez ao mês”. Observa-se, portanto, uma “recomposição no interior do campo religioso”. (CAMPOS, 2008, p. 9). Complementando tal raciocínio, Andrade (2013, p. 96) destaca que nas Américas o que se verificou foi um aumento da diversificação religiosa e do trânsito religioso, diferentemente do que aconteceu na Europa, que tem experimentado um forte crescimento do número de ateus e o ofuscamento da religião como um todo.

Voltando a atenção para a tabela 1, salta aos olhos a tendência de queda da participação relativa dos católicos, perceptível em cada Censo Demográfico, com uma aceleração em tal queda, de modo mais intenso, a partir da década de 90. Trata-se de reduções de 9,4% entre 1990 e 2000 e de 9,3% entre 2000 e 2010. Ao mesmo tempo, verifica-se que todas as demais categorias vêm aumentando sua participação relativa na população, com destaque para os evangélicos, notadamente

nos três últimos Censos Demográficos, que cresceram 6,6% a cada verificação, desde 1990.

Andrade (2013, p. 95) chama a atenção para o fato de que houve em 2010 “[...] pela primeira vez, uma diminuição não só em termos relativos, mas também em números absolutos, daqueles que se declaram católicos”. De fato, se verificarmos os números absolutos dos que se declararam católicos apostólicos romanos no Censo Demográfico 2000 em relação ao 2010, veremos que houve uma queda de 124.980.132 para 123.280.172.

Quanto à direção do fluxo do trânsito, Almeida e Montero (2001), com base em suas pesquisas, afirmam que há padrões de migração entre as religiões e que o catolicismo configura-se como uma espécie de doador universal, tendo os pentecostais e os sem religião como principais receptores. Para melhor ilustrar os padrões de fluxo do trânsito religioso a partir de suas pesquisas, os autores propuseram um esquema representativo que pode ser observado na figura 1.

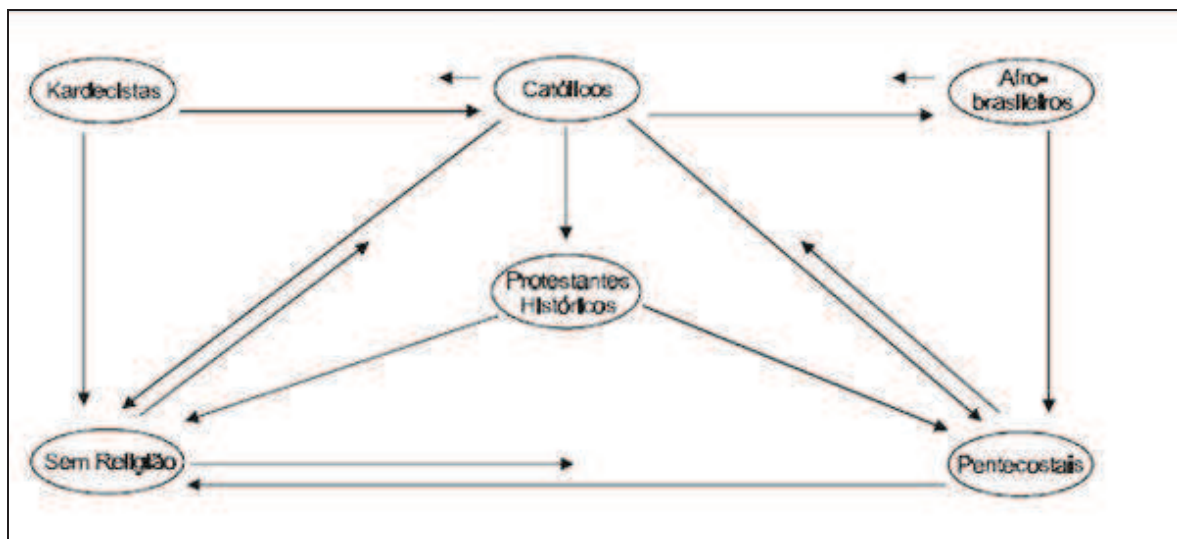


Figura 1: Padrões de Migração entre Religiões

Fonte: Almeida e Montero (2001, 98).

Pode-se afirmar que há convergência entre os padrões de migração apresentados no esquema de Almeida e Montero e os observados pelo IBGE no “Censo Demográfico 2010: Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência”. Antes de se comentar tais convergências, é importante esclarecer como o IBGE divide os grandes grupos de religião no Brasil.

Conforme o IBGE, os grandes grupos de religião no Brasil estão divididos nas seguintes categorias: Católica (Apostólica Romana, Brasileira e Ortodoxa); Espírita;

Umbanda e Candomblé; Outras Religiosidades (Judaísmo, Hinduísmo, Budismo, outras religiões orientais, tradições esotéricas, tradições indígenas e outras); Sem Religião (sem religião, ateu e agnóstico) e Evangélicas (de missão, de origem pentecostal e evangélica não determinada). A categoria “Evangélicas de missão” está constituída pelas igrejas Luterana, Presbiteriana, Metodista, Batista, Congregacional, Adventista e outras. A categoria “Evangélicas de origem pentecostal” contempla as igrejas Assembléia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Brasil para Cristo, Evangelho Quadrangular, Universal do Reino de Deus, Casa da Bênção, Deus é Amor, Maranata, Nova Vida, Comunidade Evangélica e outras.

Pois bem, no trecho das análises dos resultados do documento “Censo Demográfico 2010: Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência” comenta-se que houve tanto o crescimento dos que se declararam espíritas (de 1,1%, em 1991, para 1,3% em 2000) como dos que se declararam pertencer às demais religiosidades, que partiu de 1,4%, em 1991, para 1,8% em 2000. Tal tendência se confirmou, em 2010, com o aumento dos que se declararam “sem religião” e dos que se declararam pertencer a outras religiosidades, ainda que em ritmo menor. Entre 2000 e 2010, ainda no mesmo documento, confirmou-se a tendência de crescimento do número de evangélicos pentecostais, cujo maior expoente é a Assembléia de Deus, e a estabilização da participação relativa na população do país dos que se declararam evangélicos de missão ou históricos. Vale destacar que algumas igrejas apresentaram quedas, como é o caso da Igreja Universal, reforçando o entendimento de que há movimentação de fiéis dentro da categoria “Evangélicas”.

Outro dado importante para o presente estudo, ainda em se tratando das Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência, é que a região Centro-Oeste, no Censo Demográfico 2010, consolidou-se como a segunda maior concentração relativa de evangélicos, com 26,8%, ficando atrás apenas da região Norte, com 28,5%.

Em tempo, é interessante considerar as reflexões de Mariz (2013, p. 47 - 49) sobre a metodologia utilizada nos Censos Demográficos para levantamento do perfil da população no que tange à religião. No Censo Demográfico, é realizado apenas um único questionamento ao respondente: “Qual é sua religião ou culto?” Ao responder apenas “evangélico”, por exemplo, uma pessoa que é da Igreja Universal, será computada no subgrupo “evangélico sem declaração de denominação”,

subgrupo criado somente em 2010. É pertinente esclarecer que, conforme Cerveira (2008, p. 38) o termo “denominação”, inventado pelos puritanos ingleses do século XVIII, é utilizado como auto-identificação protestante. Denominações são associações de congregações que têm uma tradição em comum. A denominação não pretende abarcar a totalidade de cristãos de uma região, baseando seu relacionamento com seus fiéis através da adesão voluntária. Conforme o autor não deve ser confundida com “seita”, pois a denominação não se vê como única expressão da verdadeira igreja invisível, embora, obviamente se considere a melhor opção para se vivenciar a igreja visível. Corriqueiramente, o termo é utilizado para definir conjuntos de igrejas locais, unidas sob doutrinas comuns e subordinadas à hierarquia administrativa e jurídica únicas. A Igreja Batista e a Metodista são exemplos de denominações.

Voltando à maneira como é formulada a questão “qual é sua religião ou culto?”, o respondente pode não sentir necessidade de declarar sua denominação, seja por economia de tempo ou por não saber que poderia fazê-lo. Este aspecto da metodologia pode levar a distorções na leitura do cenário religioso, haja vista que a não identificação da denominação pode indicar a queda relativa e proporcional de membros em determinada igreja, sem que haja, necessariamente, trânsito, ou mesmo, não evidenciando o surgimento de novas igrejas. Mariz (2013, 44) sugere que, talvez, um questionamento mais adequado seria: “Qual sua religião, culto e igreja?”.

Em função do exposto, ainda que reconhecendo a importância das informações proporcionadas pelos Censos Demográficos do IBGE, parecem fazerem-se necessárias outras pesquisas de caráter mais específico, como é o caso do presente estudo, para se conhecer melhor a dinâmica do campo religioso e, mais especificamente, as características do trânsito religioso. Os Censos Demográficos indicam a existência do trânsito religioso e, além do compreensível grau de imprecisão, não são capazes de trazer luz sobre as motivações pessoais dos indivíduos que transitam. Campos (2008, p. 11) assinala que a diversidade religiosa brasileira e as alterações no campo religioso têm como pano de fundo, desde 1940, a urbano-industrialização, êxodo rural, crescimento das metrópoles, desigualdade social, fenômenos políticos, econômicos e o incremento dos meios de comunicação de massa (sobretudo a partir da década de 80). Acrescente-se à todas estas variáveis, as influências relacionadas ao ambiente de pós-modernidade e as

características da matriz religiosa brasileira, descritas anteriormente. No entanto, essas observações dizem respeito a um cenário geral que cria ambiência para o trânsito religioso, mas, e as motivações pessoais do sujeito religioso? Parece haver, portanto, a necessidade de pesquisas de caráter mais específico para se entender melhor o fenômeno, como é o caso do presente estudo.

A seguir serão apresentados comentários sobre algumas pesquisas relativas ao trânsito religioso que esclarecem um pouco mais as motivações do sujeito religioso no âmbito pessoal.

2.4 Motivos Para o Trânsito Religioso sob a Perspectiva do Sujeito Religioso

Em termos de objetivos, o presente estudo pretende identificar os motivos para o trânsito religioso, observado na Igreja Luz Para os Povos da Vila União, bem como os fatores que provocam atração e afastamento das pessoas envolvidas com o fenômeno, sob a perspectiva do sujeito religioso. Neste sentido, parece adequado um levantamento dos motivos observados em outras pesquisas correlatas que, mesmo sendo realizadas em momentos diferentes e apresentando metodologias e objetivos diferentes, possam servir de referência para as informações que se pretende levantar em campo, sem, contudo, ter-se a intenção de produzir uma exaustiva análise de todas as pesquisas do gênero já realizadas.

Sendo assim, a primeira pesquisa que pode ser útil ao presente estudo foi a realizada por Almeida e Montero (2001). Os autores produziram suas observações a partir de uma pesquisa realizada em 1998, sobre o “Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/Aids”, envolvendo 3.600 pessoas entre 16 e 65 anos, presentes em 169 microrregiões do país. Em tal pesquisa constavam perguntas destinadas a se compreender como as diferentes religiões influenciam o comportamento sexual. Os autores, valendo-se dos referidos dados, buscaram relacioná-los ao trânsito religioso, observado em outros estudos de menor monta, mais especificamente no que tange à direção dos fluxos do trânsito religioso. Não investigou-se diretamente os motivos declarados para o trânsito, mas os autores conjecturam:

Um indivíduo que passou pela Igreja em momentos como batizado, talvez uma comunhão e uma crisma, o casamento e, no futuro, receberá dela a extrema-unção – alguém que pode muito bem se declarar sem religião, dependendo do dia em que for entrevistado, mas, ao descobrir ser portador de uma grave doença, recorrerá à fé católica, aos santos milagreiros e a

alguma devoção a Maria. Não conseguindo o seu objetivo, recorre à umbanda, que lhe promete a cura mediante oferenda de sacrifício para alguma entidade afro-brasileira. A cura, no entanto, não vem. Ele, então, assiste na televisão os testemunhos de milagres que ocorrem a quem for à Universal; e lá se fixa o fiel-doente. A partir de pesquisa na Igreja Universal, pode-se afirmar que até aqui essa trajetória é significativamente observável (ALMEIDA E MONTERO, 2001, p. 100).

O principal motivador para o trânsito religioso, neste caso hipotético, seria a “busca pela cura da doença”. Reconhecendo tanto sua plausibilidade, como a necessidade de pesquisas específicas para avaliar esta hipótese, os autores acabam por dar margem para o entendimento de que o trânsito religioso possui motivação específica, sujeita à observação/mapeamento, e que o sujeito religioso transita até encontrar uma religião que lhe atenda em suas necessidades prementes.

A segunda pesquisa que pode contribuir para a investigação dos motivos para o trânsito religioso é a produzida por Campana (2002), realizada em função de um trabalho de dissertação de mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás, que teve como objetivo identificar, em uma amostra de 140 jovens de 16 a 24 anos, da cidade de Itaberaí-GO, os motivos que os levaram a transitar por outras religiões. Um aspecto interessante desta pesquisa é que dá margem para a identificação de fatores que podem ser considerados como capazes tanto de atrair, como de afastar os indivíduos dos grupos religiosos. A música, por exemplo, pode ser considerada como um dos principais fatores de atração citados. Um respondente, tratado como Welismar afirmou: “Eu participo da Igreja de Deus porque cantam muitos hinos alegres, tem muita animação e tem a hora certa para todos falarem. Temos ministérios de canto, da palavra etc. [...]” (CAMPANA, 2002, p. 101). Outras respostas apresentadas na pesquisa, que dão margem para serem entendidas como fatores capazes de atrair pessoas para determinada instituição religiosa, dizem respeito à oferta de estudos da Bíblia e a existência de um convite, feito de forma personalizada, para visitar determinada expressão religiosa.

Verificou-se, ainda na pesquisa de Campana (2002), proposições inusitadas que acabaram por atrair jovens para participação de atividades de grupos religiosos. Campana (2002, p. 82) reproduz um trecho de uma respondente denominada Renata:

O Pastor fez um desafio para nós, jovens, ele sabe que nós gostamos de desafios. Falou que entregava 50 reais ao jovem que lhe desse de cor todos os livros da Bíblia. Nós gostamos da proposta e estamos estudando. Na nossa igreja não tem muitos jovens, somos poucos e a maioria vai, só quando quer, não tem um compromisso. Nós jovens estamos tentando levar outros para a igreja, mas é difícil porque vão uma vez e logo somem da igreja. Quem sabe, com esse desafio, ele se interessam mais [...].

Quanto a fatores que podem ser considerados capazes de afastar as pessoas dos grupos religiosos disponíveis, pode-se citar a postura de poder e autoridade de alguns líderes religiosos. Um trecho da fala de um dos respondentes, tratado pelo nome de Wagner, ilustra tal situação:

A igreja e os padres não têm nada a ver com Jesus Cristo. Os padres tentam manter o poder e um status que lhes dá uma vida cheia de mordomias. A igreja diz que tem propostas para os jovens só que sei lá, está como parada (CAMPANA, 2002, p. 79).

Nota-se, aí, um problema de relacionamento e uma percepção, por parte do respondente, de desigualdade e injustiça, que pode pesar como fator de afastamento e de desinteresse.

Tentando sintetizar os motivos para o trânsito religioso, apresentados no trabalho de Campana (2002), pode-se elencar, sem relação de ordem de importância, os seguintes: necessidade de ser ouvido e emocionalmente acolhido, algo possivelmente não encontrado na instituição religiosa de origem; possibilidade de mudança de vida, a partir de uma realidade insatisfatória, possivelmente não alcançada na igreja de origem; necessidade de se abandonar as drogas, objetivo possivelmente não alcançado na instituição de origem; necessidade de identificação com pessoas de mesma idade não encontrada em outros ambientes; e busca de liberdade, possivelmente não encontrada na religião de origem. Sobre o trânsito religioso, nas palavras da autora:

[...] existe uma motivação, um convite, mas qualquer que seja a razão, existe uma elaboração racional para aceitar ou não e, mesmo que num primeiro momento se reaja por impulso, logo há a elaboração racional do acontecido. As decisões e escolhas são feitas com base no cálculo das alternativas disponíveis, buscando a maximização dos meios para o alcance das intenções do sujeito. [...] As motivações são quase sempre motivações bem pessoais, individualistas as quais posteriormente se socializam, mesmo que não sejam duradouras, pelo menos constituem o ponto de referência em determinado momento. (CAMPANA, 2002, p. 110).

Parece correto afirmar que, de certa forma, há convergência entre as motivações encontradas na primeira pesquisa de Almeida e Montero e o trabalho de Campana. Os indivíduos, na busca por reorganizar a própria existência e alcançar a satisfação de suas necessidades, escolhem, dentre as possibilidades disponíveis, aquela que melhor corresponda a seus anseios.

Outro trabalho que pode servir para enriquecer as reflexões acerca das motivações para o trânsito religioso e os fatores que atraem e afastam adeptos, é o

de Fernandes e Pitta (2006). Trata-se de um desmembramento de pesquisa realizada pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais – CERIS em 2006, cujo objetivo principal era mapear os motivos e características do trânsito religioso. Tal estudo ouviu 2.870 pessoas, com mais de 17 anos de idade, em 23 capitais e 27 municípios brasileiros.

Os autores consideram que o principal fator capaz de provocar o abandono de uma religião é a discordância do indivíduo em relação a preceitos e doutrinas propostas. Fernandes e Pitta (2006, p. 137) explicam:

Muitos dos que abandonam uma religião o fazem porque perderam a credibilidade em um sistema ou porque acreditam que é possível adotar em suas vidas uma fórmula simples que conjugue flexibilização de normas e desenvolvimento de uma ética – ainda que carregada por símbolos religiosos – muito particular e desinstitucionalizada sob o ponto de vista da declaração de pertença.

Pode-se afirmar que os indivíduos, posicionando-se em termos racionais, precisam concordar com os preceitos e doutrinas apresentadas como necessárias pelos grupos religiosos enquanto “caminhos” para se alcançar Deus. Quando existe discordância e o indivíduo não encontra nenhuma proposta religiosa que seja validada por ele mesmo, existe a possibilidade, nem que seja por um período de tempo, de ele passar a figurar no grupo dos “sem religião”. Nesse sentido, Fernandes e Pitta (2006, p. 137) informam que, quanto aos motivos para uma pessoa se declarar sem religião, a maioria dos entrevistados assinalou a opção que afirmava: “Porque possui uma religiosidade própria sem vínculo com Igrejas”. Fica evidente neste grupo o importante papel da subjetividade do indivíduo e sua autonomia para elaboração de sua síntese personalizada de crenças e valores.

Ainda em se tratando de questões que podem ser consideradas como fatores que afastam o indivíduo de determinada instância religiosa, Fernandes e Pitta afirmam, também, que “[...] para desfiliar-se, basta um sinal mínimo de insatisfação com o grupo ao qual se está vinculado, um desencanto qualquer [...]” (FERNANDES e PITTA, 2006, p. 138). Evidencia-se uma baixa tolerância à frustração e ao desconforto, além de um significativo enfraquecimento dos vínculos com os grupos religiosos. Obviamente, a desfiliação é mais fácil num ambiente em que não há cobranças sociais intensas, e há, além disso, uma ampla oferta de outras opções religiosas. Tais características, convergem com o perfil do sujeito religioso

contemporâneo, já apresentado, anteriormente, e com o ambiente de pós-modernidade inserida na peculiar matriz religiosa brasileira.

Fernandes e Pitta (2006, p. 139 – 141), dando margem à reflexão acerca dos fatores que podem ser capazes de atrair os indivíduos para determinada instituição religiosa, destacam a sensibilidade apresentada pelos indivíduos para com a existência de propostas atraentes no universo religioso atual, que vão ao encontro das suas subjetividades e que incluam as emoções e o 'sentir'. Ou seja, a oferta por parte dos grupos religiosos de experiências emocionais pode se constituir num fator atrator importante. A imagem da instituição religiosa, também, é outro fator muito importante em termos de atratividade. Os autores constatam tal importância pois, a partir do questionamento sobre "motivos pelos quais os indivíduos escolheram a religião atual", a opção "Porque é uma religião séria" recebeu expressiva votação. Neste caso, fica evidente um tipo de racionalização ética que encontra espaço no processo de síntese de crenças e valores do indivíduo.

Após considerar os motivos para o trânsito religioso apresentados no decorrer de todo o trabalho de Fernandes e Pitta (2006), propõe-se a seguinte síntese, sem relação de ordem de importância: busca de felicidade e satisfação pessoal, não proporcionadas pelo grupo religioso de origem e o desejo de vivenciar uma experiência religiosa pautada em auto-referências.

Mais uma vez fica evidenciada a busca do sujeito religioso pela satisfação de necessidades de caráter prático, em termos individuais e enfatizada a importância da experiência de caráter emocional no processo de trânsito religioso, além da baixa tolerância ao desconforto e/ou frustração. A busca não está ligada a um por vir escatológico ou a questões inerentes a uma vida eterna.

Um trabalho que, também pode agregar valor à discussão sobre motivos para o trânsito religioso é o produzido por Souza (2006), que trata do trânsito religioso sob o viés de gênero. Em seu artigo, a autora baseou-se em duas de suas pesquisas de campo anteriores, sendo a primeira realizada em 2000, para Universidade Católica de Goiás, envolvendo mulheres de Alto Paraíso – GO e a segunda, realizada em 2003, para a Universidade Metodista de São Paulo, que ouviu 132 pessoas da cidade de São Bernardo do Campo – SP.

A análise dos dados do Censo Demográfico 2000 e a pesquisa junto às mulheres de Alto Paraíso – GO revelaram uma presença feminina majoritária em

quase todos os grupos religiosos, além de um distanciamento das mulheres das posições de poder nas instituições religiosas. A pesquisadora entende que este distanciamento facilita o trânsito religioso, já que, neste caso, existe por parte delas menor propensão ao comprometimento com a reprodução do modelo tradicional da religião da qual participam. Não possuir poder não é fator motivador para o trânsito, mas atua como um viabilizador do mesmo. Além disso, as mulheres de Alto Paraíso revelaram insatisfação com suas instituições religiosas de origem, que podem vir a estimular o afastamento das mesmas, tais como: dificuldades de relacionamento com as lideranças religiosas; confronto com a pretensão de “pursimo” simbólico das instituições religiosas; e o fato de se sentirem pouco à vontade em relação a algumas normas institucionais (SOUZA, 2006, p. 21 – 23). Um exemplo da insatisfação, ora relatada, pode ser ilustrado pela seguinte fala:

Eu sou da Igreja Batista Renovada. (...) quando minha amiga [também da igreja] me falou que estava vindo aqui [em Alto Paraíso] para meditar com o pessoal e me convidou, primeiro eu achei meio estranho, mas depois eu fiquei pensando: “se o pastor não me ajuda, por que eu não experimento?” Isso já faz dois anos. Tem mulher de toda religião: tem batista, presbiteriana, católica... Tem até espírita! Eu me encontrei, estou mais calma, mais centrada e lido melhor com meus sofrimentos e com minhas angústias (SOUZA, 2006, p. 24).

O trecho “se o pastor não me ajuda, por que eu não experimento?” evidencia que a incapacidade da instituição religiosa em produzir sentido e atender às demandas do sujeito religioso, dentre outros fatores, acaba por ensejar o trânsito religioso e/ou a múltipla pertença. Por outro lado, é importante ressaltar o grau de atipicidade religiosa de Alto Paraíso, o que exige certo grau de relativização na interpretação do dado.

Já a pesquisa realizada em São Bernardo do Campo – SP, revelou motivações para o trânsito religioso de forma mais direta e específica. Souza (2006, p. 25) revela que o trânsito religioso entre mulheres é maior. Inicialmente, diante da questão acerca dos motivadores, os respondentes produziram respostas genéricas, tais como: busca por uma nova espiritualidade, maior aprofundamento espiritual e maior proximidade com o sagrado.

Estimulados pela pesquisadora, os respondentes produziram dados mais específicos, ora relatados na tabela 2.

Tabela 2: Motivadores da Busca Religiosa

Motivações	Homens	Mulheres
Desemprego	47,5%	21%
Outros problemas econômicos	51,2%	27%
Doença pessoal	43%	36,4%
Doença/morte do cônjuge	16%	44,5%
Doença/morte dos filhos	22,7%	59%
Problemas conjugais	2%	39,5%
Solidão	0%	15,7%

Fonte: Souza (2006, p. 26).

A tabela 2 revela nuances interessantes acerca dos motivadores declarados para o trânsito religioso. A principal é o fato de que os motivadores são os mesmos para homens e mulheres, porém, existindo diferenças significativas quanto às ênfases por parte de cada gênero. Os motivos mais votados pelas mulheres estão ligados à preocupação com terceiros, filhos e/ou maridos. Preocupa mais às mulheres, nas suas demandas simbólicas por outros grupos religiosos, as questões ligadas a terceiros. As questões relacionadas a si mesmas estão arroladas, mas em grau de importância menor. Já no caso dos homens, verifica-se que suas demandas simbólicas estão mais ligadas a motivos de fundo pessoal.

Uma possibilidade é a de que as demandas masculinas podem estar ligadas ao seu papel tradicional de provedor da família, daí problemas econômicos e desemprego ocuparem espaço privilegiado em suas preocupações.

Outro fator que merece destaque na tabela 2 é a demanda que apenas mulheres assinalaram: a “solidão”. A pesquisadora interpreta esta motivação, apresentada de forma exclusiva por parte das mulheres, da seguinte forma:

Esse dado indica que a participação religiosa das mulheres se dá também por fatores de sociabilidade. Não é à toa que, ao circularem, elas ampliem significativamente seus espaços de sociabilidade. Há que se lembrar que o contexto patriarcal de nossa sociedade ainda situa o feminino no espaço privado. O espaço público é considerado como espaço de constituição das identidades masculinas, enquanto o feminino é determinado pelo privado. A religião é considerada uma extensão da casa. Daí apresentar-se como um espaço possível e permitido de sociabilidade das mulheres (SOUZA, 2006, p.26).

O dado da “solidão”, acompanhando o raciocínio da pesquisadora, dá margem para se afirmar que o gênero feminino precisa “sentir-se” bem e à vontade

para sociabilizar-se no ambiente de compartilhamento da religião, posto que tal ambiente configura-se como extensão da casa. Não havendo tal atrativo, o desconforto pode vir a configurar-se como estímulo para a busca de novas experiências mais satisfatórias em outras instituições religiosas.

Merece destaque a percepção de legitimidade existente no trânsito religioso quando não se tem as necessidades satisfeitas. Nesse sentido, Souza (2006, p. 27) relata a “[...] ausência de qualquer pudor das mulheres e homens entrevistados em relação às suas andanças religiosas. Se existe uma demanda por cura e esta não é atendida, a busca por outros grupos religiosos é entendida como legítima”.

Tentando sintetizar as contribuições de Souza (2006), pode-se afirmar que insatisfações com as lideranças religiosas; desacordo e/ou desconforto em relação ao “purismo” simbólico adotado pela instituição religiosa e a dificuldade de acesso às posições de poder constituem fatores que podem afastar os indivíduos, nesse caso, com efeito maior sobre o gênero feminino, das instituições religiosas de origem. Quanto aos motivos para o trânsito, sem ordem de importância, elenca-se: desemprego, outros problemas econômicos, doença pessoal, doença/morte do cônjuge, doença/morte dos filhos, problemas conjugais e solidão.

O trabalho de Souza (2006) acrescenta às contribuições sobre motivadores para o trânsito religioso a questão de gênero, evidenciando que, embora a busca pela satisfação de necessidades prementes e o uso da autonomia do sujeito religioso também se apresentem em sua pesquisa, existem diferenças significativas quanto à ordem de prioridade dos indivíduos, principalmente, no que tange às motivações, em função de gênero.

Mais uma pesquisa que pode enriquecer a leitura sobre as motivações declaradas para o trânsito religioso é a realizada por Costa (2011), por ocasião da sua dissertação de mestrado em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, sob orientação de Souza (autora da pesquisa anterior), que investigou diversos aspectos relacionados ao fenômeno do trânsito religioso. Tal pesquisa, que teve como universo as congregações ligadas à Igreja Evangélica Assembléia de Deus (IEAD) – Ministério São Bernardo do Campo (MSBC) e reuniu respostas de 168 indivíduos que, dentre outras informações, compartilharam suas motivações declaradas para o trânsito religioso.

A tabela 3 apresenta os motivos apresentados pelos respondentes para o trânsito religioso.

Tabela 3: Motivação para o Trânsito Religioso – Comparação entre Homens e Mulheres

Motivações	Mulheres	Homens
Enfermidade pessoal	---	2%
Enfermidade do/a esposo/a	---	---
Enfermidade do/a filho/a	---	---
Enfermidade de outro ente querido	---	2%
Morte de um ente querido	---	4%
Desemprego pessoal	---	2%
Desemprego familiar	1,5%	---
Problemas de relacionamento afetivo com o/a esposo/a	19%	10%
Problemas de relacionamento afetivo com outro ente querido	4,5%	---
Solidão	7,0%	14%
Outros	67,%	66%

Fonte: adaptado de Costa (2011, p. 75).

Numa primeira verificação da tabela 3, salta aos olhos o elevado número de respostas agrupadas na categoria “outros”. Sobre tal concentração de respostas nesta categoria, Costa (2011, p. 70) argumenta:

[...] essa tendência foi abordada nas entrevistas e identificamos que muitas pessoas não entendem sua biografia religiosa como significativa. Assim, algumas pertencas anteriores são arquivadas e os sujeitos tendem a focar a atual experiência como a verdadeira conversão motivada e concebida pela ação divina, sem relacioná-la com demandas de sua vida cotidiana, por conseguinte ao ser questionado sobre quais motivos o levaram a IEAD, MSBC essas pessoas não estabelecem eventos concretos para movimentação.

Infelizmente, em tal pesquisa, não foi possível conhecer um pouco mais da composição desta categoria “outros”. Conjeturando, uma outra possibilidade, além da levantada pelo pesquisador, é a distância de tempo entre o trânsito e a realização da pesquisa, tendo em vista que, considerando os dados disponibilizados pelo pesquisador, 83% dos respondentes estavam no IEAD há mais de 3 anos quando da realização da pesquisa. Assim, conjeturando, quanto mais distante o evento, menor a nitidez da lembrança.

Tal qual o trabalho de Souza (2006), as motivações são parecidas e as ênfases, também, variam conforme o gênero. No entanto, na pesquisa de Costa, as categorias “morte” e “enfermidade de um ente querido” apresentam indicações no

caso dos homens e não figuram como motivações femininas. As motivações relativas à família, apresentam-se, percentualmente, mais assinaladas no caso das mulheres. Uma diferença entre o trabalho de Souza e o de Costa, que chamou a atenção, é a motivação “solidão”, com o dobro de indicações nas respostas dos homens em relação às motivações das mulheres. Costa (2011, p. 75) explica que “[...] dentre outras explicações para o fato, vale lembrar que a composição do grupo [religioso] apresenta 70% de mulheres, logo é reconhecido como local de sociabilidade que proporciona alternativas à busca de um parceiro/a”.

Outros aspectos que podem contribuir para enriquecer o quadro interpretativo do trânsito religioso, presentes na pesquisa, é o relacionado à permanência dos indivíduos na instituição religiosa e a percepção de legitimidade de mudança, caso necessária. Segundo Costa (2011, p. 63), 72% dos respondentes afirmaram permanecer na instituição religiosa atual “porque encontrou o que buscava”. Este mesmo grupo, quando questionado se “poderia trocar de grupo religioso” afirmou, em sua maioria, que se houver uma oportunidade melhor, não há problemas em efetivar a troca. Um depoimento que ilustra bem tal posição é o oferecido por um dos líderes do grupo:

Fui católico por influência de minha família, mas acredito que só tive um encontro com Deus nesse grupo. Contudo, Deus não está só neste grupo. Ele também está em outros. Assim, em uma eventualidade, eu poderia mudar de grupo religioso (COSTA, 2011, p. 64).

Em síntese, os motivos para o trânsito religioso apontados por Costa (2011), sem relação de ordem de importância, são: enfermidade pessoal, enfermidade de outros entes queridos, morte de entes queridos, desemprego pessoal ou na família, problemas de relacionamento afetivo com cônjuge e com outros entes queridos, solidão e outros não identificados com precisão.

Todas estas informações são convergentes com as observações realizadas nas pesquisas anteriores, guardando pequenas alterações, possivelmente, em função de características locais do campo religioso.

Bartz (2011) traz contribuições interessantes ao entendimento das motivações para o trânsito religioso no âmbito das escolhas individuais. Seu artigo publicado em 2011, tem como pano de fundo uma comunidade Luterana, situada na zona central do Rio de Janeiro, que experimentava um conflito entre a tradição cultural e étnica dos antigos membros e o grande número de participantes que desconheciam tais

tradições. Em tal artigo, o autor, além de tecer interessantes considerações acerca da modernidade religiosa no Brasil, trata de dois estudos de casos envolvendo pessoas que possuem múltiplas pertencas religiosas. A contribuição para a presente análise não está na indicação de motivações declaradas para o trânsito, mas na possibilidade de tais estudos de casos indicarem fatores que possam vir a atrair ou afastar as pessoas, objeto dos estudos de caso, das instituições religiosas.

Logo nas primeiras páginas do artigo, Bartz (2011, p. 10) elenca diversos motivos que provocam a visitação de um grande número de pessoas à comunidade Luterana em questão, tais como: “[...] proximidade geográfica, convite de amigos e música”.

O primeiro estudo de caso trata de uma senhora de 68 anos, aposentada e que viveu em alguns estados brasileiros, encontrando-se no Rio de Janeiro quando da realização do estudo de caso. Em sua trajetória de vida, trabalhou em ambiente hospitalar e, diante do “horror da morte”, começou a buscar por Deus. Foi batizada, estudou em colégio franciscano e, por influência de amigos, começou a participar da comunidade Luterana no Rio de Janeiro. O que a fez gostar da comunidade é o fato daquela igreja ser ecumênica, ter fraternidade e não obrigar as pessoas com doutrinação. Quando convidada a se filiar, preferiu não fazê-lo, pois não desejava estabelecer compromisso de pertencimento com nenhuma instituição religiosa. Sente-se compromissada com Deus, Jesus e Maria. É leitora de auto-ajuda e Nova Era. Já teve diversas experiências religiosas e gosta da mistura. Quando vai à sua terra natal, volta a ser católica (BARTZ, 2011, p. 10 – 11).

O segundo estudo de caso refere-se a uma outra senhora, de 72 anos, costureira, casada, que veio da Paraíba e que, quando da realização do estudo de caso, vivia no Rio de Janeiro. Quando criança, sua família era de origem católica, mas começou a participar da Igreja Congregacional. Quando se mudou para o Rio de Janeiro, participou de reuniões da Umbanda e, posteriormente, firmou-se na Igreja Universal do Reino de Deus, o que não a impediu de visitar outras igrejas. Prefere a Universal pois ela é mais liberal quanto ao uso de jóias, maquiagem e roupas. Ela se sente bem na Universal pois lá se tem muita oração. Lá foi batizada e fala em línguas durante os cultos. Não gosta de dar o dízimo em função das acusações de corrupção que envolvem aquela igreja. Afirma que a igreja não exige dízimo dela, pois se trata de uma questão de fé. Afirma receber as mesmas graças que as demais pessoas. Atualmente, também frequenta a comunidade Luterana pois seu marido não gosta da prática da Universal de pedir dinheiro de forma insistente (BARTZ, 2011, p. 11 -12).

Ambos os estudos de casos evidenciam a importância de “gostar” e de “se sentir bem” e da noção de liberdade, de não se sentir preso a determinado conjunto de crenças e valores representadas por uma única instituição religiosa. Movidas pela busca de sentido, as pessoas citadas são influenciadas por amigos ou familiares, assumindo a própria autonomia para escolher a combinação de instituições religiosas que julgam mais adequada e que as levam a se sentirem bem. No último estudo de caso, destaca-se o fato de que, mesmo discordando da conduta dos líderes religiosos, no que diz respeito à aplicação dos dízimos, continua frequentando a igreja, pois, afinal, recebe as mesmas graças das demais pessoas que dão dízimos.

Os estudos de casos ilustrados apresentam novas formas de se relacionar com a instituição religiosa. Para Bartz (2011, p. 17) isso faz com que haja uma exigência de maior flexibilidade institucional, de modo que a instituição “[...] se adapte à estrutura e à trajetória do próprio indivíduo – bem como uma menor exigência em relação a compromissos formais entre indivíduo e instituição”.

A exposição de Bartz dá a entender que, estará mais apta ao campo religioso contemporâneo, a instituição religiosa que melhor desenvolver e assumir a atitude de tolerância para com as exigências individuais e que forem mais capazes de adaptar suas ofertas simbólicas.

Ao final deste capítulo, parece útil fazer um breve balanço das principais contribuições levantadas. Em termos de aceção e uso do termo “trânsito religioso”, o conceito adotado como referência para o presente trabalho é o que descreve o fenômeno como sendo “o fluxo de pessoas, crenças e práticas entre as diversas instituições religiosas existentes”.

Foram apresentadas duas tipologias para o trânsito religioso. A proposta por Souza (2001) constitui-se de “trânsito de pertença”, “trânsito pertencente” e “trânsito sem pertença”. A tipologia proposta por Hervieu-Léger (2008) é composta pelo trânsito dos “que mudam de religião”, trânsito dos “sem religião”, trânsito dos que se “re-afiliam” e trânsito “peregrino”. Ambas tipologias colaboram na reflexão sobre o fenômeno e na tentativa de sua categorização. No entanto, ambas não alcançam a totalidade do fenômeno. A primeira, no que tange ao “trânsito de pertença”, em função da pressuposição de abandono de práticas, valores e crenças anteriores, mostra-se incompatível tanto com o perfil do indivíduo pós-moderno, como com a concepção possível de conversão na atualidade. A segunda, baseada no mapeamento das instituições religiosas de origem e de destino, não alcança o trânsito existente dentro de grupos religiosos de mesma natureza, como é o caso do trânsito entre igrejas

Evangélicas (pentecostais), exemplo observado e que será relatado no terceiro capítulo.

O segundo capítulo, também, apresentou o panorama atual do trânsito religioso no Brasil, confirmando a tendência de decréscimo, tanto percentual quanto numérico da população católica. Observou-se, também, o crescimento percentual de todos os outros grandes grupos religiosos, com destaque para a população que se declarou evangélica. Também ficou evidenciado o aumento do número do grupo “sem religião”. Em termos de fluxo, o grupo dos católicos continua sendo o que mais “doa” membros para os demais grupos religiosos, porém, observou-se trânsito entre igrejas pentecostais e protestantes históricos.

Mereceu destaque, também, considerações sobre a forma como os dados relativos aos grupos religiosos são levantados pelos censos demográficos. A forma como a pergunta é feita, “Qual é sua religião ou culto”, pode produzir respostas que provocam distorções nos resultados por não dar margem para se especificar a qual igreja o respondente pertence. Desta forma, algum fiel da Igreja Universal poderia responder que é “evangélico” e será computado no subgrupo “evangélico sem declaração de denominação”, reduzindo o número de fiéis da Igreja Universal, com conseqüente distorção no resultado final. Tal observação foi levada em consideração na elaboração dos questionários, utilizados para obtenção dos resultados apresentados no capítulo 3. Em tais instrumentos de coleta de dados, sempre que necessário, utilizou-se os termos “religiões, cultos e igrejas” nas questões que envolveram a identificação de instituições religiosas.

Por fim, no segundo capítulo, foram abordados diversos trabalhos acerca do trânsito religioso e suas motivações. Tais trabalhos permitem concluir que existem motivações gerais para o trânsito religioso tais como busca da felicidade, busca por sentido, espiritualidade e aproximação com o sagrado. Estas motivações genéricas, quando colocadas na perspectiva cotidiana do sujeito religioso, assumem aspecto mais específico, podendo ser reconhecidas, por exemplo, na busca por cura de doenças, busca de conforto diante da morte de entes queridos, busca por acolhimento emocional e identificação social, busca por libertação de vícios, busca por apoio para o enfrentamento do desemprego, dos problemas econômicos e dos problemas familiares e/ou conjugais. Todas estas motivações têm como pano de fundo o caráter pragmático da busca pessoal e incessante por parte do sujeito religioso em encontrar bem-estar e satisfação para necessidades da vida cotidiana, sejam elas ligadas a terceiros ou diretamente a si mesmo.

Os trabalhos estudados, também, revelaram que, para que o trânsito religioso aconteça, parece ser necessária uma combinação das motivações com fatores que estimulem de um lado, o afastamento do sujeito religioso da instituição de origem e, de outro, fatores que o atraiam para a instituição de destino, seja ela de caráter temporário ou não. A leitura dos trabalhos arrolados dá margem, também, para elencar alguns destes fatores.

No que tange aos fatores proporcionados pelos grupos religiosos que podem vir a atrair os sujeitos religiosos propensos ao trânsito, pode-se citar a música e demais manifestações lúdicas presentes nos cultos e celebrações (desde que estejam em consonância com o perfil do sujeito religioso); estudos da bíblia, a existência de formas personalizadas de convite para visitação aos grupos religiosos; oferta de experiências emocionais que permitam ao indivíduo “sentir-se” bem, acolhido e na direção do alcance de seus objetivos; credibilidade (imagem de igreja séria), proximidade geográfica da igreja em relação ao indivíduo, reconhecimento da liberdade inerente ao sujeito religioso e a presença de influenciadores próximos tais como cônjuges, familiares ou amigos.

Quanto aos fatores proporcionados pelos grupos religiosos de origem, que podem vir a afastar indivíduos propensos ao trânsito, pode-se citar a música e demais manifestações lúdicas presentes nos cultos e celebrações (desde que estejam em dissonância com o perfil do sujeito religioso); a postura de arrogância (poder e autoridade de líderes religiosos); desigualdade; injustiça ou descrédito relacionado à imagem da instituição religiosa; discordância por parte do indivíduo em relação às doutrinas, preceitos e práticas da instituição religiosa; dificuldades de acesso dos indivíduos aos espaços de poder formal, principalmente o caso do gênero feminino; dificuldades de relacionamento com as lideranças religiosas e insatisfação com o grupo.

Todas estas motivações e fatores de atratividade e de afastamento que envolvem os sujeitos religiosos ora arrolados colaboraram para o teste da hipótese do presente estudo. Servem, também, como referências a serem comparadas com os resultados obtidos pela pesquisa de campo realizada na igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos, situada no bairro Vila União, em Goiânia, apresentados no terceiro capítulo.

CAPÍTULO III

TRÂNSITO RELIGIOSO NA IGREJA PENTECOSTAL MINISTÉRIO LUZ PARA OS POVOS

Neste capítulo serão apresentados e discutidos os resultados das pesquisas realizadas com as lideranças da instituição religiosa e com frequentadores da igreja objeto do estudo de caso. As opiniões das lideranças revelarão como o trânsito religioso é tratado naquela instituição religiosa, bem como mostrarão as estratégias e práticas utilizadas para atração, manutenção e recuperação de membros. A pesquisa junto aos frequentadores revelará o perfil dos sujeitos religiosos envolvidos no trânsito religioso, seus principais motivos, os fatores expulsos de seus grupos religiosos de origem e os fatores atratores para a igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União, que é a igreja objeto de estudo de caso. Antes, porém, é importante fazer alguns esclarecimentos que ajudarão na compreensão do quadro geral.

A igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos situada no bairro Vila União é uma igreja filiada ou, no jargão evangélico, constitui-se como uma das 245 “igrejas locais” de uma instituição religiosa fundada em Goiânia/GO. Tal instituição tem sua “igreja sede” no Setor Fama, também em Goiânia/GO. Tanto a Vila União como a Fama são tradicionais bairros da capital. A Vila União, criada há mais de 50 anos para atender pessoas de baixa renda, situa-se na região Sudoeste da capital e é, atualmente, considerado um bairro de classe média.

Neste capítulo serão apresentadas informações tanto da igreja sede, como da igreja local. No entanto, interessa ao presente estudo a análise do trânsito religioso, enquanto fenômeno, no âmbito da igreja local e/ou filiada. Inicialmente, serão apresentadas informações sobre a igreja sede e, na sequência, sobre a igreja local da Vila União. Para se evitar a confusão de nomenclaturas, a igreja sede será tratada como igreja pentecostal “MLP” (Ministério Luz Para os Povos) e a igreja local será tratada como igreja pentecostal “Ministério Luz Para os Povos da Vila União”.

Porém, antes de se analisar em profundidade o fenômeno do trânsito religioso no âmbito da igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União, enquanto igreja local, parece adequado apresentar, primeiramente, informações sobre as origens e características da instituição religiosa, bem como as percepções

das lideranças sobre tal fenômeno. Parte-se do entendimento de que todo o contexto que envolve as origens, tanto da igreja sede ou da igreja local, suas características, estratégias utilizadas e percepções das lideranças, impactam na forma como o trânsito religioso é tratado pela instituição.

3.1 Origens e Características da Instituição Religiosa

Acerca da gênese da igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos (MLP), há pouco material escrito. Teve-se acesso a duas publicações, ambas de autoria do fundador: *“Uma vida de milagres”* e *“Luz Para os Povos: ministrando com excelência a palavra de Deus”*. Estão disponíveis, também, algumas informações sobre a origem da igreja pentecostal MLP no site oficial da instituição (www.luzparaospovos.org.br). A igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos (MLP) foi fundada em 1987, em Goiânia/GO, pelo Pr. Sinomar Fernandes da Silveira, e sua igreja sede situa-se à Rua 03 nº 409 – Setor Fama – Goiânia-GO.

No início, Silveira era membro da Igreja Cristã Evangélica em Anápolis/GO, ligada à Igreja Cristã Evangélica do Brasil (ICEB). De acordo com site oficial daquela instituição religiosa, <http://www.igrejacristaevangelica.com.br>, a Igreja Cristã Evangélica do Brasil foi fundada, em 1901, pelo canadense Reginaldo Young em São Paulo e é considerada como histórica conservadora.

Conforme relata, Silveira (2010, p. 13 – 27) foi visitado, em 1968, por um anjo dizendo que Deus o havia escolhido para iniciar um ministério, cujo nome foi citado literalmente: Luz Para os Povos. Após esta experiência, ele cursou Teologia, parte no Seminário Teológico Evangélico do Brasil, da Igreja Batista de Belo Horizonte/MG, e parte no Seminário da Igreja Cristã Evangélica, em Anápolis/GO. Em 1972, Sinomar Silveira foi convidado para pastorear a Igreja Cristã Evangélica do Setor Fama, em Goiânia/GO, função que assumiu, efetivamente, em 1973, quando a igreja contava com apenas 39 pessoas. Praticando a visitação às casas do bairro para orar pelos interesses das famílias, a igreja cresceu muito deste ano em diante.

Apesar do crescimento, Silveira (2010, p. 27) afirma que no “[...] início não foi fácil, pois a minha visão de Igreja era totalmente antagônica àquilo que era praticado pela ICEB. Eu cria nos dons espirituais, cria em milagres [...], cria em crescimento explosivo etc”. Tais discordâncias em termos de crenças e práticas teria sido o principal motivador para o rompimento com a Igreja Cristã Evangélica do Brasil. Conforme Silveira (2010, p. 33):

A minha situação na denominação ficou inadmissível depois de uma denúncia feita contra minha pessoa, junto à diretoria nacional, com a alegação de desvio doutrinário e quebra dos ensinamentos da ICEB praticados naquela época. Uma comissão de pastores foi à minha casa e ali chegamos à conclusão de que estávamos em caminhos diametralmente opostos. [...] eu deixei claro que seguiria meu caminho, conforme a direção de Deus.

Assim, após o rompimento, em 21 de junho de 1987 nasceu a igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos (MLP). Silveira (2010, p. 34 – 35) explica que a igreja foi organizada em departamentos e que foram criados, logo nos primeiros anos, o Instituto Bíblico, um colégio [Kerigma – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio], um departamento de artes, uma agência missionária e a Secretaria do MLP. Esclarece que passou a utilizar uma estratégia de evangelização de jovens com a criação dos “Atletas de Deus”. Investiu, também, em reformas no prédio da igreja incluindo elementos até então ausentes em outras igrejas, como a construção de uma cachoeira atrás da plataforma de pregação. “Essa inovação foi uma novidade em Goiânia” (SILVEIRA, 2010, p. 35).



Figura 2: Culto Dominical na Igreja Sede

Fonte: Igreja Ministério Luz Para os Povos – Culto Dominical na Igreja Sede em 24/01/16

Posteriormente, foi criado o departamento “Nação Jovem” tanto para a conquista do público jovem, como para a integração e troca de experiências naquela faixa etária. Foi criado, também, o departamento “Nação Kids” para o trabalho com crianças. Para o fortalecimento de vínculos com as famílias, estabeleceu-se o

departamento “Nação Família”, com vistas à disseminação de valores familiares, defendidos pela igreja pentecostal MLP. O trabalho relacionado às artes em geral passou a ser sistematizado pelo departamento “Centro de Excelência da Luz (CEEL)”, dedicado ao estímulo e à formação de dançarinos e atores. Criou-se, ainda, o departamento “Nação Mulher”, destinado à realização de eventos que têm a mulher como foco principal a mulher; o “SOS Paz” [tele-oração], aconselhamento e oração por telefone; o “Ministério de Libertação”, com atendimento individual e seminários; e o Projeto Loide [inserido num conjunto de projetos sociais], responsável por congregar mulheres com mais de 55 anos de idade. Por fim, criou-se o Centro de Atendimento Psicoterapêutico (CAP), disponibilizando tanto aos membros como para a comunidade em geral, apoio para o enfrentamento de doenças emocionais, ansiedade, depressão, pânico e fobias (SILVEIRA, 2011, p. 21-34). É importante destacar que igreja optou por colocar quase todos os departamentos sob a direção de casais.

Concomitantemente à contínua estruturação administrativa e lastreado por ela, a partir de 1989, a igreja pentecostal MLP passou a implementar ações visando sua expansão. De acordo com Silveira (2011, p. 17), dois projetos passaram a ser executados. O Projeto Judéia objetivou a abertura de igrejas locais no interior do Estado de Goiás, a partir dos municípios de Niquelândia, Mozarlândia e Mossâmedes. O Projeto Samaria, por sua vez dedicou-se à abertura de igrejas locais em outros estados e capitais, a partir de Florianópolis/SC e Cuiabá/MT. Ambos os projetos lançaram mão da mesma estratégia utilizada na Fama, ou seja, o porta-a-porta em bairros, associado à visitação em hospitais, além da apresentação de teatro em praças. Na década de 90, iniciaram-se os trabalhos transculturais, através da agência missionária da igreja. Primeiramente, em Portugal, Peru, Bolívia e, mais recentemente, Espanha, Inglaterra e Irlanda. Cada frente de trabalho ficou sob responsabilidade de um casal de pastores que, por sua vez, ficaram subordinados a um único casal ligado diretamente ao fundador da igreja pentecostal MLP.

Tais ações expansionistas acabaram por dar destaque nacional à liderança da igreja pentecostal MLP. Em função das atividades de abertura de novas igrejas no Brasil e no mundo, Silveira (2010, p. 60) informa que em 2000 foi consagrado à função de Apóstolo pelos Apóstolos do Brasil [atualmente Conselho Apostólico Brasileiro].

Destaca-se que a partir desta data, a igreja pentecostal MLP passou a se considerar como ministério apostólico e criou em sua estrutura organizacional a

figura dos Bispos (pastores de pastores). Atualmente, de acordo com números fornecidos pela Secretaria do MLP, a instituição conta com 42 igrejas locais na região metropolitana de Goiânia, 56 em cidades do interior de Goiás e 45 em outros estados brasileiros, distribuídas conforme demonstrado na figura 3.

A igreja pentecostal MLP possui em outros países outras 102 igrejas filiadas, sendo 91 na África (Moçambique), 02 na América do Sul (Bolívia e Peru) e 9 na Europa (Bélgica, Espanha, Inglaterra, Irlanda e Portugal). Assim, a igreja pentecostal MLP possui atualmente o total geral de 245 igrejas e conta com cerca de 650 pastores responsáveis. Quanto ao número de membros, a Secretaria do MLP informa que não há como mensurar com precisão. Estima que este número seja de aproximadamente 18 mil membros.

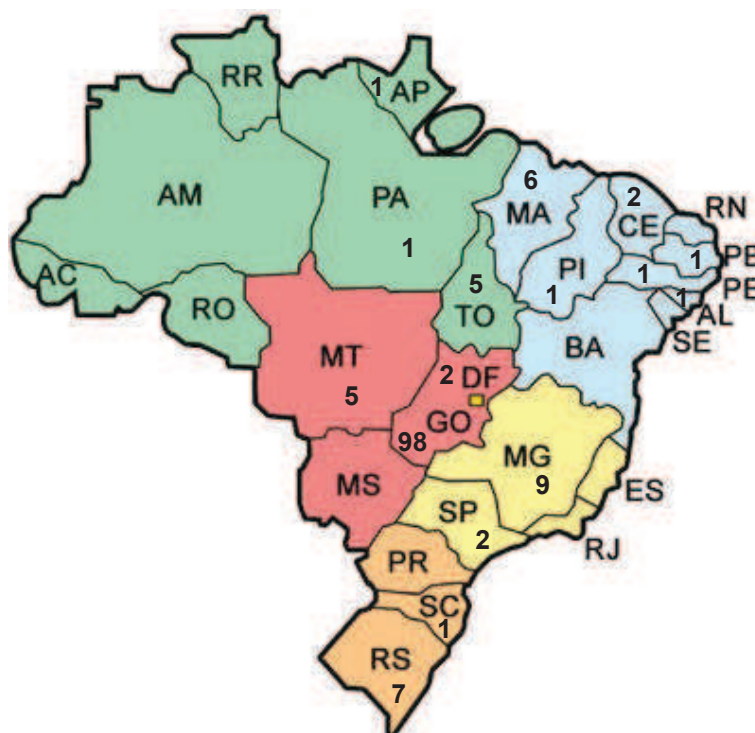


Figura 3: Distribuição de Igrejas do MLP pelo Brasil

Fonte: elaborado a partir de dados fornecidos pela Secretaria da igreja pentecostal MLP

A Secretaria do MLP esclarece que, por força estatutária, as igrejas locais filiadas à igreja pentecostal MLP são autônomas, ou seja, possuem personalidade jurídica e patrimônio distintos. Devem respeitar o estatuto da direção e repassar mensalmente da igreja sede 10% da arrecadação dos dízimos à igreja pentecostal MLP – o Dízimo dos Dízimos. Além disso, devem estar subordinadas à regra de fé do ministério: “o Ministério Luz Para os Povos tem como única regra de fé a Bíblia” (SILVEIRA, 2011, p. 09).

Em se tratando da igreja local, é necessário destacar que, praticamente, não há documentos ou registros escritos sobre a origem do Ministério Luz Para os Povos da Vila União. As informações apresentadas a seguir são resultantes de uma entrevista, apoiadas por roteiro estruturado (Apêndice I), realizadas com Gilmar Martins Ferreira, Bispo da igreja pentecostal MLP e pastor da igreja local da Vila União. A entrevista com Ferreira foi concedida no dia 21 de novembro de 2015.

Sobre o início do Ministério Luz Para os Povos da Vila União, que se situa na Rua U-64 nº 96 Qd. 42 Vila União, Ferreira informa que no local existia a Igreja Evangélica Nazareno, fundada na década de 70, por um missionário norte-americano chamado Melvin Edward Huber (1920 – 2008).

Este pastor fundou várias igrejas em Minas Gerais e Goiás, incluindo a da Vila União, que foi inaugurada por volta de 1973. Em 1976, o Pr. Melvin e sua família mudaram-se para Santarém – PA, dedicando-se à abertura de missões. Lá, seu filho, Lucas Huber, fundou a Missão PAZ (Projeto Amazônia), que veio a se tornar a Igreja da Paz.

Em função do parentesco dos fundadores, houve uma natural identificação entre a Igreja Evangélica Nazareno e a Igreja da Paz. Com o crescimento muito rápido da Igreja da Paz, as igrejas da região Centro-Oeste passaram a receber menos atenção por parte de seu fundador. Ao mesmo tempo, a partir de convergências quanto às estratégias de conquista de membros, começou a existir um interesse mútuo entre o Ministério Luz Para os Povos e a Igreja da Paz. Esta última passou a enviar pessoas à Goiânia/GO para conhecer o trabalho feito em grupos familiares. Em contrapartida, pastores do Ministério Luz Para os Povos foram para o Pará a fim de implantar seminários.

Neste contexto, os líderes das duas igrejas, no início da década de 90, resolveram fazer uma aliança, segundo a qual as igrejas da Igreja da Paz existentes no Centro-Oeste passariam a ser cuidadas pelo Ministério Luz Para os Povos que, por sua vez, colocou suas igrejas do Norte e Nordeste, sob responsabilidade da Igreja da Paz. Com a aliança, todas as Igrejas Evangélicas Nazareno e as do Ministério Luz Para os Povos passaram a assumir o nome “Igreja da Paz – Ministério Luz Para os Povos”. A Igreja Ministério Luz Para os Povos da Vila União, neste contexto, passou a existir, a partir do ano de 1993. Ferreira destaca: “algumas igrejas não quiseram aderir e ainda mantêm o nome de Nazareno até os dias de hoje”.



Figura 4: Culto Dominical na Igreja Pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União

Fonte: Igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União – Culto Dominical em 24/01/16

Em 1994, faleceu o fundador da Igreja da Paz num acidente de avião e a aliança se enfraqueceu, havendo um distanciamento natural. A igreja sede do Ministério Luz Para os Povos deixou de usar a nomenclatura Igreja da Paz em sua fachada.

Ferreira, que assumiu a igreja da Vila União em 1997, enfatiza:

a Igreja da Paz é atualmente referência mundial em missões e discipulado, sendo reconhecida pelo “Modelo de Discipulado Apostólico (MDA)”, que consiste essencialmente no discipulado um a um (Gilmar Martins Ferreira, entrevista concedida a Jesus, 21/11/15).

Destaca, ainda, que mais recentemente, no final dos anos 2000, é que aconteceu um retorno à cooperação mútua com a Igreja da Paz. Um exemplo disso é a estratégia de discipulado um a um, que tem sido usada como referência nos últimos anos pelo Ministério Luz Para os Povos da Vila União com bons resultados.

No ano 2000, o Ministério Luz Para os Povos da Vila União uniu-se à Igreja Batista Independente da Vila União, cujo prédio era vizinho de muros. Esta Igreja Batista, dirigida à época pelo Pr. Valtuir Martins Ferreira, passava por dificuldades financeiras e administrativas, além de sofrer com a perda de muitos membros. Ferreira explica que em acordo verbal, decidiu-se pela fusão. Como a Luz Para os Povos era maior, assumiu a liderança. O Pr. Valtuir assumiu a função de pastor auxiliar (ver boletim informativo produzido à época no Anexo I). Na fusão, vieram

cerca de 60 membros da Batista que se somaram aos aproximadamente 200 membros já existentes, no Ministério Luz Para os Povos da Vila União.

Com o passar do tempo a igreja se consolidou na região. Em 2011, o Ministério Luz Para os Povos iniciou um processo de expansão, abrindo uma igreja no Parque Santa Rita, em Goiânia/GO. Esta recém aberta igreja levou consigo cerca de 100 membros.

No que diz respeito à quantidade de membros, Ferreira afirma que não possui tal número com precisão: “estimativas recentes apontam para algo em torno de 400 pessoas em 27 células, considerando-se tanto adultos como crianças frequentadores dos cultos e das células”. No passado, computava-se apenas as pessoas batizadas. Atualmente, considera-se todos frequentadores e cultos e células, incluindo crianças.

No que se refere à estrutura administrativa, a igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União tem uma gestão, baseada em redes, com ênfase no trabalho pastoral:

Eu e minha esposa somos líderes da igreja. Subordinados a nós temos quatro casais que representam as redes Vermelha, Azul, Amarela e Verde. Com eles nos reunimos semanalmente. Eles têm, subordinados a eles, líderes de células. Os líderes de células mantêm contato direto com os demais membros, discipulando outros tantos. As células devem produzir relatórios etc (Gilmar Martins Ferreira, entrevista concedida a Jesus, 21/11/15).

Neste último trecho da entrevista com o Bpo. Ferreira, nota-se, assim como praticado na igreja sede, o compartilhamento das lideranças entre casais.

Concomitantemente à organização em redes, existem os departamentos da igreja, também referidos no âmbito da igreja como ministérios, Ferreira informa:

Temos os departamentos de Jovens, de casais, de crianças, de adolescentes, do trabalho social, do diaconato, de música e dança/teatro, departamento de ensino e o de libertação. Temos, também o departamento de atendimento psicológico, realizado por minha esposa, Pra. Jildety (Gilmar Martins Ferreira, entrevista concedida a Jesus, 21/11/15).

Nota-se, tal qual na igreja sede, um certo grau de sofisticação na estrutura organizacional da igreja local, com a concomitância do modelo em redes, para o trabalho pastoral e os departamentos.

3.2 Percepção das Lideranças sobre o Trânsito Religioso

As opiniões das lideranças revelarão como o trânsito religioso é tratado naquela instituição religiosa, bem como mostrarão as estratégias e práticas utilizadas para atração, manutenção, relacionamento e recuperação de membros. Tais informações parecem ser relevantes, pois poderão ser comparadas com os motivos para o trânsito religioso identificados nas pesquisas apresentadas no segundo capítulo. Também poderão ser confrontadas com os resultados, obtidos a partir da pesquisa junto aos frequentadores da igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União.

Assim, para se conhecer a opinião das lideranças da instituição, foram entrevistados cinco líderes. As lideranças ouvidas na igreja sede foram o Apóstolo Sinomar Fernandes da Silveira, fundador da instituição religiosa e entrevistado no prédio da igreja em 16/01/16, e o Pastor José de Farias (nome fictício), membro da instituição desde 1989, um dos responsáveis pelo trabalho burocrático da Secretaria da igreja pentecostal MLP, também entrevistado no prédio da igreja sede em 15/01/16. Na igreja local, além do Bispo Gilmar Martins Ferreira, entrevistado no prédio da igreja em 21/11/15, ouviu-se também dois líderes de redes de células, aqui tratados com os nomes fictícios de Ávila e Rosa. Ambos são membros desde 1999, líderes de células, reconhecidos pela comunidade. Foram entrevistados em suas residências em 04/01/16.

Acerca da existência de controles sobre o trânsito religioso e número de membros, Pr. Farias informou que não há controles específicos para verificar a origem das pessoas que entram para a igreja pentecostal MLP e nem o destino da saída de membros do ministério. Quanto ao número de membros, existe a orientação aos pastores para preparação e envio de relatórios periódicos à Secretaria do MLP. No entanto, os mesmos não são enviados com a frequência e regularidade desejada. Por isso não há como apresentar com precisão o número de membros da igreja pentecostal MLP. Estima-se algo em torno de 18.000. O Pr. Farias esclareceu, ainda, que no passado o critério para definição de membros era o batismo. Atualmente, tem-se considerado como membros os frequentadores do ministério, incluindo aí as crianças.

No que diz respeito à captação e relacionamento com a membresia, Farias confirmou que, como já foi apresentado, a igreja pentecostal MLP quando da sua

fundação vinha trabalhando com visitação às casas do bairro onde a igreja estava instalada, momento em que apresentava sua proposta de evangelização e iniciava o processo de conquista de membros. Para dar continuidade a este processo, valeu-se da prática de “grupos familiares”.

Sobre grupos familiares, Andrade (2010, p. 57) explica:

Os cultos realizados em núcleos familiares são uma prática comum entre os evangélicos e remontam ao texto Bíblico do Novo Testamento, que relata as primeiras comunidades do cristianismo primitivo se reunindo em suas casas, compartilhando a nova fé, como também suas posses, pelas razões históricas da perseguição empreendida contra eles e pela falta de templos.

Pr. Farias esclarece em sua entrevista que o grupo familiar representava a igreja nas casas; “na verdade, seria uma alternativa de culto que o membro da igreja local teria durante a semana”. Interessada em potencializar o crescimento da igreja pentecostal MLP, entre os anos de 1998 e 1999, a direção da igreja aderiu à visão celular G12, período em que experimentou significativo crescimento no número de membros.

A respeito da visão celular G12, Andrade (2010, p. 62) afirma:

A Visão Celular [proposta por César Castellanos na Colômbia na década de 90] parte da multiplicação de membros através das células, sempre buscando grupos de 12. As células são os grupos familiares como já mencionado, os cultos feitos nas casa dos fiéis, mas que podem também funcionar em outros locais como o local de trabalho, faculdades, escolas. As células são então, pontos extras e estratégicos de evangelismo ligados à igreja, são “pequenas Igrejas”, funcionando para cooptação de novos membros e doutrinação dos fiéis. (p.62) [...] O nome Visão celular vem da forma como foi concebido o modelo, através de uma “revelação divina” ou “visão”, no jargão evangélico.

O grupo familiar, como foi estabelecido na igreja pentecostal MLP, diferia, essencialmente, das células quanto ao ímpeto de conquista de novos membros e sua multiplicação. Cada célula continuaria acontecendo em uma residência oferecida pelos anfitriões (casal residente) e dirigida por um líder. A diferença está no fato de que cada membro e sua célula deveriam gerar outras 12 células, a ponto de multiplicar a igreja sempre por 12.

Pr. Farias afirma que “a visão celular impactou profundamente a igreja pentecostal MLP” influenciando toda a forma de relacionamento da igreja com seus fiéis e potenciais membros. Sobre as mudanças na gestão provocadas pelo G12, Andrade (2010, p. 62 – 63) assevera:

O G-12 oferece um crescimento multiplicativo por doze. O governo dos 12 é uma proposta de organização e gestão da igreja e das células. Toda a igreja deverá ser dividida em grupos de 12, a partir do G12 principal, 12 pessoas de confiança do pastor, formando uma estrutura hierárquica do tipo pirâmide, que levará à multiplicação da igreja sempre vezes 12 e permitirá o controle deste crescimento.

Os departamentos da igreja continuaram a existir porém, a igreja MLP passou a associar sua identidade com a visão celular de forma tão significativa que tal relação passou a figurar no próprio estatuto da organização, em seu capítulo 1, artigo 1º:

Art. 1º - LUZ PARA OS POVOS - MINISTÉRIO APOSTÓLICO - BRASIL - aqui denominado "MLP.", é uma organização religiosa, de caráter evangélico, e beneficente, portanto, sem fins lucrativos, com tempo de duração indeterminado. É constituído por Igrejas locais autônomas, associadas em torno da visão da Igreja celular, bem como por outras entidades de cunho missionário, educativo, vocacional, filantrópico e de comunicação geral, por ele próprio estabelecidas, ou que a ele se associem espontaneamente nos termos que regem este Estatuto.

Segundo a visão celular, conforme informa Silveira (2011, p. 09), a estratégia de conquista da igreja pentecostal MLP passou a ser expressa no lema: Ganhar – Consolidar – Discipular – Enviar.

Os líderes de células, preferencialmente casais, devem ganhar pessoas, que precisam ser consolidadas (recebendo doutrinação e fixando-se como membros), discipuladas (recebendo treinamentos em grupo para se tornarem aptas a formar células) e enviadas (quando liderarão suas próprias células e terão a incumbência de ganhar seus próprios discípulos).

No entanto, na igreja, conforme esclarece Farias em sua entrevista, no decorrer do tempo a execução da estratégia de conquista apresentou falhas significativas que provocaram a saída de membros:

Dentro do G12 existe a obrigatoriedade de você ter um grupo de 12 pessoas e isso é muito relativo. A igreja tem a sua missão coletiva de evangelização [...] mas quando você olha no seio da igreja, existe o papel individual, que se não for feito a igreja não cumpre seu papel coletivo. [...] O problema do G12 é que ele coloca todo mundo para fazer a mesma coisa. Aliás, qualquer modelo celular. E nem todo mundo tem esse talento para abrir células, para conquistar 12 pessoas, treinar essas pessoas etc. [...] assim não se respeita a individualidade de cada um (José de Farias, entrevista concedida a Jesus, 15/01/16).

Depreende-se deste comentário que a obrigatoriedade de se ganhar 12 pessoas fazia com que o discipulado da pessoa, que seria enviada em breve, ficasse prejudicado, haja vista que nem todos têm habilidades adequadas para tal

discipulado. Além disso, complementa Farias: “Essa cobrança fez com que, ao mesmo tempo, ganhássemos muita gente, mas perdêssemos muita gente também. Gente que se sentia oprimida com essa responsabilidade”. Outro problema, conforme Farias, era o seguinte:

Muitas pessoas ficaram sufocadas com a quantidade de programações, reuniões e trabalho, [...] essa massificação que o método produz gera números rapidamente, mas lá na frente essas pessoas sem consistência e sem ensino adequados sentem-se esgotadas. Sem poder dar assistência em casa, a pessoa se esgota com isso. A pessoa pensa que está trabalhando numa empresa. Eu fui bancário durante 6 anos. Todo mês tinha reunião no banco; olha você precisa vender tantos planos, você precisa vender isso, vender aquilo, porque senão você está fora. Aquilo era um fardo para gente. No nosso caso, a obra de Deus deixa de ser um prazer e a gente passa a fazer pelo medo de ser rejeitado, de fracassar. A gente consegue administrar por um tempo, depois aquilo ali implode (José de Farias, entrevista concedida a Jesus, 15/01/16).

Evidencia-se que a definição de metas muito altas, associada à natural inadequação de perfil de algumas pessoas para a execução da estratégia de conquista adotada e a um discipulado inadequado acaba por provocar significativa insatisfação em algumas pessoas que estão envolvidas no processo. Isso provoca a partida de membros.

Ainda, sobre a saída de membros, Farias entende que muitos saem do ministério em função dos problemas gerados no relacionamento entre discipulador e discípulo:

Porque uma pessoa imatura, ela também pode discipular, o problema é que gera outra pessoa imatura igual a ela. Com o passar do tempo aquilo vai dar problema. [...] as pessoas erram, mas existem algumas pessoas que não conseguem conviver com isso, ou seja, as pessoas se decepcionam umas com as outras [...] elas se decepcionam com você e resolvem sair da igreja. O discipulado é a espinha dorsal do processo (José de Farias, entrevista concedida a Jesus, 15/01/16).

Uma tentativa de potencializar o ganho de pessoas, relacionar-se melhor com os membros e, ainda, tentar evitar os problemas citados, conforme Pr. Farias, está sendo implementada, desde o ano de 2015, um novo projeto. Trata-se do projeto “Rota 78”.

Sobre o projeto, Farias afirma:

O Rota 78 é baseado numa visão que o Apóstolo Sinomar teve em 1978, a respeito de grupo, de discipulado. A espinha dorsal do Rota 78 é, também, o discipulado. Só que nesse caso é o discipulado um a um (José de Farias, entrevista concedida a Jesus, 15/01/16).

Ocorre que, diferentemente do G12 implementado anteriormente, em que o discipulado acontecia em grupo, no Rota 78, o discipulado deve acontecer um a um. Em outras palavras, o discipulador deve trabalhar direta e particularmente com seu discípulo, dando-lhe mais atenção e estabelecendo laços mais profundos.

Para saber mais sobre este projeto e, também, sobre trânsito religioso, estratégias de captação e relacionamento com membros, entrevistou-se o Apóstolo Sinomar Fernandes da Silveira. Ao ser questionado sobre sua percepção acerca do trânsito religioso, Silveira afirma:

O que existe hoje é mais ou menos 20% de pessoas que migram de igreja para igreja o tempo todo. Elas procuram igrejas como se procura um supermercado, onde vende a melhor mercadoria, ou mais barata. Infelizmente isso acontece, mas existe também um grupo fiel, que cria raízes. Eu digo que existem crentes 'pé de alface' e crentes 'cedro do líbano'. Você não arranca um cedro do líbano, mas um crente pé de alface, arranca-se com maior facilidade e planta-se em outro lugar. Existem também os crentes 'beija-flor', que bicam aqui e acolá, tirando o mel de cada flor. Existem, também, os crentes cometa, que de vez em quando aparecem. Esses 20% que migram frequentemente nunca se fixam em lugar nenhum. Você não pode contar com eles e eles nunca vão produzir resultados consistentes. (Sinomar Fernandes da Silveira, entrevista concedida a Jesus, 16/01/16).

O entrevistado deixou claro que este percentual não é fruto de um estudo específico sobre o assunto. Trata-se de uma estimativa observada junto a diversos pastores, sendo que esse é um número mais ou menos consensual entre eles. Sobre os crentes "beija-flor", afirmou tratar-se de prática a ser desencorajada e vê com preocupação a existência de crentes que frequentam ao mesmo tempo mais de uma igreja. Afirmou que no MLP, atualmente existem 50.000 membros. Este número diverge, significativamente, da informação fornecida Secretaria do MLP, que estima em 18.000 o número de membros. Neste estudo, será considerada a informação mais conservadora.

Para Silveira, uma forma de minimizar a saída de membros é o projeto Rota 78. Segundo ele:

Trata-se de uma estratégia que me foi dada por Deus em 1978 [daí o nome do projeto] e implica em cada membro envolvido ganhar quatro pessoas por ano. Essas pessoas teriam uma carreira ministerial. Elas se convertem, vão para o encontro com Deus, batizam, passam por treinamentos durante um ano. Após este ano a pessoa estará apta a se reproduzir, ganhando também 4, e aqueles 4 se transformam em 16, os 16 em 64 e os 64 em 1024. É visão exponencial (Sinomar Fernandes da Silveira, entrevista concedida a Jesus, 16/01/16).

Nesta estratégia, o discipulado não é mais coletivo. O discipulado será mais duradouro e aprofundado, pois se dará um a um. Silveira entende que a prática deste discipulado praticamente fecha a “porta de saída”:

As pessoas estarão envolvidas numa estratégia, num projeto e serão inseridas neste processo de maneira muito profunda. É quase impossível a pessoa sair. O crescimento acontecerá naturalmente, igual ao crescimento de uma árvore. [...] Crentes desocupados é que promovem divisões. Quem não trabalha, atrapalha (Sinomar Fernandes da Silveira, entrevista concedida a Jesus, 16/01/16).

No que tange a mecanismos de atração de membros, mais especificamente relacionados ao uso de ferramentas de comunicação de massa, Silveira reconhece a sua importância mas entende que, atualmente, não vale a pena investir na aquisição de rádios e televisão:

Você vai gastar de 80 a 100 mil de despesa. Tem que mexer com pessoal qualificado. O equipamento é caro, então administrar isso é muito difícil. Tenho colegas que se meteram nessa área e se arrependeram. É melhor você locar 2 horas numa rádio ou televisão, fazer uma boa programação, do que ter uma emissora em suas mãos (Sinomar Fernandes da Silveira, entrevista concedida a Jesus, 16/01/16).

Silveira reconhece a importância da internet. Neste sentido, destaca que a igreja pentecostal MLP possui um estúdio que prepara programações diárias para internet no portal oficial do ministério sob o título de “Luz TV”. Por outro lado, destaca a importância da presença das pessoas nos cultos e lembra: “o MLP realiza em sua igreja sede, todo último domingo do mês o ‘culto do amigo’” (Sinomar Fernandes da Silveira, entrevista concedida a Jesus, 16/01/16).

Por fim, o entrevistado comentou sobre seu entendimento acerca da importância de se investir no conforto dos prédios com vistas à atração e fixação de membros: “a estrutura física, em primeira mão, atrai muito e é agradável você estar num lugar confortável. Mas a história mostra que o povo vai onde o poder de Deus se manifesta” (Sinomar Fernandes da Silveira, entrevista concedida a Jesus, 16/01/16).

No âmbito do Ministério Luz Para os Povos da Vila União, enquanto responsável pela igreja local, o Bpo. Ferreira afirma não possuir controles relativos ao trânsito religioso. Na maioria dos casos, desconhece a origem das pessoas que mudam para a igreja e complementa: “as igrejas celulares não valorizam muito isso. Na verdade, precisamos ser mais organizados a este respeito” (Gilmar Martins Ferreira, entrevista concedida a Jesus, 21/11/15).

Sobre esta questão, também ouviu-se duas lideranças da igreja local, Ávila e Rosa. Para ambos, “por ser celular, na Luz Para os Povos há muito rodízio de pessoas” (Ávila e Rosa, entrevista concedida a Jesus, 04/01/16).

Quanto aos principais motivos que levam as pessoas tanto a abandonarem suas religiões, cultos ou igrejas, como a procurarem novas igrejas, Ferreira considera que isso acontece a partir “expectativas não supridas”. Ferreira explica:

As pessoas se desiludem. Desiludem porque houve ilusão. Colocam expectativas em relação aos irmãos e lideranças altas demais e se decepcionam. Desejam encontrar uma igreja perfeita, sem falhas. Como consequência mudam de igreja ou nunca mais procuram outra igreja (Gilmar Martins Ferreira, entrevista concedida a Jesus, 21/11/15).

Há, ainda, casos relacionados à carência emocional:

Entendo que esse tipo de carência ninguém consegue suprir totalmente, precisa ser curada. Os que oscilam mais, que ficam de igreja em igreja é porque são muito carentes. Enquanto não forem curados emocionalmente não se fixarão. Precisam de cura emocional, cura psicológica (Gilmar Martins Ferreira, entrevista concedida a Jesus, 21/11/15).

Há, entretanto, casos específicos:

Entre os anos 2005 e 2010 cerca de 80 membros saíram para outras a Igrejas, em especial para a Igreja Videira. O motivo foi que algumas lideranças, remanescentes da Igreja Nazareno, não se adaptaram ao nosso estilo de liderança. Na Nazareno, o pastor era mais executor das decisões de uma Assembléia. Na Luz Para os Povos, o pastor lidera e também delega para que as outras pessoas executem. Isso gerou problemas e um grupo de pessoas resolveu sair. Como os líderes naturais mais influentes foram para a Videira, a maioria os acompanhou. Reconheço que faltou da parte de todos, inclusive da minha parte, um pouco de flexibilidade (Gilmar Martins Ferreira, entrevista concedida a Jesus, 21/11/15).

Para Ávila, por sua vez, o abandono de um membro “pode acontecer em função de cobranças de compromisso, cobranças de postura ou de usos e costumes” (Ávila, entrevista concedida a Jesus, 04/01/16).

Na opinião de Rosa há outro fator que contribui para a saída: “a mudança de endereço do crente” (Rosa, entrevista concedida a Jesus, 04/01/16).

Falando sobre de estratégias para atração de pessoas de outras religiões, crenças ou igrejas, Ferreira afirma que o único trabalho é o realizado nas células.

Não investimos em mídia de massa e procuramos atrair aqueles que não são evangélicos. Abominamos atrair pessoas de outras igrejas evangélicas. Vejo que atualmente a mídia é muito mal usada, pois acaba atingindo membros de outras igrejas evangélicas. Esse não deveria ser o foco. Existe uma

orientação para que se busque ganhar almas junto a outras religiões, e não “pescar no aquário” das outras igrejas evangélicas (Gilmar Martins Ferreira, entrevista concedida a Jesus, 21/11/15).

Para Ferreira, o que atrai e mantém membros é a ênfase nos relacionamentos. “Por isso temos o discipulado e a célula. Porque através do relacionamento individual e de grupos pequenos pode-se gerar relacionamentos profundos, fortes e saudáveis” (Gilmar Martins Ferreira, entrevista concedida a Jesus, 21/11/15).

A esse respeito, tanto Ávila, como Rosa entendem que existem fatores que atraem as pessoas para a igreja. Para Ávila trata-se do “acolhimento, do amor e carinho com que as pessoas são recebidas” (Ávila, entrevista concedida a Jesus 04/01/16). Convergindo com esta percepção, Rosa entende que “deve-se causar uma boa primeira impressão, com um bom acolhimento” (Rosa, entrevista concedida a Jesus, 04/01/16).

Quando questionado sobre a existência de estratégias de recuperação de membros que saíram da igreja, Ferreira informa que existe uma orientação geral que é, frequentemente, repassada às lideranças:

É preciso ter uma atitude de não desistir daquela pessoa. Aprendemos recentemente com a Igreja da Paz, influenciados pelo seu Modelo de Discipulado Apostólico, um a um, que o ‘pulo do gato’ da igreja é não perder nenhum e não desistir de ninguém. Ainda que a pessoa esteja aborrecida. Deve-se ir atrás, procurar a pessoa e não romper o relacionamento (Gilmar Martins Ferreira, entrevista concedida a Jesus, 21/11/15).

Quando questionado se esta orientação geral, do discipulado um a um, vinha da direção geral da igreja sede, Ferreira esclarece:

Os primeiros dois, três anos quando chegou o G12 foi muito bom. Depois o sistema não funcionou adequadamente e ficamos perdidos. Durante um tempo que algumas igrejas começaram a procurar alternativas e nós começamos a nos reaproximar da Igreja da Paz no fim dos anos 2000 e começamos a aprender com eles. Atualmente, nosso Apóstolo montou um sistema muito parecido (Gilmar Martins Ferreira, entrevista concedida a Jesus, 21/11/15).

Para o líder de redes Ávila, com o intuito de se trazer de volta pessoas que se afastam da igreja, “faz-se visitas e busca-se a identificação dos motivos” (Ávila, entrevista concedida a Jesus, 04/01/16). Sobre esta questão, a líder de redes Rosa, entende que é essencial “pedir perdão” para que o membro afastado volte. Tanto

Ávila como Rosa afirmam que, em alguns casos, com estes procedimentos, os membros voltam a frequentar a igreja.

No que tange à importância da estrutura física para atração e manutenção de membros, o Bpo. Ferreira não crê que numa influência relevante:

A localização pode ter um certo impacto, afirma. Mas também não é determinante. Não adianta a igreja ter uma boa estrutura se não tivermos amor, respeito. A igreja deve ser uma família. Você não muda de família. O que segura as pessoas são os vínculos saudáveis e fortes (Gilmar Martins Ferreira, entrevista concedida a Jesus, 21/11/15).

Ainda sobre a questão da estrutura física, Ávila entende que uma boa estrutura “ajuda na atração de pessoas nas igrejas dedicadas a campanhas, o que não é o caso da Luz Para os Povos” (Ávila, entrevista concedida a Jesus, 04/01/16). Sobre campanhas, afirma com veemência: “campanhas atraem muita gente, mas não as mantém. Penso que a igreja não deve ficar de campanha em campanha, pois isso não edifica o crente” (Ávila, entrevista concedida a Jesus, 04/01/16).

Para a líder de redes Rosa, por sua vez, a estrutura física é importante, mas não é primordial. “Um bom ambiente dá uma boa primeira impressão. Na verdade [quando deixa a desejar] pode servir de pretexto para a pessoa sair” (Rosa, entrevista concedida a Jesus, 04/01/16).

Até este ponto, foram apresentadas as informações levantadas junto às lideranças entrevistadas. Parece importante uma análise crítica das mesmas e um cruzamento de informações com vistas a enriquecer a análise geral do fenômeno do trânsito religioso. Porém, antes de se analisar as percepções das lideranças, serão apresentadas, a seguir, observações acerca da aplicação da abordagem empresarial que ficou evidenciada, tanto na opinião das lideranças como na caracterização da instituição religiosa.

3.2.1 A racionalidade empresarial na atuação da igreja

Tratar da racionalidade empresarial aplicada à atuação da igreja, no contexto da economia religiosa, é importante na medida que evidencia a relação dialética que se estabelece entre as instâncias religiosas e os sujeitos religiosos dentro do campo religioso. As ofertas das instituições religiosas dependem das interpretações que fazem das necessidades dos demandantes e de como reagem ante a competição no

campo religioso. Pelo lado da demanda, será a reação dos sujeitos religiosos diante das ofertas apresentadas que implicará em um maior ou menor trânsito religioso.

Assim, tendo em vista seu possível impacto sobre o trânsito religioso, parece importante discutir a racionalidade empresarial na atuação da instituição religiosa em estudo. Durante a análise do levantamento sobre as origens e características da instituição religiosa, bem como das opiniões das lideranças acerca do trânsito religioso, captação e recuperação de membros, percebe-se a presença de uma forte abordagem empresarial. A recorrência de palavras comuns ao campo empresarial, tais como, “estratégia”, “projetos”, “crescimento explosivo”, “crescimento exponencial”, “carreira ministerial” etc., reforça tal percepção.

Tal abordagem empresarial converge com as abordagens de Finke e Stark (2003), Bourdieu (2007) e Berger (1985), apresentadas no primeiro capítulo deste estudo. Inserida num campo religioso plural, a instituição religiosa acaba por se organizar de modo a competir de modo mais eficiente. Percebe-se, neste sentido, significativa incorporação de ferramentas de gestão de mercado. O uso de tais ferramentas pode ser considerado como um tipo de adaptação dos meios, aos fins que se perseguem ou, em outras palavras, a aplicação de uma racionalidade, característica dos meios empresariais, apontada pela Economia Religiosa e aplicada ao campo religioso.

Pelo que foi levantado, logo na gênese da igreja pentecostal MLP, pode-se afirmar que houve, por parte do fundador, a identificação de uma área geográfica com potencial não explorado pela Igreja Cristã Evangélica da Fama (por motivos que não ficaram esclarecidos). Ao assumir aquela instituição, houve uma inovação (ao menos naquela comunidade) com a abordagem porta-a-porta dos potenciais membros, resultando em adesões significativas. Simultaneamente à abordagem pessoal porta-a-porta, percebe-se a aplicação de uma estratégia de relacionamento com os adeptos da igreja, baseada nos grupos familiares. Ambas inovações, conforme informado, provocaram o crescimento no número de membros. Teria este crescimento favorecido o rompimento com a Igreja Cristã Evangélica? Esta possibilidade parece bem plausível, tendo em vista que divergências de caráter doutrinário, que em momento algum estão sendo considerados menos importantes nesta análise, poderiam vir a servir como entraves ao crescimento do número de adeptos da igreja e, conseqüentemente, impedindo o sucesso quantitativo do empreendimento.

Outro aspecto de gestão empresarial observado está relacionado à organização da estrutura da igreja pentecostal MLP em departamentos. Usando como referência a literatura da Administração Clássica, Chiavenato (2003, p. 208) afirma que:

[...] a base fundamental da organização é a divisão do trabalho. À medida que uma organização cresce, ela tende a se diferenciar e especializar cada vez mais as unidades que compõem sua estrutura organizacional.

Os departamentos são, justamente, a representação deste tipo de especialização. Pode-se, ainda, identificar o tipo predominante de departamentalização utilizado, a Departamentalização por Clientela. Conforme Chiavenato (2003, p. 217):

A organização na base da clientela envolve a diferenciação e agrupamento das atividades de acordo com o tipo de pessoa ou pessoas para quem o trabalho é executado. As características dos clientes – como idade, sexo, nível sócio-econômico, tipo e consumidor etc. – constituem a base para este tipo e departamentalização.

Parece evidente que, na igreja pentecostal MLP, a departamentalização considerou o público infantil, público jovem, famílias (casais), mulheres e idosos.

Seguindo por esta linha de raciocínio, para exemplificar, percebe-se o uso da racionalidade à luz da relação custo X benefício, na decisão de não se adquirir emissoras de rádio e/ou televisão. Ou, ainda, na agregação de diferenciais para a igreja, em relação a outras que dividem o mesmo campo religioso, a partir de inovações em detalhes, como é o caso da instalação de uma cachoeira na plataforma de pregação.

No entanto, o que mais salta aos olhos em termos de aplicação de ferramentas empresariais na gestão da igreja em estudo é a estratégia de conquista de adeptos G12. Conforme foi explicado linhas atrás, sem a pretensão de se esgotar o assunto, tal estratégia obviamente destinada à captação de novos membros, implica na sua multiplicação crescente e em cadeia. Tal estratégia em muito se assemelha a uma estratégia de marketing, conhecida como Marketing de Rede:

Marketing de rede é um sistema de distribuição de mercadorias e serviços por meio de redes compostas de milhares de vendedores independentes, ou distribuidores. Os distribuidores ganham dinheiro vendendo mercadorias e serviços, mas também recrutando e patrocinando outros vendedores que passam a fazer parte de sua downline (linha descendente), ou organização de vendas (ZIGLAR & HAYES, 2001, p. 02).

Obviamente, a semelhança que se pretende destacar concentra-se na forma de organização dos atuais membros em torno da estratégia de alcance de novos adeptos em busca do alcance de objetivos e metas previamente definidas.

Diante das evidências apresentadas até este ponto, parece não haver dúvidas que a instituição religiosa em estudo faz uso de ferramentas de gestão similares às utilizadas no mundo empresarial e apontada pela perspectiva da Economia Religiosa. Não há motivos para se considerar tal abordagem de modo pejorativo, afinal, as instâncias religiosas são empreendimentos humanos que necessitam existir e coexistir em um ambiente de pluralidade, além de atender a um sujeito religioso, caracterizado pela autonomia e individualismo já comentados anteriormente. Há que se considerar, entretanto, que a aplicação da racionalidade empresarial não garante apenas acertos. Podem acontecer equívocos que, direta ou indiretamente, podem impactar o trânsito religioso, fenômenos que interessa particularmente ao presente estudo.

3.2.1.1 Problemas na aplicação da racionalidade empresarial

Tanto o estudo das origens e características da instituição religiosa como as entrevistas, dão a entender que, assim como ocorre no ambiente empresarial, a aplicação de algumas estratégias também pode apresentar resultados indesejados.

A própria visão G12 é um exemplo disso. Parece ter ficado claro, a partir das entrevistas, que tal estratégia deixou de oferecer os resultados esperados. Com a adoção desta ferramenta, pode-se afirmar que, de modo metafórico, convocou-se o membro da igreja para passar para o “lado de dentro do balcão” e assumir, juntamente com os pastores a atividade de captar novos adeptos. Dentro de um contexto cristão, levar a “Palavra de Deus” àqueles que não a conhecem, faz muito sentido. No entanto, o que parece ter acontecido, é um efeito colateral também observável em empresas: “Metas altas demais desencorajam os funcionários; metas baixas demais não os motivam” (CERTO, 2010, p. 136). Pode-se afirmar que as metas, no caso do G12, configuraram-se como altas demais. O desgaste resultante do que aqui será chamado “peso da meta”, associado à natural inadequação de perfil de algumas pessoas para a execução da estratégia, acaba por levar à frustração, desmotivação e receio de rejeição social.

Há que se considerar que nem todas as pessoas desejam estar “do lado de dentro do balcão” e mesmo as que assim desejem por um tempo, possam vir a

concluir que não haja recompensas satisfatórias. Ou ainda, durante o processo, elegerem outras prioridades pessoais. Os níveis de compromisso religioso sob a perspectiva da Escolha Racional, conforme foi evidenciado no primeiro capítulo por Oliveira et al (2011), eventualmente pode mudar ao longo do tempo, tornando-se incompatível com o comprometimento necessário para se atuar “do lado de dentro do balcão”. O mesmo pode se dizer sob a perspectiva do perfil do sujeito religioso, inserido na pós-modernidade que vem experimentando o enfraquecimento dos vínculos com suas religiões de escolha e baixo grau de comprometimento, conforme apontado anteriormente por Moreira (2008).

Ao mesmo tempo, nem todas as instituições religiosas são capazes de formar em seus membros, por melhor que sejam seus departamentos de ensino, perfis adequados. O efeito indesejado desta abordagem, na igreja pentecostal MLP resultou em trânsito religioso de saída (saída de membros), conforme relatado por um dos entrevistados.

Numa tentativa de corrigir tais falhas, ora apontadas, as entrevistas evidenciaram que a solução encontrada foi o projeto Rota 78. Pelo que se pode perceber, pretende-se com esta iniciativa, evitar os erros passados e alcançar as novas metas estabelecidas. O discipulado em grupos, considerado elo fraco do processo “Ganhar, Consolidar, Discipular e Enviar”, está sendo substituído pelo discipulado um a um, agora realizado pelo período de um ano.

Vale destacar que, conforme foi evidenciado pela entrevista de Ferreira, a Igreja da Paz teve importante papel na gênese da igreja pentecostal MLP e vem retomando sua influência junto à Luz Para os Povo da Vila União. Talvez tal influência explique porque a igreja local já vinha fazendo uso da estratégia de “discipulado um a um – Modelo de Discipulado Apostólico (MDA)”, antes mesmo da igreja sede. De qualquer forma, a utilização de uma estratégia bem sucedida em uma igreja filiada, de forma institucionalizada, em toda a rede, também é uma ação racional e semelhante às iniciativas empresariais.

Outra alteração importante a ser implementada no projeto Rota 78, seria a diminuição do número de pessoas como fator de multiplicação, que passou a ser de 4 pessoas. Não houve uma afirmação clara nesse sentido, mas tal redução parece ter o intuito de reduzir o “peso da meta”, obviamente dando margem para uma maior qualidade nas relações entre os envolvidos.

Tal estratégia trará os resultados desejados?

A resposta a esta pergunta, dado que o referido projeto está sendo institucionalizado muito recentemente, deverá ser aguardada com o decorrer do tempo.

No entanto, tendo em vista as abordagens de Bourdieu (2007) e de Finke e Stark (2003), há que se considerar que no campo religioso, conforme já foi discutido no presente estudo, existem relações de concorrência, aparentemente desconsideradas e que podem impactar nos objetivos de crescimento exponencial do projeto Rota 78. Além disso, há que se considerar a existência de indivíduos igualmente empreendedores, dentro da própria instituição religiosa, que possam vir a surgir e provocar cisões na estrutura de relacionamento montada. Um exemplo de cisão desta natureza é o caso da Igreja Videira, ocorrido em 1997 e relatado por Carvalho (2014, p. 22 -23):

A Videira Igreja em Células nasceu, portanto, da separação de uma célula da Igreja Ministério Luz para os Povos que se tornou autônoma. Tratava-se de um grupo de membros que frequentava a reunião familiar do Jardim América, região sudoeste de Goiânia, Goiás, liderada por Aluizio Antônio Silva, casado com Márcia Ribeiro e pastor desde a idade de 23 anos.

É importante enfatizar que a formação de lideranças continuará a ser um problema, variando-se ou não o tempo de discipulado e o número da multiplicação, tendo em vista que, “numa época em que a liderança é crucial à sobrevivência das organizações, existe uma grave carência de pessoas qualificadas para liderar” (GRUBER, 2001, p. 44). Encontrar e desenvolver lideranças parece ser um dos maiores desafios de gestão.

Após os comentários ora apresentados sobre possíveis equívocos no uso da racionalidade empresarial, segue, no próximo trecho, uma análise da perspectiva das lideranças entrevistadas sobre o trânsito religioso.

3.2.2 Análise da perspectiva das lideranças sobre o trânsito religioso

É importante lembrar que todo o contexto histórico que envolve as origens tanto da sede como da igreja local em estudo, o uso de suas estratégias e as percepções das lideranças, impactam no trânsito religioso. Para entender melhor o fenômeno, há que se revisitar a percepção das lideranças sobre o tema e, da melhor forma possível, compará-la com as percepções dos membros em trânsito.

Sendo assim, no que diz respeito a este tema, o fundador da igreja pentecostal MLP possui uma opinião baseada na experiência e na observação de outros pastores. Para ele, cerca de 20% dos crentes naturalmente transitam incessantemente. Em sua opinião, com esses crentes “pé de alface”, não se pode contar. No entanto, reconhece que medidas precisam ser tomadas para se evitar a saída de membros e vê no projeto Rota 78 uma forma de fechar a “porta de saída”, pois com tal projeto as pessoas se envolverão diretamente no processo. Sair da igreja seria quase impossível. Crentes desocupados é que promovem divisões. Pode-se afirmar que, para Silveira, a palavra-chave seria “envolvimento”.

Sobre tal opinião, há que se considerar que se trata de uma perspectiva reducionista, pois generaliza e reduz os motivos para abandono da instituição religiosa à falta de envolvimento e à falta de ocupação com as atividades da igreja. Por outro lado, exprime uma visão, extremamente, otimista ao considerar que será “quase impossível” a saída do membro envolvido no projeto Rota 78. O enfraquecimento dos laços entre sujeito religioso e sua instituição religiosa de escolha, além da indicação de mais de uma dezena de motivos para o trânsito religioso, já comentados no primeiro e segundo capítulos deste trabalho, indicam que as variáveis atuam no campo religioso tornam o quadro do trânsito religioso mais complexo.

Com opiniões menos genéricas sobre o trânsito religioso, apenas nas entrevistas com os líderes da Luz Para os Povos da Vila União, foi possível identificar com certa distinção e hierarquização, um grupo de motivadores principais para a saída de membros, um grupo de fatores que colaboram para tal saída (fatores expulsos) e um grupo de fatores que atraem membros para a igreja da Vila União (fatores atratores).

Para o Bpo. Ferreira, o que impede a saída de membros é o relacionamento individual que pode gerar relacionamentos profundos, fortes e saudáveis. Entende que a igreja deve ser como uma família, pois ninguém muda de família. Pode-se afirmar que para Ferreira, a palavra-chave é “relacionamento”.

No que tange aos principais motivos para a saída de membros, Ferreira elege as “expectativas não supridas”, “carências emocionais”, além de “casos específicos”. Para o líder de redes Ávila, o principal motivo são as “cobranças da igreja quanto à postura e comportamento”. Para a líder de redes Rosa, o principal motivo é a “rebeldia com as lideranças”. De certa forma, todas as percepções acerca dos principais motivos de abandono da igreja, relatados pelos líderes da igreja local da Vila União, guardam proximidade com a variável “relacionamento interpessoal”.

Quanto aos fatores que atraem as pessoas para a Luz Para os Povos da Vila União, Bpo. Ferreira novamente dá “ênfase aos relacionamentos interpessoais”. Como fatores que atraem, Ávila elege o “acolhimento, o amor e o carinho no recebimento das pessoas”. Rosa indica o “bom acolhimento dos visitantes” a fim de se produzir uma boa primeira impressão.

Nota-se uma importante convergência entre as opiniões dos líderes da igreja local sobre os fatores atratores dando a entender que estas lideranças possuem, ao menos em termos de vontade declarada, a preocupação com a manutenção das pessoas que procuram a igreja, criando ambiência para que se sintam bem recebidas.

Quanto às estratégias para recuperar membros que saem da igreja, também há convergência. Ferreira reproduz seu aprendizado, segundo o qual, o “pulo do gato” é nunca desistir de ninguém e não perder nenhuma pessoa. Tanto Ávila como Rosa, afirmam que a ação a ser implementada no caso de saída da igreja é a visitação ao indivíduo para identificação dos motivos. Para Rosa, a identificação dos motivos deve ser seguida pelo pedido de perdão ao membro.

Apenas fazendo-se mais uma alusão ao uso de ferramentas de gestão na atuação da igreja, pode-se afirmar que tais opiniões sobre manutenção e recuperação de membros parecem estar alinhadas com a filosofia do Marketing de Relacionamento. Sobre este conceito, Kotler e Armstrong (1998, p. 397) afirmam:

[Marketing de Relacionamento significa] criar, manter e acentuar sólidos relacionamentos com os clientes e outros públicos. [...] e a melhor maneira de manter clientes é oferecer-lhes altos níveis de satisfação e valor, que resultam em forte lealdade.

Em se tratando da importância da estrutura física da igreja para atrair e/ou manter membros, houve um consenso. Silveira, Ferreira, Ávila e Rosa consideram que a estrutura é importante, mas não é essencial. Este consenso em termos opinião declarada, necessariamente, implica num questionamento: se a estrutura física não é essencial, porque tanto se investe em obras nas igrejas? O próprio fundador da igreja MLP, nos primeiros anos da instituição, relatou o investimento numa cachoeira na plataforma de pregação. Qual o objetivo disso?

Uma parte da resposta de Rosa para esta questão pode ajudar a entender esta prática: “um bom ambiente dá uma boa primeira impressão. Na verdade [quando deixa a desejar] pode servir de pretexto para a pessoa sair”. Considerando o processo de trânsito religioso de forma integral, pode-se afirmar que uma pessoa não muda de religião de uma hora para outra e sem motivos.

Pode haver um quadro de desconforto do indivíduo constituído de um motivo de maior importância, potencializado por outros fatores que contribuem para sua saída de sua igreja. Neste contexto, a estrutura física pode ser um desses fatores que contribuem para a saída, ou seja, um fator expulsor. Por outro lado, quando um indivíduo está em busca de alternativas de instituições religiosas, pode ser influenciado positivamente por uma boa estrutura, cadeiras confortáveis, ar-condicionado, etc. Pode ter uma boa impressão, durante uma visita, e colocar-se aberto a receber outros estímulos que o façam permanecer na igreja. Por esta linha de raciocínio, a estrutura física assume um importante papel de fator atrator.

A análise das entrevistas realizadas com lideranças permite afirmar que, tanto a igreja sede como a igreja local, não possuem políticas, estratégias ou ações específicas dedicadas ao controle do trânsito religioso. As estratégias já executadas ou em execução na igreja sede são mais especificamente direcionadas ao aumento do número de adeptos à igreja. No caso da igreja local, já há a aplicação de uma metodologia de relacionamento com membros (um a um), somada a uma preocupação de acolhimento que podem ter como uma de suas consequências o efeito preventivo à saída. Tal metodologia, aparentemente, foi incorporada à nova estratégia de expansão da igreja sede. Resta saber como tal estratégia vai impactar a igreja local, em função de acrescentar de modo mais sistematizado o “peso da meta”.

Em síntese, a manutenção de membros é entendida como decorrência natural do processo de relacionamento com a membresia. Com base nas entrevistas, não foi possível perceber por parte da igreja sede a existência de estratégias para recuperação de membros que deixam de frequentar a instituição. Na igreja local, por sua vez, há indicativos (dada a coincidência dos depoimentos) da existência de uma orientação padrão para a tentativa de recuperação.

3.3 O Trânsito Religioso na Perspectiva dos Frequentadores da Igreja

Para se conhecer as especificidades do trânsito religioso na igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União, foram distribuídos na entrada da igreja, entre os dias 22/11/15 e 17/01/16, 250 questionários (Apêndice III) constituídos por perguntas fechadas, semi-abertas e abertas. Cada questionário possuía um total de 19 questões, sendo que as 8 primeiras referiam-se ao perfil sócio-demográfico dos respondentes e as demais sobre aspectos do trânsito religioso. Os questionários foram entregues pelo próprio pesquisador responsável pelo presente estudo, que orientou as pessoas que os recebiam a levá-los para casa, trazendo-os respondidos

no culto da semana subsequente. Caso desejassem, as pessoas poderiam responder os questionários na ocasião da entrega e devolvê-los no mesmo dia e local ao pesquisador. Juntamente com cada questionário, foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento exigido pelo Comitê de Ética da PUC/GO, que além de detalhar explicações sobre a pesquisa, garante os direitos dos respondentes e disponibiliza os contatos do pesquisador para o esclarecimento de dúvidas. O TCLE, também, deveria ser devolvido ao pesquisador juntamente com o questionário respondido. Do total de 250 distribuídos, obteve-se uma amostra de 78 questionários devolvidos e validados.

Os dados obtidos com os questionários devolvidos e validados foram tabulados e após sua análise foi possível conhecer o perfil das pessoas que praticaram trânsito religioso na igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União, seus grupos religiosos de origem, os motivos e demais fatores que contribuíram para o trânsito, além de características de comportamento em relação à religião.

A seguir, portanto, são apresentados os resultados obtidos e suas respectivas análises.

A fim de se identificar quantas pessoas se envolveram em algum tipo de trânsito religioso, foi questionado aos respondentes se já frequentaram outras religiões, cultos ou igrejas antes da igreja pentecostal Ministério Luz para os Povos da Vila União. O Gráfico 1 representa as respostas obtidas. A formulação da questão fazendo, alusão à “religião, culto e igreja” é, baseado nas observações de Mariz (2013), relatadas no segundo capítulo, numa tentativa de possibilitar a identificação mais precisa dos grupos religiosos envolvidos.

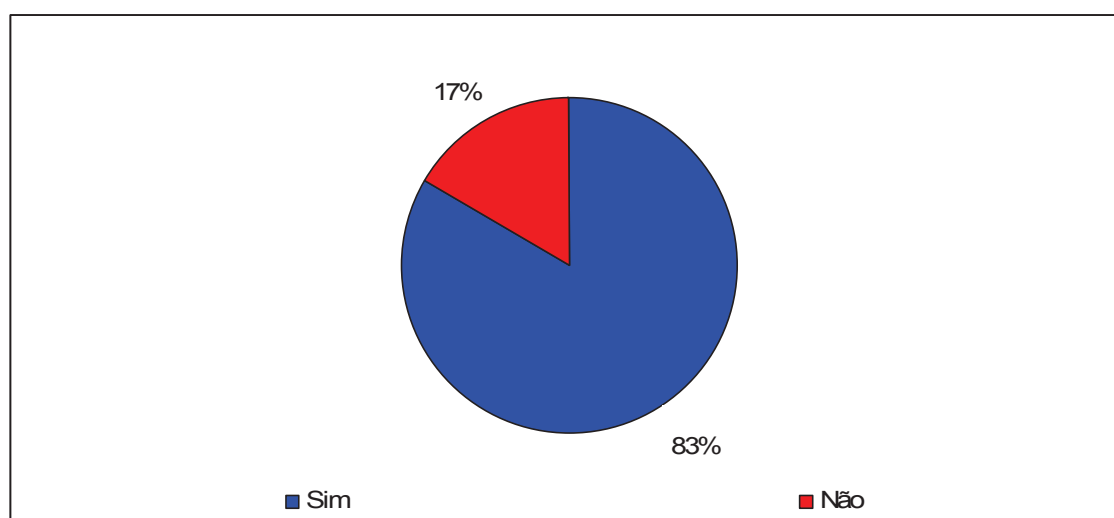


Gráfico 1: Já frequentou outras religiões, cultos ou igrejas?

O Gráfico 1 mostra que, do total de 78 respondentes, apenas 17% (13 pessoas) não frequentaram outras religiões, cultos e igrejas. Ao mesmo tempo, evidencia um total de 83% da amostra (65 pessoas), composta por indivíduos que frequentaram outros grupos religiosos antes da igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União.

Merece destaque o fato de que, ao se analisar os questionários dos 17% (13 pessoas) que não frequentaram outros grupos religiosos, percebeu-se que pelo menos 5 pessoas nasceram em famílias que já frequentavam a igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União, ou vieram com a família ainda muito novos. Embora em percentual minoritário, representa indícios de que, ainda, há identidades religiosas herdadas, tratado por Hervieu-Léger (2008) como um aspecto da religião declinante na contemporaneidade. Nesta mesma linha de raciocínio, este percentual de respondentes pode indicar algum nível de transmissão de uma memória coletiva que esteja influenciando a manutenção destas pessoas na igreja dos pais/familiares.

Em se tratando do perfil das pessoas envolvidas no trânsito religioso, buscou-se identificar o sexo das pessoas envolvidas com o trânsito religioso. O Gráfico 2 mostra a proporção da amostra por gênero.

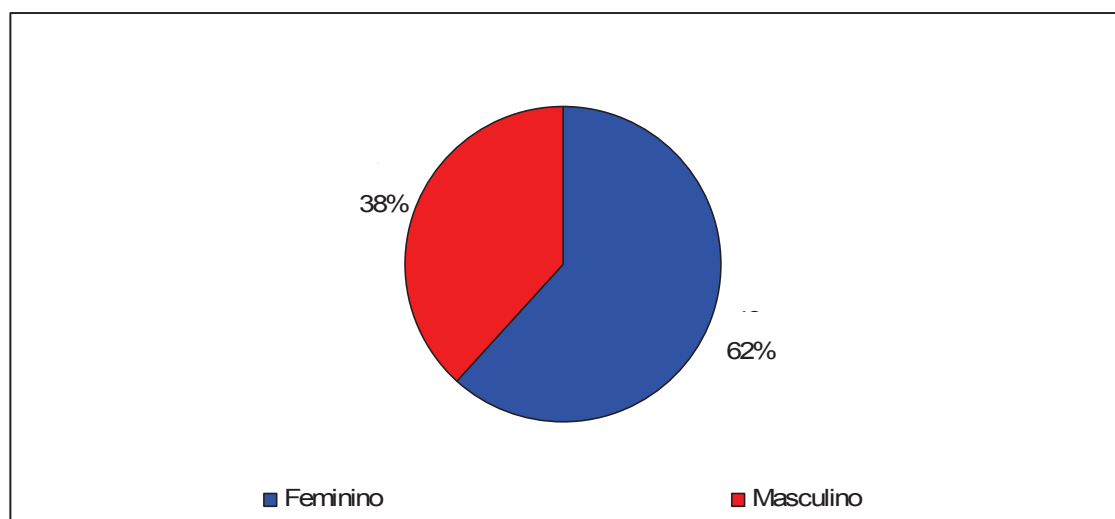


Gráfico 2: Qual seu sexo?

Percebe-se uma predominância de pessoas do sexo feminino (62% - 40 pessoas) no grupo de indivíduos que praticaram trânsito religioso, o que converge com as constatações obtidas por Souza (2006) em suas pesquisas apresentadas no segundo capítulo que, de modo semelhante, também verificou presença feminina majoritária nos grupos religiosos estudados.

Destaca-se o fato de que, acrescentando-se ao grupo envolvido em trânsito religioso os demais 17%, a proporção de pessoas do sexo feminino cai um pouco, mas ainda se mostra como predominante. Do total de 78 pessoas que responderam ao questionário, 57,7% eram do sexo feminino (45 pessoas) e 42,3% do sexo masculino (33 pessoas).

A superioridade do número de pessoas do sexo feminino, observado na amostra é superior à verificada no Estado de Goiás. Conforme o censo do IBGE de 2010, em Goiás compunham a população 50,4% de mulheres e 49,6% de homens. Uma possível explicação para esta predominância mais acentuada do sexo feminino pode estar relacionada às características da própria igreja. Como foi apresentado anteriormente, no início do terceiro capítulo, nas entrevistas com as lideranças, tanto a igreja sede como a igreja local, enfatizam as atividades em casais, incluindo o exercício das lideranças. Isso coloca as mulheres em lugar de destaque na igreja, o que pode ter algum impacto na atração das mesmas.

Esta mesma característica da igreja pode justificar a predominância de pessoas casadas na amostra dos envolvidos no trânsito religioso, conforme pode ser observado no Gráfico 3.

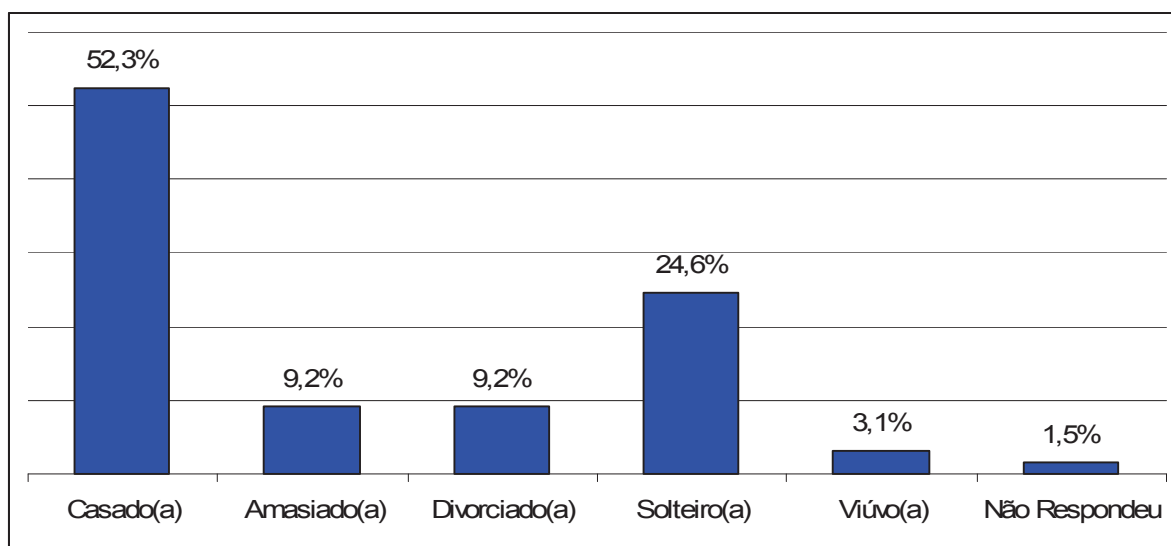


Gráfico 3: Estado Civil

É importante lembrar que, conforme foi evidenciado, nas entrevistas com as lideranças, o modelo de relacionamento com os membros, adotado tanto pela igreja sede, como pela igreja local é o celular. Neste modelo, encontros acontecem sempre em residências, cujos anfitriões são casais “casados”. Conjeturando, esta

característica pode atuar como fator atrator de pessoas casadas, bem como para estimular casamentos após o estabelecimento de relações com a igreja. Esta possibilidade é reforçada se for considerado que, das 6 pessoas que se declararam “amasiados” (9,2%), 4 frequentam a igreja recentemente, há menos de 6 meses. Em relação aos demais que se declararam nesta categoria de estado civil, uma frequenta a igreja de 2 a 3 anos e a última não informou seu tempo de participação no ministério.

A predominância de casais também pode ter relação com as faixas etárias predominantes observadas na amostra e apresentada na tabela 4.

Percebe-se que, entre os que estão envolvidos no trânsito religioso, há uma faixa etária predominante, que é a de 30 a 49 anos, com 52,3% do total. Se esta faixa etária for somada com a segunda faixa etária de maior incidência (25 a 30 anos), alcança-se um total de 70,8%. Esta concentração de pessoas com idades entre 30 e 49 anos é superior à observada no Estado de Goiás, conforme Censo 2010 do IBGE (Sinopse do Censo Demográfico 2010), que alcançou 39,5%.

Tabela 4: Trânsito religioso por faixa etária

Faixa Etária	Quantidade	%
Até 18 anos	2	3,1%
19 a 24 anos	5	7,7%
25 a 30 anos	12	18,5%
30 a 49 anos	34	52,3%
50 a 59 anos	8	12,3%
60 a 64 anos	2	3,1%
65 a 69 anos	1	1,5%
Não Respondeu	1	1,5%
Total	65	100,0%

Ao se fazer o cruzamento das informações das pessoas envolvidas com o trânsito religioso casadas com as faixas etárias, verificou-se que, das 34 pessoas casadas (52,3%), 8 têm entre 25 a 30 anos e 22 têm entre 30 e 49 anos. As 4 restantes estão localizados nas faixas etárias superiores a estas idades.

A concentração de casados em faixas etárias acima de 25 anos pode ter relação com a etapa da vida adulta em que, em tese, os aspectos ligados à

educação, trabalho e finanças estejam em fase de maturação de modo mais consistente do que nas faixas etárias anteriores. A Tabela 5 traz dados que corroboram com esta possibilidade.

Tabela 5: Escolaridade

Escolaridade	Quantidade	%
Supletivo do 1º Grau	3	4,6%
Supletivo do 2º Grau	4	6,2%
Ensino Fundamental	5	7,7%
Ensino Médio	25	38,5%
Educação Superior	27	41,5%
Outras Respostas	1	1,5%
Total	65	100,0%

Nota-se que, proporcionalmente, há maior percentual de pessoas que alcançaram a Educação Superior, seguida proximamente do número de pessoas que alcançaram o Ensino Médio. Ambas categorias somam 80% do total da amostra e, ao se verificar o perfil dos “casados”, associado à escolaridade, obteve-se a seguinte configuração: do total de 34 pessoas, 17 estão na categoria Nível Superior, 13 na categoria Ensino Médio e as outras 4 pessoas inseridas nas demais escolaridades. Em outras palavras, parece evidente, na amostra pesquisada, a relação entre o casamento e as escolaridades mais elevadas.

As Tabelas 4 e 5 permitem afirmar que as pessoas envolvidas no trânsito religioso para a Luz Para os Povos da Vila União são, predominantemente, adultos e com boa escolaridade. Parece correto presumir que pessoas com tal perfil têm facilidade de acesso à informação, podendo receber todo tipo de ofertas do campo religioso no qual estão inseridas. Em outras palavras, a escolha da igreja, da qual participam, possivelmente, não se deu por falta de ofertas ou de informações.

Outra reflexão possível a partir da tabela 4 é a de que as ações e estratégias para captação de pessoas que compõem o público mais jovem, sobretudo até 18 anos, não estão se mostrando tão eficientes, quando comparadas a faixas etárias mais elevadas. No entanto, é lícito reconhecer que, durante a realização da pesquisa, pode não ter havido interesse por parte dos mais jovens em participar do trabalho. Além do fato de que o presente estudo de campo, dadas suas

características, não alcança as crianças que frequentam a igreja e que também são consideradas como membros.

Outra característica observada no perfil dos entrevistados que transitaram entre religiões, cultos e igrejas é que a maioria (75,4%) exercem algum tipo de ocupação ou trabalho. Destes, trabalhadores com carteira assinada ou com contrato de trabalho representam o maior percentual, conforme revela a Tabela 6.

Embora apareçam na amostra, os empresários não se apresentam em número tão significativo. Isso pode acontecer em função do Ministério Luz Para os Povos não possuir ações específicas para atração deste perfil de membresia.

Outra questão que salta aos olhos é a proporção de desempregados, 12,3%. Este índice é superior aos 8,3% de desempregados no Brasil, observado pelo IBGE no segundo trimestre de 2015. É importante destacar que durante a realização do presente estudo não foram observadas ações específicas (tais como campanhas, por exemplo) que justifiquem a atração de pessoas em situação de desemprego para esta igreja, a não ser, o apoio espiritual intrínseco e o apoio psicológico disponibilizado.

Tabela 6: Ocupação ou trabalho

Tipo da Atividade	Quantidade	%
Exerce atividades formais (com contrato de trabalho ou carteira de trabalho)	28	43,1%
Está desempregado (a)	8	12,3%
Exerce atividades informais (sem contrato de trabalho ou carteira de trabalho)	6	9,2%
Não exerce atividades remuneradas	6	9,2%
É empresário (a)	5	7,7%
É trabalhador(a) autônomo(a)	5	7,7%
É aposentado (a) ou pensionista	2	3,1%
É profissional liberal	2	3,1%
Não Respondeu	2	3,1%
É servidor público	1	1,5%
Total	65	100,0%

Uma possibilidade para se interpretar a presença deste grupo em destaque, passa pela análise do perfil de origem das pessoas envolvidas no trânsito religioso

da igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União, que pode ser observado na tabela 7.

Tabela 7: Estado de nascimento

Região	Quantidade	%
GO	47	72,3%
MA	8	12,3%
PI	2	2,6%
PR	2	2,6%
BA	1	1,3%
MT	1	1,3%
PA	1	1,3%
RO	1	1,3%
Não Respondeu	2	3,1%
Total	65	100,0%

Em se tratando de Estado de nascimento, dois grupos se destacam. Os nascidos em Goiás e nascidos no Maranhão. Ao se cruzar os dados de ocupação com os dados de Estado de nascimento, percebe-se que dos 8 casos de desemprego identificados, 5 são do Maranhão e três são de Goiânia/GO. Além disso, cruzando esta informação com os dados de tempo de participação na igreja, percebe-se que dos 5 desempregados nascidos no Maranhão, 4 participam das atividades da igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União há menos de 6 meses. A quinta pessoa desempregada e nascida no Maranhão, por sua vez, está na igreja há mais de 10 anos. Conjeturando, é possível que os recém chegados à igreja também estejam chegando de suas regiões de origem e, por isso, ainda estejam desempregados. É lícito deixar claro que os dados levantados não permitem confirmar com precisão a veracidade desta possibilidade.

A título de complementação da informação, dos outros 3 desempregados nascidos em Goiânia/GO, 2 frequentam a igreja há menos de 6 meses e o último, há mais de 3 anos.

Quanto ao grupo de maior destaque na Tabela 7, o de nascidos em Goiás, pode-se afirmar que tal predominância é coerente como fato da instituição religiosa ter se originado em Goiás e ter estabelecidas neste Estado, em termos nacionais, a maioria de suas igrejas, conforme foi evidenciado no início deste capítulo. O mesmo raciocínio serve para explicar porque há uma concentração de origens relacionadas

à região Centro-Oeste, Norte e Nordeste (ver Figura 3). São justamente nestas regiões que a igreja pentecostal MLP possui maior número de igrejas. É lícito presumir que, por ter representações nestas regiões, a lembrança de “marca” da instituição religiosa é possivelmente maior. De alguma forma, os indivíduos em trânsito podem ter tido contato, pelo menos, com o nome da igreja em suas localidades de origem.

Para complementar o perfil do sujeito religioso da igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União é importante apresentar as faixas de renda das pessoas ligadas ao trânsito religioso. A tabela 8 traz tais informações.

A análise destes dados indica a predominância de rendimentos entre mais de 1 até 6 salários mínimos, representando 60% do total dos entrevistados. Tal predominância não indica um trânsito religioso que envolve pessoas de alto poder aquisitivo, porém, pode indicar que, ao menos, tais pessoas tenham suas necessidades básicas atendidas, acabando por direcionar suas atenções a outros tipos de carências a serem supridas com a ajuda da igreja em questão, tais como: acolhimento, sentimento de pertença, status, aceitação pelo grupo etc. Vale lembrar que a igreja objeto de estudo de caso situa-se num bairro considerado de classe média, o que torna coerentes os resultados apresentados pela tabela 8.

Tabela 8: Faixa de rendimentos mensais

Faixas de Rendimento	Quantidade	%
Não tem rendimentos	11	16,9%
Até 1 salário mínimo	9	13,8%
Mais de 1 até 3 salários mínimos	23	35,4%
Mais de 3 até 6 salários mínimos	16	24,6%
Mais de 6 até 10 salários mínimos	4	6,2%
Mais de 10 salários mínimos	2	3,1%
Total	65	100,0%

Outra questão que chama atenção na Tabela 8 é a proporção de pessoas que declararam não ter rendimentos. Após o cruzamento de informações do perfil das 11 pessoas que assim se declararam, percebeu-se que 4 estão desempregadas e 6 são estudantes (2 no ensino fundamental). Parece correto presumir que costumeiramente estes últimos não possuem rendimentos. Apenas em um caso não havia informações suficientes no questionário para se identificar sua situação com clareza.

Na pesquisa, também, foi levantado o perfil da amostra dos que transitaram, por cor ou raça, representado a seguir pelo Gráfico 4.

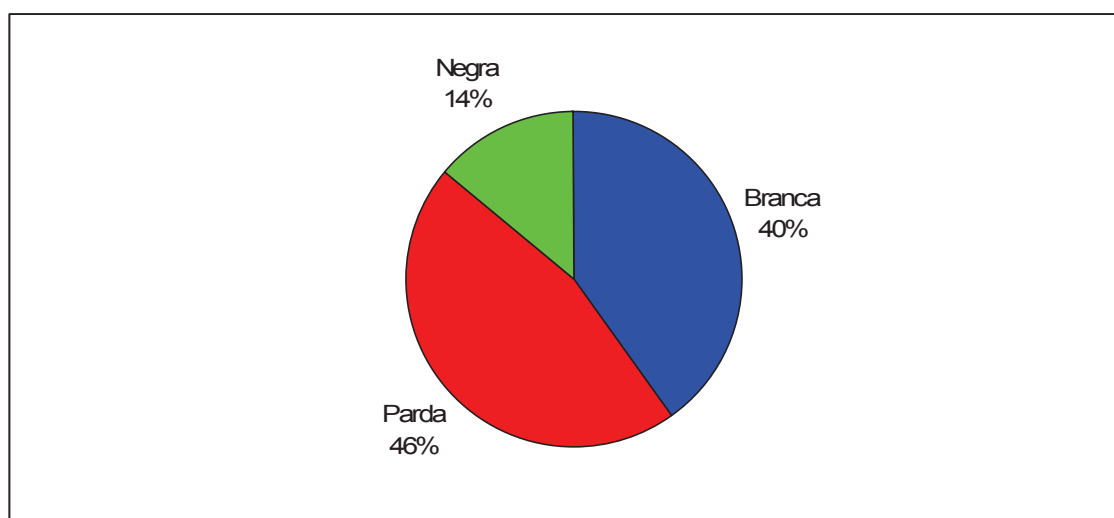


Gráfico 4: Cor ou raça declarada pelas pessoas que praticaram trânsito religioso

Como pode ser observado, apenas três categorias foram declaradas. Ao se comparar os resultados da pesquisa com os dados do Censo Demográfico 2010 do IBGE, percebe-se proximidade de resultados na categoria “branca”, que alcançou 41,7% do total da população brasileira. Há proximidade de resultados com a categoria “parda”, que chegou a 50% naquele censo. Contudo, há significativa diferença entre a proporção da cor declarada “preta”. Segundo o IBGE, a população brasileira com esta cor de pele declarada é composta por 6,5%. Pelo que foi observado, não há nenhuma ação ou estratégia específica de captação que justifique uma maior atratividade de pessoas com esta característica. Conjeturando, existe a possibilidade de que pessoas que se auto declarem com a cor preta, sintam-se bem acolhidos na igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União e, por isso, haja uma incidência maior quando comparada com a distribuição normal da população brasileira. Em tese, essa hipótese pode ser considerada viável tendo-se em vista as preocupações com bom acolhimento relatadas por lideranças da igreja local nas entrevistas apresentadas no início do terceiro capítulo.

A partir deste ponto serão apresentados dados mais relacionados ao comportamento dos entrevistados, enquanto sujeitos religiosos, em relação às suas religiões, cultos ou igrejas, começando pelas instituições de origem.

Inicialmente, foi solicitado aos respondentes que informassem se já frequentaram outras religiões, cultos ou igrejas. Foi solicitado, também, em caso

positivo, que tais religiões, cultos ou igrejas fossem citadas, da mais antiga para a mais recente. O Gráfico 5 mostra, apenas, os grupos religiosos citados e a quantidade de vezes que foram citados.

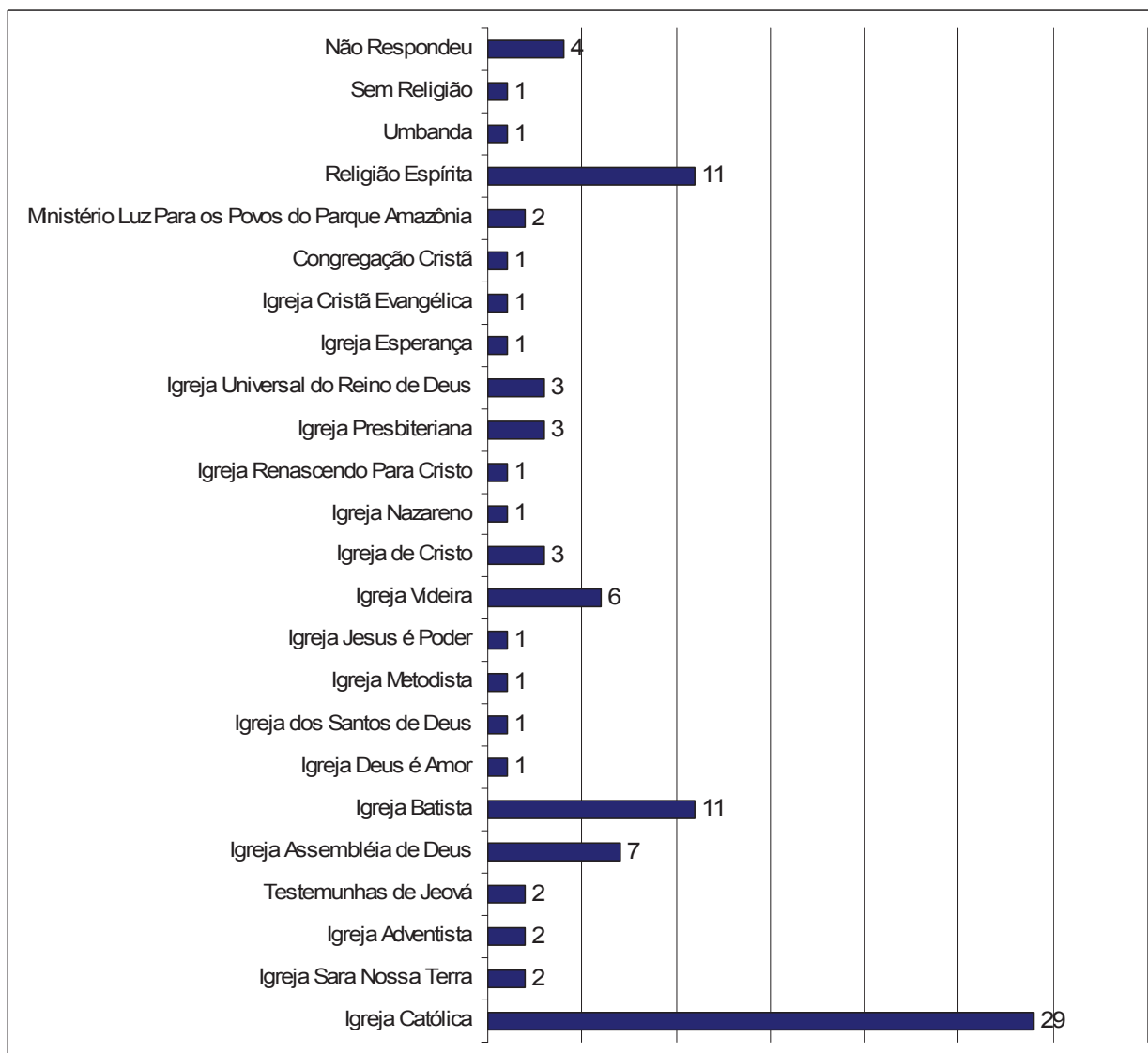


Gráfico 5: Religiões, cultos ou igrejas citadas como frequentadas antes do Ministério Luz Para os Povos

O Gráfico 5 serve para demonstrar os diversos grupos religiosos envolvidos nos percursos realizados pelos envolvidos no trânsito religioso. Alguns grupos religiosos aparecem com maior destaque, como é o caso da Igreja Católica por exemplo. No entanto, este gráfico mostra apenas o número de vezes que cada instituição religiosa foi citada. Não representa as direções envolvidas em tais percursos. A Igreja Católica, por exemplo, não atuou apenas como ponto de origem. Como será demonstrado a seguir, ela também assumiu o papel de ponto de destino.

Para demonstrar de modo mais nítido o trânsito religioso em estudo, elaborou-se o Gráfico 6 que demonstra número de pessoas e seus respectivos grupos religiosos que se configuram como os últimos pontos de origem antes de chegarem à igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos.

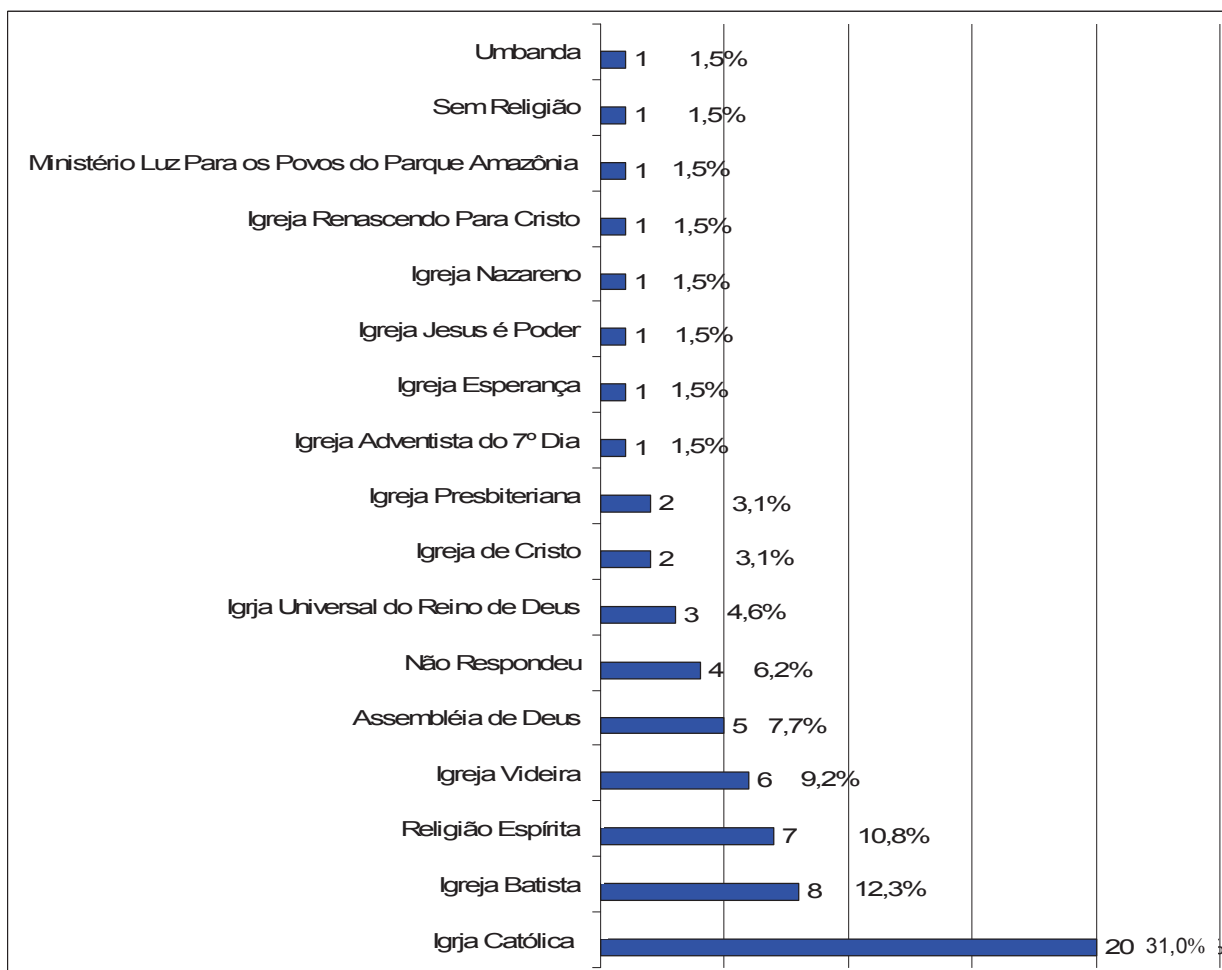


Gráfico 6: Religiões, cultos ou igrejas citadas como últimos pontos de origem antes do Ministério Luz Para os Povos

Este gráfico demonstra que, individualmente, a Igreja Católica continua sendo a instituição religiosa da qual provém um número maior de pessoas. Tal situação converge com o padrão de migração verificado por Almeida e Montero (2001), apresentado no segundo capítulo deste estudo. No entanto, usando-se como referência os grandes grupos de religião estabelecidos pelo IBGE, pode-se observar que há mais transferências de pessoas originárias do grupo de religião Evangélica (de missão, de origem pentecostal e evangélica não determinada) do que do grupo de religião Católica. São 32 pessoas (49% do total) de origem evangélica, contra 20

peças (31%) de origem católica. Tais números indicam importante trânsito religioso no interior do campo religioso evangélico.

Vale destacar que a constatação de que a maioria das pessoas que se transferiram para a igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União contraria frontalmente uma intenção explícita do Bispo Gilmar Martins Ferreira, declarada em sua entrevista apresentada linhas atrás, que determina que se busque “ganhar almas” junto a outras religiões e não “pescar no aquário” das outras igrejas evangélicas. No entanto, há que se considerar que a escolha da igreja não depende apenas das ações e/ou estratégias da igreja. Dependem, também, de fatores intrinsecamente ligados ao indivíduo, enquanto sujeito religioso. Deve-se levar em conta, também, que a recém citada orientação tem sido atendida, em certo nível, considerando-se que a segunda instituição religiosa mais citada como origem de pessoas é a Religião Espírita. Há, também, uma pessoa originária da Umbanda e uma que se declarou, originalmente, sem religião.

É importante lembrar que as referências às Igrejas Nazareno e Batista têm relação com o contexto de origem e crescimento Ministério Luz Para os Povos da Vila União, já relatadas no início deste capítulo.

Tomando por base o Gráfico 6, numa tentativa de utilização das tipologias de trânsito religioso, apresentadas no segundo capítulo, veremos que as mesmas não conseguem alcançar o fenômeno observado em sua inteireza. Com base na tipologia de Souza (2001), em função das características da própria pesquisa, não há dados suficientes para se identificar o chamado “trânsito pertencente” e o “trânsito sem pertença”. Haveria indícios “trânsito de pertença”, aquele em que o sujeito religioso muda de confissão religiosa. No entanto, como já foi comentado anteriormente, não há como afirmar a existência de abandono de dogmas e doutrinas anteriores, caracterizando a categoria por completo. Ao mesmo tempo, também se pode afirmar que, com base em Hervieu-Léger (2008), há na igreja estudada pelo menos indícios de um caso de trânsito de indivíduos “sem religião”. Porém, tal classificação, também, não pode ser dada como certa, pois uma pessoa que se declarou sem religião pode apenas estar afirmando não possuir pertencimento definido. Não significa necessariamente que se trata de uma pessoa atea.

O uso de modelos e tipologias tem dificuldades naturais de ser bem sucedido em todos os casos observados na realidade. No entanto, a tentativa é válida à medida que permite classificar o fenômeno e facilitar sua análise. O pastor de uma igreja pode, a partir da classificação do fenômeno do trânsito religioso, enxergar

melhor o que está acontecendo e adotar medidas corretivas e/ou preventivas de acordo com as orientações e interesses estratégicos de sua instituição religiosa. Por outro lado, conforme ficou claro, há necessidade de se avançar na discussão sobre tipologias que atendam de modo mais abrangente o perfil do fenômeno trânsito religioso. Conjeturando, a partir do Gráfico 6, por exemplo, pode-se considerar a possibilidade da existência de um “trânsito inter-evangélico, ou ainda, de um “trânsito inter-pentecostal”, por exemplo.

Embora o Gráfico 6 permita análises interessantes, não revela em sua completude e complexidade a direção, as idas e vindas do trânsito religioso. Assim, na tentativa de se aprofundar a análise do tema, elaborou-se um Diagrama de fluxo do trânsito religioso de entrada na igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União, representado pela Figura 5.

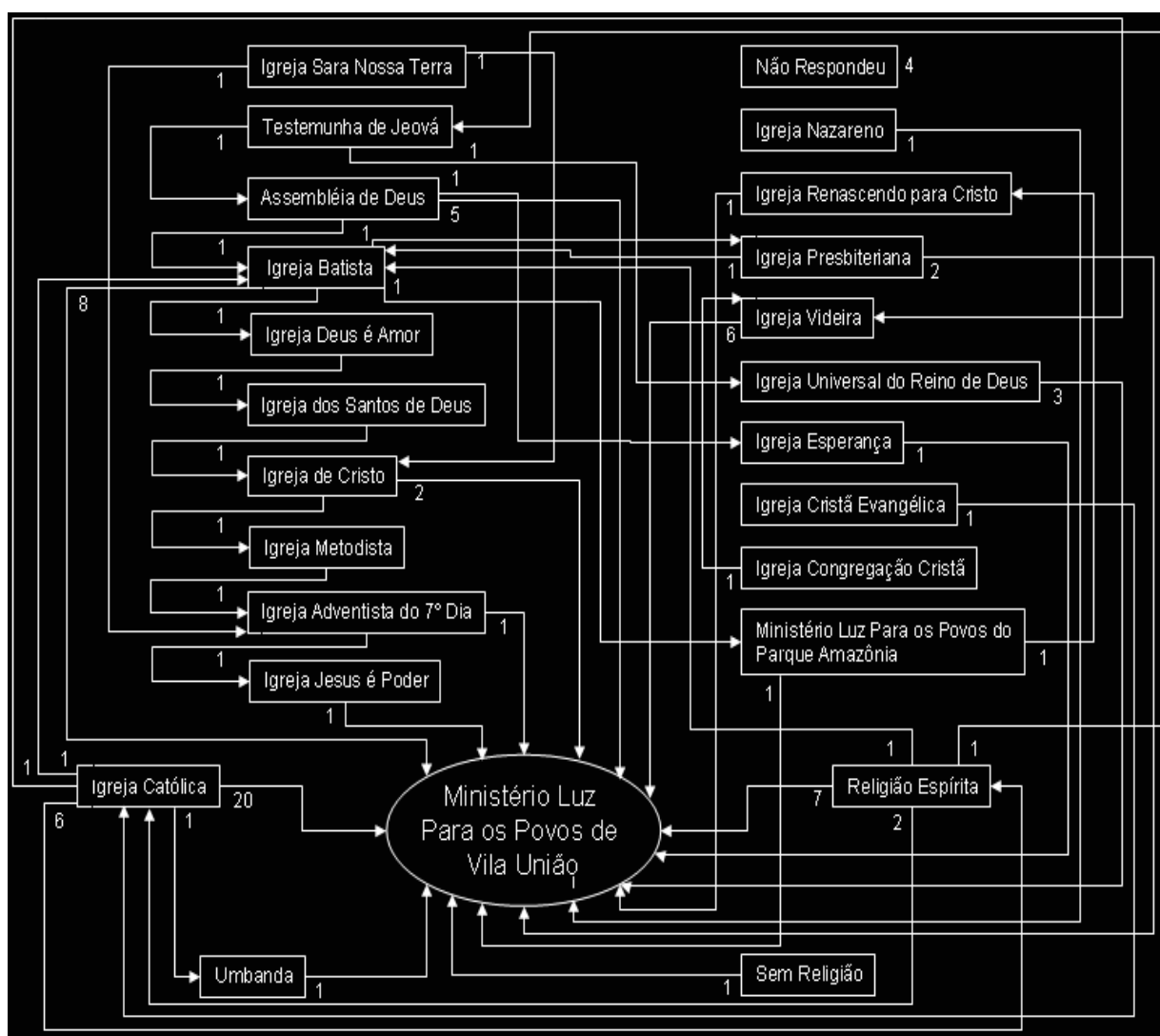


Figura 5: Diagrama de fluxo do trânsito religioso de entrada na igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União

Usando como referência o modelo de “Padrões de Migração entre Religiões” de Almeida e Montero (2001), apresentado no segundo capítulo na Figura 1, elaborou-se o presente diagrama que visa demonstrar tanto as diversas origens como os respectivos destinos observados no trânsito religioso específico do Ministério Luz Para os Povos da Vila União, cessando nesta última igreja, tendo em vista que a presente pesquisa não alcançou ex-membros desta igreja. Ou seja, o presente estudo considera o trânsito religioso até a chegada à igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União. É lícito afirmar que, tendo em vista o perfil do sujeito religioso, o contexto de pós-modernidade no qual este se encontra inserido e o próprio histórico de trânsito religioso apresentado linhas atrás, parece adequado presumir que o trânsito religioso não cessa na igreja objeto de estudo. Apenas tal fluxo de partida não é alcançado pela presente pesquisa.

Voltando ao diagrama de fluxo, considerou-se para sua elaboração a ordem e a direção das diversas origens e destinos que cada respondente informou em seu questionário (citadas da mais antiga para mais recente, conforme solicitado).

Destaca-se que nem todos respondentes que transitaram entre grupos religiosos informaram as instituições pelas quais passaram. Estes aparecem na categoria “não respondeu”. É importante destacar, também, que o presente diagrama não contempla a questão temporal, ou seja, não revela o tempo de permanência, nem tampouco o momento em que o trânsito aconteceu.

Tal diagrama permite um tipo de “contabilidade” que ajuda a identificar quantas pessoas determinada instituição religiosa recebeu e quantas cedeu, no âmbito específico do trânsito religioso estudado. Assim, pode-se afirmar, por exemplo, que nesse caso a Religião Espírita recebeu 6 pessoas da Igreja Católica. Por outro lado, cedeu 11 pessoas, sendo 7 para a Luz Para os Povos da Vila União, 1 para a Igreja Batista, 1 para os Testemunhas de Jeová e 2 para a Igreja Católica. Portanto, cedeu de seu “saldo” 5 pessoas, além das que recebeu. Fica claro, também, que a Igreja Católica não só cede, mas também recebe pessoas (Espírita e Igreja Cristã Evangélica).

A Figura 5 ilustra o intenso trânsito entre denominações, até mesmo dentro do próprio Ministério Luz para os Povos (do Parque Amazônia para a Vila União). Neste caso em específico, o motivo principal alegado para mudança foi a localização da igreja da Vila União.

Diante do exposto, verifica-se a complexidade do trânsito religioso dentro do campo religioso, permitindo que sejam visualizados casos em que há trânsito por vários grupos religiosos até o destino atual. Mesmo reconhecendo que tantas mudanças podem ser resultantes de variáveis às vezes alheias à vontade do sujeito religioso, como mudança de cidade a trabalho, por exemplo, parece plausível admitir que há uma busca constante da satisfação de algum tipo de necessidade não atendida.

Uma vez identificada a existência do trânsito religioso, seu volume e suas direções, é necessário compreender melhor suas motivações. Para se investigar o que mobiliza os sujeitos religiosos para a ação, usou-se a seguinte estratégia de investigação: primeiramente perguntou-se qual o principal motivo para o afastamento da última religião, culto ou igreja. Depois, perguntou-se pela existência de outros fatores que deixaram o respondente insatisfeito e/ou que contribuíram para sua saída.

A expectativa com esta sequência de perguntas, relacionadas ao fluxo de partida, é estabelecer uma hierarquia de importância entre os motivos mais fortes e os fatores que, associados, culminaram na saída. Parte-se da perspectiva de que a saída de uma instituição religiosa, possivelmente, envolve um conjunto de variáveis que culminam no fluxo. Pretende-se ter como resultado um conjunto de motivos principais, associados ao que está sendo chamado neste estudo de “fatores expulsores”.

Ainda referindo-se à estratégia de investigação, estabelecida a percepção sobre a saída, partiu-se para a identificação das questões relativas aos processos de escolha de destino do sujeito religioso. Perguntou-se, portanto, o que atraiu o respondente para o Ministério Luz Para os Povos da Vila União. Em seguida, foi questionado se antes de se decidir pela igreja destino, o respondente havia frequentado outros grupos religiosos. Em caso positivo, foi solicitado informar que fatores o levaram a escolher a igreja da Vila União. Pretendeu-se ter, como resultado, um conjunto que neste estudo está sendo chamado de “fatores atratores”.

A Tabela 9, a seguir, representa os principais motivos para o afastamento da religião, culto ou igreja anterior.

Tabela 9: Principais motivos para afastamento da religião, culto ou igreja anterior

Motivos Principais	Quantidade	%
Mudança de endereço/Localização da igreja	12	18,5%
Motivo de caráter espiritual	11	16,9%
Discordância com ensinamentos, normas e/ou práticas	9	13,8%
Não Respondeu	7	10,8%
Influência de familiares	6	9,2%
Outros	6	9,2%
Descompromisso próprio com a religião e/ou com Deus	5	7,7%
Fusão da Igreja Batista com a Luz Para os Povos	5	7,7%
Influência de amigos	2	3,1%
Problemas de relacionamento/decepção com irmãos e/ou Líderes	2	3,1%
Total	65	100,0%

As categorias de motivos foram estabelecidas a partir da análise das respostas usando o critério de agrupamento das citações por semelhança.

Inicialmente, pode-se perceber a existência de dois grupos de motivos: um é especificamente inerente ao indivíduo e o outro são os motivos que envolvem tanto o indivíduo, como a instituição religiosa e seus frequentadores.

No primeiro grupo estão os “Motivos de caráter espiritual” e “Descompromisso próprio com a religião e/ou com Deus”.

No segundo grupo estão os motivos “Mudança de endereço/Localização da Igreja”, “Discordância com ensinamentos, normas ou práticas”, “Influência de familiares”, “Fusão da Igreja Batista com a Luz Para os Povos”, “Influência de amigos” e “Problemas de relacionamento/decepção com irmãos e/ou líderes”.

Quando analisamos a categoria “Mudança de endereço/Localização”, podemos afirmar que se trata de um conjunto de motivos de grande impacto prático na vida do sujeito religioso. É inerente ao indivíduo, ou seja, não depende da igreja de origem e, muitas vezes, foge ao controle da pessoa (mudança de residência em função do trabalho, por exemplo). Nesse caso, há pouca ou nenhuma intervenção da instituição religiosa de origem.

A categoria “Motivo de caráter espiritual” contempla respostas como: “desconforto espiritual”, “recebi Jesus Cristo e passei a frequentar a igreja”, “conheci a verdade” etc. Nesse caso, também, há pouca intervenção possível por parte da

igreja de origem. Trata-se de um processo íntimo do sujeito religioso que envolve sua relação com o sagrado que, possivelmente, está inacessível ao conhecimento dos líderes dos grupos religiosos de origem. Em princípio esta categoria parece não contemplar motivações racionais que busquem a satisfação para necessidades da vida cotidiana. No entanto, ao se investigar as 11 informações fornecidas nos questionários que compõem esta categoria, percebe-se que 9 pessoas deste grupo visitaram outras religiões, cultos ou igrejas antes de optarem pela igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União. Este dado é importante, pois indica que houve algum tipo de processo seletivo na escolha.

Ao se verificar os fatores que levaram à escolher a Luz Para os Povos, obteve-se a seguinte lista: “Proximidade de casa/amigos”; “Companheirismo e amizade”; “Localização”; “Fusão com a Igreja Batista”; “Influência de uma tia”; “Atraído pela ministração e pelo amor dos irmãos”; “influência de membro que me ganhou para Jesus”; “União dos membros”; “Acolhimento dos irmãos e do pastor”; “Influência de amiga”. Apenas uma pessoa não respondeu à esta questão. Como se pode ver, os fatores que atraíram e influenciaram no processo de tomada de decisão acabam por convergir com motivações de caráter racional, pragmático e em busca de bem-estar e da satisfação de necessidades da vida cotidiana. Seja por proximidade da residência, seja pela busca de um ambiente acolhedor/amigável ou pela identificação com amigos/parentes, na sua maioria, tratam-se de fatores racionais e pragmáticos que impactaram a decisão no processo de seleção.

No que tange à categoria “Discordância com ensinamentos, normas e práticas”, a mesma categoria envolve respostas como: “normas e ensinamentos diferentes da palavra de Deus”, “por ter entendido que adoração a ídolos é pecado”, “não estavam de acordo com o que estava escrito na Bíblia” etc. Esta categoria foi considerada nos estudos de Fernandes e Pitta (2006), conforme relatado no segundo capítulo, como o principal motivo capaz de provocar o abandono de religião. Esta categoria, embora tenha ficado em terceiro lugar na pesquisa com os frequentadores da igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos, deve ser considerada com bastante atenção, haja vista que ficou muito próxima das categorias mais votadas. Além disso, representa uma motivação coerente com o perfil do sujeito religioso descrito por Souza (2001), exercendo sua autonomia, enquanto indivíduo pós-moderno e escolhendo a igreja que seja mais coincidente com seu próprio *ethos*.

No caso desta categoria de motivo para o trânsito, dificilmente a instituição religiosa se adaptará ao ethos ou às perspectivas individuais do sujeito religioso antes da saída do indivíduo. Pode-se afirmar que pouco pode ser feito para se evitar a saída neste caso.

As categorias “Influência de familiares” e “Influência de amigos” não representam, necessariamente, insatisfações dos sujeitos religiosos em relação à igreja de origem, mas indicam influências determinantes para o trânsito. Esta categoria envolve respostas como: “saí para acompanhar a família”, “segui meus pais que se mudaram para a Luz Para os Povos”, “o familiar com quem eu ia saí desta igreja [igreja de origem]”. Ou ainda, “convite de uma amiga quando tinha 12 anos”, “amigos me convidaram para um culto de jovens”. Nestes casos, o motivo não está, necessariamente, na instituição de origem, mas na decisão das pessoas que são importantes e influentes na vida do sujeito religioso que, em função disso, decide sair. É possível afirmar que uma instituição religiosa que recebe pessoas com tal motivação, para mantê-las em seu quadro de membros, necessita corresponder às expectativas criadas pelos influenciadores. Do contrário, os influenciadores estimularão uma ou várias visitas que não configurarão adesão.

É válido considerar que a “influência de amigos ou de familiares”, embora tenha aparecido na lista de motivos para o trânsito, dá margem para que seja considerada na categoria de “fatores atratores” para uma nova instituição religiosa. Não exprime, necessariamente, insatisfação em relação ao grupo de origem, mas define a direção do fluxo do trânsito. Há que se considerar, ainda, que nos casos arrolados nesta questão enquanto motivo principal, possivelmente havia vínculo muito fraco com os grupos religiosos de origem.

A categoria “Outros” contempla diversos tipos de respostas, tais como: “por ter gostado da igreja evangélica”, “Percebi que transformava a cada dia mais a minha vida pelo estudo da palavra”, “pela dor e perda terrível na família” etc. Abarca motivos que podem ou não, em maior ou menor grau, sofrer intervenção por parte da instituição religiosa. Dependerá da abertura do indivíduo para compartilhar seus motivos. Possivelmente uma amostragem maior permitiria um agrupamento mais elucidativo com a criação de outras categorias.

No que diz respeito à “Fusão da Igreja Batista com a Luz Para os Povos”, tem-se uma questão específica à igreja em estudo, ligado às origens do mesmo. No

entanto, é preciso destacar que, quando da fusão, os membros remanescentes, enquanto sujeitos religiosos, poderiam decidir continuar ou ir para outros grupos religiosos. A decisão de ficar, possivelmente, foi influenciada pelas ações da igreja de destino.

Por fim, os “Problemas de relacionamento/decepção com irmãos e/ou líderes” apareceram como uma das categorias menos votadas. Trata-se de motivação já identificada nos trabalhos de Souza (2006), citados no segundo capítulo, e que denotam insatisfações propriamente ditas. Tais insatisfações, em tese, podem ser contornadas caso haja a comunicação de tais insatisfações às lideranças. Esta categoria de motivos tem relação direta com a gestão dos relacionamentos dentro da igreja.

A reflexão acerca das categorias de motivadores principais arroladas indica um variado conjunto, relacionado tanto com questões inerentes aos indivíduos, como questões relativas a terceiros e/ou à liderança dos grupos religiosos.

Sintetizando, percebe-se que há algumas coincidências entre os motivos encontrados na amostra e os motivos relatados nos trabalhos sobre trânsito religioso apresentados no segundo capítulo. Há coincidência com o trabalho de Campana (2002) quanto aos motivos relacionados à “postura de poder e autoridade de alguns líderes religiosos”. Há convergência com trabalho de Fernandes e Pitta (2006) quanto à “discordância do indivíduo em relação a preceitos e doutrinas propostas”, enquanto motivação para a saída dos grupos religiosos. Também há coincidência com os motivos encontrados em um dos trabalhos de Souza (2006), no que tange às “dificuldades de relacionamento com lideranças religiosas”, “confronto com a pretensão de purismo simbólico das instituições religiosas” e “o desconforto em relação a algumas normas institucionais” (que tem relação com a discordância com ensinamentos, normas e/ou práticas).

Por outro lado, não há muitas coincidências entre os motivos levantados junto à amostra e uma série de motivos identificados no trabalho de Costa (2011) e no trabalho realizado em São Bernardo do Campo – SP por Souza (2006). Tais motivos levantados por esses autores são: enfermidades (pessoal, e amigos ou na família), desemprego (pessoal ou familiar), problemas de relacionamento afetivo (com cônjuge ou com ente querido) e solidão.

Ao se comparar a amostra pesquisada e os trabalhos sobre trânsito religioso, apresentados no segundo capítulo e ora revisitados, deve-se considerar que estes últimos trabalharam com universos, metodologias, realidades sócio-demográficas e momentos temporais diferentes. Por outro lado, têm como pano de fundo um mesmo contexto geral em que o sujeito religioso exercita sua autonomia na construção de seus sistemas simbólicos e se encontra inserido num campo religioso plural e competitivo. Portanto, parece mais importante manter o foco nas categorias de motivos encontradas em todos estes estudos do que tentar encontrar relações de predominância entre uma ou outra categoria. O elenco de categorias de motivos pode ajudar a configurar um quadro geral para o trânsito religioso e que pode vir a suscitar novas discussões. Excetuando-se o trabalho de Bartz, a pesquisa junto aos frequentadores da igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos, trouxe a categoria “Mudança de Endereço/Localização da Igreja” como relativa novidade em relação aos estudos anteriores e contribui para confirmar tanto o pragmatismo e a racionalidade na tomada de decisão por parte do sujeito religioso, como o caráter circunstancial que às vezes influencia o trânsito religioso.

Quanto às opiniões das lideranças da igreja sobre trânsito religioso, tanto da igreja sede como da igreja local, pode-se afirmar: praticamente não há nenhuma convergência entre os motivos identificados na pesquisa e os motivos mencionados pelo fundador da igreja pentecostal MLP. Há coincidência entre a percepção do Pr. José de Farias e os motivos encontrados, mais especificamente no que diz respeito à categoria “Problemas de relacionamento/decepção com irmãos e/ou líderes”. No caso das lideranças da igreja da Vila União, pode-se dizer que houve um maior número de convergências. Estas giram em torno da categoria “Problemas de relacionamento/decepção com irmãos e/ou líderes”. Vale destacar que as coincidências entre as percepções das lideranças entrevistadas e os motivos apresentados pela membresia se concentra em um dos dois itens menos citados.

Identificados os principais motivos para o trânsito religioso, serão apresentados a seguir, na Tabela 10, as categorias de respostas que contemplam fatores que contribuíram para o afastamento dos respondentes de sua última religião, culto ou igreja, aqui também chamados de fatores expulsos.

Tabela 10: Outros fatores que contribuíram para o afastamento da última religião, culto ou igreja

Fatores Expulsores	Quantidade	%
Discordância com ensinamentos, normas e/ou práticas	7	46,7%
Problemas de relacionamento/decepção com irmãos e/ou líderes	5	33,3%
Outros	2	13,3%
Desmotivação	1	6,7%
Total	15	100,0%

Apenas 15 pessoas se manifestaram sobre esta questão. As categorias “Discordância com ensinamentos, normas e/ou práticas” e “Problemas de relacionamento/decepção com irmãos e/ou líderes” apareceram novamente. Estas categorias reaparecendo enquanto fatores expulsos e citadas por pessoas diferentes podem indicar que se configuram como variáveis que estão influenciando as pessoas que transitam, mas com intensidades diferentes.

A “Desmotivação” surgiu como nova citação. Pode significar que a instituição de origem não apresentava uma programação que atendia às expectativas do respondente ou, ainda, que a desmotivação tivesse relação com questões de caráter individual/pessoal. Não há como saber, neste caso, se a insatisfação é relacionada com a igreja ou consigo mesmo.

A primeira citação da categoria “Outros” diz o seguinte: “quando saí da Igreja Católica foi por sofrimento, por perda terrível na família e na Luz Para os Povos encontrei a paz”. Além do intrínseco conforto espiritual que a igreja possa ter oferecido, parece lícito entender esta citação como uma indicação de apoio e conforto psicológico e emocional oferecido pela igreja. Vale enfatizar que, embora esteja arrolado no grupo de fatores expulsos, tem mais relação como a igreja de destino. É portanto muito mais um fator atrator do que expulsor.

Por fim, a verificação da segunda citação da categoria “Outros”, “Vários” não ajuda a entender a opinião do respondente.

A Tabela 11, a seguir apresenta os fatores que ajudaram os respondentes a escolher a instituição religiosa de destino. São os fatores atratores, inerentes ao Ministério Luz Para os Povos da Vila União.

Tabela 11: Fatores que atraíram para o Ministério Luz Para os Povos da Vila União

Fatores Atratores Citados	Quantidade	%
Qualidade do relacionamento entre as pessoas	25	31,3%
Influência de familiares	14	17,5%
Influência de amigos	8	10,0%
Motivos de caráter espiritual	6	7,5%
Fusão da Igreja Batista com a Luz Para os Povos	6	7,5%
Localização	6	7,5%
Programações, pregações e serviços da igreja	4	5,0%
Organização em células	2	2,5%
Remanescente da Igreja Cristã Nazareno	1	1,3%
Outros	4	5,0%
Não respondeu	4	5,0%
Total	80	100,0%

Para responder a esta questão, alguns dos respondentes fizeram mais de uma citação e todas foram agrupadas por semelhança. Salta aos olhos a importância dada aos fatores relacionados à categoria “Qualidade do relacionamento entre as pessoas”.

Para compor esta categoria, surgiram os termos “comunhão com irmãos”, “proximidade das pessoas”, “companheirismo”, “união”, “amor ao próximo”, “amor entre as pessoas”, “amizade”, “ombro amigo”, “necessidade de carinho”, “acolhimento”, “o Bispo é amável”, “recepção das pessoas”, “receptividade no primeiro momento”, “suporte a quem precisa”, dentre outros. Fica evidente a ênfase dada às questões de relacionamento interpessoal para atrair este perfil de sujeitos religiosos. Possivelmente, ao saírem de seus grupos religiosos de origem, ou mesmo antes, as pessoas em trânsito visitaram o Ministério Luz Para os Povos e tiveram contato com uma amostra deste tipo de relacionamento e se sentiram atraídas para a igreja.

Como já foi comentado anteriormente, a amostra de envolvidos com o trânsito religioso é constituída, principalmente, de pessoas maduras, com boa escolaridade, na sua maioria exercendo atividades remuneradas e inseridas em faixas de renda que lhes permitem fazer frente às necessidades humanas básicas. Daí,

possivelmente, apresentarem outro nível de necessidades, tais como necessidade de “reconhecimento”, “de pertencimento” a um grupo, ou ainda, conforme observado no já comentado trabalho de Campana (2002), necessidade de ser ouvido e emocionalmente acolhido.

A capacidade da igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União em atender a este tipo de necessidade pode ser resultante da estratégia de relacionamento adotada pelas lideranças da igreja local. O discipulado “um a um”, mais que uma estratégia de ensino, possivelmente atua como forma de aproximação entre as pessoas envolvidas no processo. O fato de se tratar de igreja na visão celular, com os encontros em ambientes amistosos e amigáveis (lares) certamente, também, influencia no desenvolvimento do *know-how* de relacionamento.

As categorias “Influência de familiares” e “Influência de amigos”, segunda e terceira categorias mais citadas respectivamente, enquanto fatores atratores, aparecem com mais ênfase e, também, indicam um traço característico e presente no perfil da amostra: a importância dada a familiares e amigos enquanto influenciadores.

Para reforçar esta percepção, merece destaque o resultado obtido para o questionamento se alguma pessoa havia influenciado para ida para o Ministério Luz Para os Povos União: 47,5% (29 pessoas) responderam “familiares”; 29,5% (18 pessoas) responderam “amigos” e 23,0% (14 pessoas) responderam “membros”, perfazendo um total de 61 respostas. Vale lembrar que, numa instituição que não investe tão fortemente em meios de comunicação de massa, o papel dos influenciadores é essencial (além do “boca-a-boca”) e, conforme a pesquisa, tem sido eficiente.

Merece destaque, ainda, a categoria “Localização” que, enquanto “motivo principal”, aparece na Tabela 9 em primeiro lugar. Enquanto fator atrator, aparece em quarto lugar, juntamente com outras categorias. Apresentar-se tanto como motivador, como fator atrator bem votado indica seu elevado grau de importância.

Enquanto fator atrator, surgiu, também, a categoria “Programações, pregações e serviços da igreja”, composta por citações que destacam “os cultos dos jovens”, “pregações baseadas na Bíblia”, “programações como gincanas, acampamentos”. Trata-se de categoria, inteiramente, sob controle da direção da

igreja, podendo ser adaptada para atender melhor tanto às necessidades dos frequentadores, como aos objetivos pastorais e os da direção da igreja.

Embora a categoria “Organização em células” tenha recebido apenas duas citações, vale a pena refletir mais detidamente sobre este fator atrator. Como foi comentado linhas atrás, a estratégia de relacionamento tanto da igreja sede como da igreja local se baseia na visão celular. Tal modelo implica em encontros regulares que acontecem sempre em residências, em âmbitos familiares. Ora, tais encontros, para acontecerem e se multiplicarem necessitam da intervenção e da influência de familiares e amigos. Além disso, também é possível estabelecer uma relação muito próxima entre a categoria “Organização em células” e a categoria “Qualidade dos relacionamentos”, haja vista que são estes que efetivamente mantêm os vínculos nos ambientes residenciais e íntimos de uma célula.

Na categoria “Outros”, uma das citações merece destaque: “gostei da primeira vez que visitei e ainda estou aqui”. Tal comentário reforça a importância de se causar uma boa primeira impressão para fins de fixação ou manutenção dos visitantes, o que converge com o depoimento de uma das lideranças da igreja local, já relatado anteriormente.

Para se aprofundar ainda mais na identificação de fatores que atraíram os respondentes, foi perguntado a eles se, antes de se decidirem pelo Ministério Luz Para os Povos da Vila União, visitaram outras religiões, cultos ou igrejas. Apenas 25 pessoas (38%) do total, responderam que sim. É necessário destacar que alguns respondentes podem ter se sentido constrangidos ao responder tal questão, pois os questionários foram distribuídos na igreja e alguns dos respondentes o responderam naquele ambiente. Em caso positivo, elas deveriam responder o que as havia levado a escolher o Ministério Luz Para os Povos da Vila União. As respostas estão representadas na Tabela 12. Um dos respondentes fez mais de uma citação.

Se considerarmos as citações “Sinto-me bem, acolhido, amado”, “Qualidade do relacionamento entre as pessoas”, “Encontrei pessoas da mesma idade”, “Comunhão em célula” e “Pastor Humilde”, pode-se perceber que todas guardam proximidade com a questão do relacionamento entre as pessoas. Tais citações parecem reforçar o uso bem sucedido da estratégia de relacionamento adotada pela igreja local.

Tabela 12: Fatores que influenciaram na escolha do Ministério Luz Para os Povos da Vila União após visita a outros grupos religiosos

Fatores Atratores	Quantidade	%
Sinto-me bem, acolhido, amado	5	19,2%
Influência de familiares	4	15,4%
Localização	4	15,4%
Qualidade do relacionamento entre as pessoas	4	15,4%
Influência de amigos	2	7,7%
Motivos de caráter espiritual	2	7,7%
Conhecimento Bíblico do Pastor	1	3,8%
Encontrei pessoas da mesma idade	1	3,8%
Organização da igreja	1	3,8%
Comunhão em célula	1	3,8%
Pastor Humilde	1	3,8%
Total	26	100,0%

Vale destacar que, além das citações relativas às categorias já citadas anteriormente, surgem novas citações: organização da igreja e conhecimento bíblico do pastor. Tratam-se de questões que provocam boas impressões no sujeito religioso quando de sua visitação à igreja e representam características passíveis de controles por parte da igreja.

Ainda buscando identificar os fatores atratores para o grupo religioso em estudo e a identificação de outros fatores influenciadores na tomada de decisão pela escolha de destino, foi perguntado se a estrutura física do Ministério Luz Para os Povos da Vila União influenciou na decisão. Apenas 17 pessoas consideraram aspectos da estrutura física como sendo influenciadores. A Tabela 13 apresenta os resultados obtidos.

Tabela 13: Aspectos da estrutura física que influenciaram na decisão

Aspectos citados	Quantidade	%
Localização	9	52,9%
Acessibilidade	3	17,6%
Cadeiras	1	5,9%
Ar-condicionado	1	5,9%
Igreja bem estruturada	1	5,9%
Iluminação	1	5,9%
Possuir berçário	1	5,9%
Total	17	100,0%

Conforme pode ser observado, o aspecto mais citado é a localização da igreja. Mais uma vez a localização ganha destaque, consolidando-se como variável muito importante no processo de escolha da instituição de destino.

A “acessibilidade” diz respeito às adaptações que o prédio da igreja possui para receber pessoas com necessidades especiais. Sua ausência pode provocar significativa dificuldade de adesão por motivos pragmáticos.

Dos demais itens, chama atenção a citação das “cadeiras”, haja vista que na igreja em questão, as cadeiras são de plástico, comuns. Supõe-se que na instituição de origem, as cadeiras deviam ser menos confortáveis aos olhos do respondente.

Merece destaque, também, a citação “possuir berçário”, pois revela um aspecto de conforto observado no momento da escolha e que, no caso da respondente, pode ter sido decisivo para escolha da igreja de destino.

Para ilustrar como interagem os motivos principais, os fatores expulsos e os fatores atratores, parece adequado descrever, pelo menos um caso, em específico, de trânsito observado na pesquisa. Para tanto, será usado o caso do respondente identificado como nº. 7. Trata-se de pessoa do sexo masculino, na faixa etária entre 30 e 49 anos, divorciado, com escolaridade de nível superior e que anteriormente frequentou, pela ordem, a Igreja Católica e o Espiritismo. Seu principal motivo para saída da instituição espírita que frequentava foi o desconforto espiritual. Enquanto fator expulsor, citou a falta de elo familiar entre a religião e seus frequentadores. O fator atrator citado por este respondente foi o companheirismo, percebido na igreja Luz Para os Povos da Vila União. Antes de se decidir, visitou outras instituições religiosas, mas escolheu ficar na igreja da Vila União pela amizade que encontrou lá. Teve como principal influenciador da sua decisão o seu cunhado.

Como pode se observar, houve uma interação e correspondência entre o motivo principal, fatores expulsos e fatores atratores que, possivelmente associados à história de vida do respondente, concorreram para sua decisão. Percebe-se, também, uma elaboração racional, uma visita anterior a outras instituições religiosas e uma escolha, influenciada por um cunhado. Assim, todas estas variáveis implicaram no trânsito religioso.

Após buscar identificar os principais motivos para a saída dos grupos religiosos de origem, os fatores expulsos e os fatores atratores, procurou-se

identificar o nível de fixação ou manutenção dos sujeitos religiosos que transitaram enquanto adeptos do Ministério Luz Para os Povos da Vila União. Para tanto, levantou-se o tempo de participação do respondente no Ministério Luz Para os Povos da Vila União. A Tabela 14 apresenta os resultados.

Tabela 14: Tempo de participação no Ministério Luz Para os Povos da Vila União

Tempo	Quantidade	%
Menos de 6 meses	11	16,9%
De 6 meses a 1 ano	2	3,1%
Acima de 1 ano a 2 anos	5	7,7%
Acima de 2 anos a 3 anos	1	1,5%
De 3 a 10 anos	26	40,0%
Acima de 10 anos	18	27,7%
Não Respondeu	2	3,1%
Total	65	100,0%

Pode-se afirmar que há importantes indícios de manutenção de adeptos, tendo-se em vista que 27,7% tem mais de 10 anos de ligação com a igreja. Destes, há uma pessoa que está na igreja desde o tempo da Igreja Nazareno. Considerando-se, também, o grupo que está na igreja há mais de três anos, o índice de manutenção de membros sobre para 67,7% do total. Tal índice pode reforçar o entendimento de que a estratégia de relacionamento adotada pela igreja pode estar sendo bem sucedida em seu efeito preventivo à saída de membros. Das outras 13 pessoas que responderam o questionário, mas que não estavam envolvidas com o trânsito religioso, 12 participam do Ministério Luz Para os Povos entre 3 e 10 anos. Apenas um destes 13 não respondeu à questão que trata do tempo de participação.

Outra indicação interessante perceptível na Tabela 14 é a existência de 20% de pessoas chegadas há pouco tempo no Ministério Luz para os Povos da Vila União (até 1 ano), o que indica a existência de captação de novos adeptos.

Outro dado que pode colaborar na análise do nível de fixação ou manutenção é a percepção de pertencimento das pessoas em relação à igreja. Assim, foi perguntado à cada pessoa da amostra se ela se considerava como membro do Ministério Luz Para os Povos da Vila União. O Gráfico 7 apresenta os resultados obtidos.

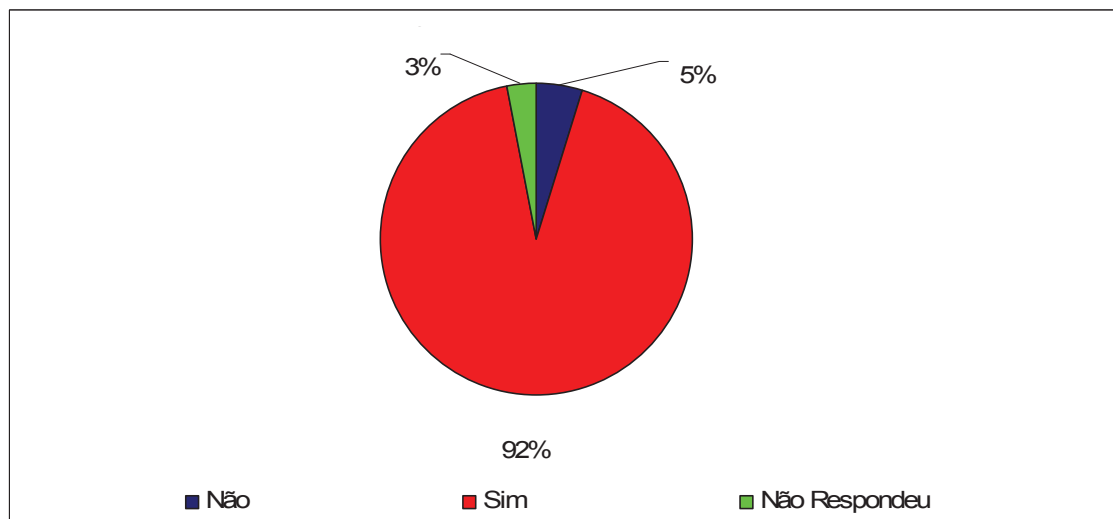


Gráfico 7: Considera-se membro da Igreja Pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União?

Como se pode perceber, 92% (60 pessoas) do total respondeu que se considera como membro da igreja pentecostal Luz Para os Povos da Vila União. Apenas 5% (3 pessoas) não se consideraram como membros. A análise mais detalhada do perfil destas últimas revelou que todas estão na igreja há menos de 6 meses. Os outros 3% (2 pessoas) não responderam a esta questão. Tais dados reforçam o entendimento de que a estratégia de acolhimento caloroso e atenção aos indivíduos, anteriormente relatada por lideranças da igreja local, está sendo eficiente. Entender-se “membro” da igreja parece ser de grande importância, pois além de remeter à noção de pertencimento a uma coletividade, pode influenciar na atuação individual de cada pessoa no sentido de atrair novos adeptos ao grupo, essencial na visão celular.

Outro dado relevante para fins de identificação do nível de manutenção é o relativo à frequência com que as pessoas participam das atividades da igreja. A tabela 15 traz os resultados:

Tabela 15: Frequência de participação nos cultos, reuniões e/ou atividades

Frequência	Quantidade	%
1 vez por semana	17	26,1
Mais de uma vez por semana	38	58,5
2 vezes por mês	2	3,1
Outras Respostas	6	9,2
Não Respondeu	2	3,1
Total	65	100,0%

Para se avaliar a Tabela 15, é necessário esclarecer que a programação padrão da igreja envolve um culto semanal, aos domingos, e uma reunião de células por semana. Além destas atividades, há outras programações que envolvem os demais departamentos da igreja, tais como o departamento de música, de teatro, de ensino etc, que têm suas programações semanais, segundo cronograma próprio de cada área.

Isto posto, pode-se considerar que mais da metade do grupo pesquisado participa, pelo menos, duas vezes por semana das atividades da igreja, representando boa frequência.

Pode-se afirmar que as Tabelas 14 e 15 e o Gráfico 7 apresentam dados favoráveis à percepção de que está acontecendo a fixação ou manutenção dos sujeitos religiosos que transitaram para a igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União.

No entanto, é lícito argumentar que tais dados indicam que as pessoas estão se mantendo na igreja. Porém, não podem ser considerados como conclusivos no que tange à fidelização, tendo-se em mente que fidelização signifique “exclusividade”. Para tanto, há a necessidade de se verificar se os sujeitos religiosos da amostra participam exclusivamente do Ministério Luz Para os Povos, ou se frequentam outros grupos religiosos simultaneamente.

Para identificar tal situação, perguntou-se a todos os respondentes se ainda continuavam frequentando outras religiões, cultos ou igrejas. A Tabela 16 apresenta os resultados obtidos.

Tabela 16: Participação em outros grupos religiosos

Instituição religiosa de Origem	Instituição religiosa que ainda participa	Frequencia com que participa de outra Instituição religiosa	Frequencia com que participa das atividades da Luz Para os Povos	Tempo que participa da Luz Para os Povos
Adventista do 7º Dia	Adventista do 7º Dia	Não Respondeu	Mais de uma vez por semana	Menos de 6 meses
Igreja Católica	Igreja Católica	Raramente	1 vez por semana	Acima de 1 ano a 2 anos
Igreja Católica	Igreja Católica	Raramente	1 vez por semana	Menos de 6 meses
Igreja Católica	Igreja Católica	Não Respondeu	1 vez por semana	Menos de 6 meses
Assembléia de Deus	Não Respondeu	Pouca frequência	2 vezes por mês	Mais de 3 anos
Igreja Batista	Comunidade da Graça	Duas vezes ao ano	Mais de uma vez por semana	Acima de 10 anos
Assembléia de Deus	Assembléia de Deus	Duas a três vezes por mês	Mais de uma vez por semana	Acima de 1 ano a 2 anos

Como pode ser observado, 7 pessoas, do total de 65 que praticaram trânsito religioso, afirmaram continuar frequentando outros grupos religiosos. De todos as 6 que informaram os grupos religiosos que ainda participam, mesmo após estarem na igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União, 5 continuam com algum tipo de vínculo com suas instituições religiosas de origem. Pode-se considerar, também, que a frequência junto a outra instituição religiosa é baixa. Porém, há que se considerar a possibilidade de que alguns respondentes, por se sentirem constrangidos, posto que alguns podem ter respondido os seus questionários dentro da igreja, podem ter minimizado tal frequência. Chama a atenção a presença de quase todas as faixas de tempo de participação na igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos assinaladas. Isso pode significar que não há relação direta entre o tempo de participação na igreja de destino e a manutenção de vínculos com a instituição religiosa de origem, embora se possa argumentar, no caso da participação menor que 6 meses, que esteja havendo um tempo de adaptação e a frequência à instituição de origem faça parte deste processo.

Estes casos, que representam 10,7% da amostra, evidenciam que existem pessoas na igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União que podem não estar totalmente fidelizadas, do ponto de vista da exclusividade. Aliás, é importante destacar que, embora a pesquisa junto à igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos tenha demonstrado que existem membros com mais de 10 anos de participação, é preciso reconhecer que, em função da volatilidade crescente do comportamento do sujeito religioso e a mudança do paradigma de conversão, já comentados no primeiro e segundo capítulos, torna-se cada vez mais difícil identificar com precisão a chamada “fidelidade”. Parece adequado reconhecer que o tema da fidelização necessita de maior acompanhamento e pesquisas futuras.

Ainda refletindo sobre a Tabela 16, não há dados suficientes para se falar de múltipla filiação religiosa. Por outro lado, o que se pode afirmar é que ainda existem alguns vínculos com os grupos religiosos de origem e que, para uma igreja que requer exclusividade de seus adeptos, isso pode representar um problema e/ou um potencial trânsito religioso de saída no futuro. Há margem, também, para se considerar a possibilidade de que alguns desses respondentes venham a ser futuros sujeitos religiosos em trânsito.

Por fim, parece adequado afirmar que, apesar dos indícios positivos de fidelização, também existem indícios que indicam a necessidade de uma atenção

especial às estratégias de consolidação dos sujeitos religiosos que têm no Ministério Luz Para os Povos seu destino enquanto igreja.

3.4 Síntese do Trânsito Religioso na Igreja Pentecostal Luz Para os Povos da Vila União

Os estudos apresentados indicam que o trânsito religioso é um processo que se dá a partir da combinação de motivos prevalentes associados tanto a fatores expulsos como a fatores atratores, sempre na busca de bem-estar e de satisfação de necessidades da vida cotidiana do sujeito religioso. Os motivos prevalentes e os fatores expulsos provocam a partida do sujeito religioso de sua instituição de origem. Os fatores atratores, por sua vez, definem a direção, ou seja, influenciam a escolha da instituição religiosa de destino.

Esta leitura do fenômeno do trânsito religioso, envolvendo motivos prevalentes, fatores expulsos e fatores atratores faz sentido quando inserida no contexto da Economia Religiosa ou numa lógica de mercado de produtos simbólicos religiosos. Sob tal perspectiva, demanda e oferta estabelecem uma relação dialética na qual o sujeito religioso, por um lado, exerce sua autonomia e liberdade para organizar seus sistemas simbólicos religiosos e, por outro, as instâncias religiosas estabelecem suas ofertas a partir das interpretações que fazem das necessidades dos demandantes e em função das adaptações que sofrem ante à competição no campo religioso. O uso da racionalidade empresarial é uma forma de se buscar a maximização de atração e manutenção de demandantes. Por sua vez, a maior ou menor satisfação da demanda é que implicará em maior ou menor trânsito religioso.

Assim, pode-se afirmar que as principais categorias de motivos que levam ao trânsito religioso observados na igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União são, pela ordem: Mudança de endereço/Localização da igreja; Motivos de caráter espiritual; Discordância com ensinamentos, normas e/ou práticas, Influência de familiares, Descompromisso próprio com a religião e/ou com Deus; Fusão da Igreja Batista com a Luz Para os Povos; Influência de amigos e Problemas de relacionamento com irmãos e/ou líderes.

As principais categorias de fatores expulsos informados pelos frequentadores da igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União são, pela ordem: Discordância com ensinamentos, normas e/ou práticas da igreja de

origem; Problemas de relacionamento/decepção com irmãos e/ou líderes e Desmotivação.

As principais categorias de fatores atratores identificados são: Qualidade do relacionamento entre as pessoas; Influência de familiares e amigos; Motivos de caráter espiritual; Fusão da Igreja Batista com a Luz Para os Povos; Localização da igreja, Organização em células e o Sentimento de boa acolhida/Sentir-se bem. Associados a estes fatores, pode-se acrescentar questões relacionadas à estrutura: acessibilidade, cadeiras, ar-condicionado, estrutura geral da igreja, iluminação e o fato de possuir berçário.

É importante destacar que a amostra que serviu de base para identificação dos referidos motivos, fatores expulsos e fatores atratores é pequena. Não permite, portanto, generalizações para todo o universo das igrejas pentecostais. No entanto, representam o quadro geral de variáveis que influenciam o trânsito religioso da amostra em específico. Os fatores atratores, por exemplo, acabam por refletir características da igreja que encontraram identificação com as necessidades dos sujeitos religiosos que ali permaneceram. Em outras palavras, as características marcantes da igreja acabam por atrair pessoas com necessidades passíveis de serem supridas por tais características.

Destaca-se que os resultados da pesquisa com os frequentadores da igreja Ministério Luz Para os Povos da Vila União mostram-se convergentes em muitos pontos com outras pesquisas sobre trânsito religioso arroladas neste estudo, apesar destas últimas terem sido realizadas com universos, metodologias, realidades sócio-demográficas e momentos temporais diferentes. Merece destaque, entretanto, a questão da localização, apontada com destaque na pesquisa junto à igreja pentecostal Luz Para os Povos da Vila União e que, exceto no trabalho de Bartz – proximidade geográfica, não aparece nas demais pesquisas. Tal categoria, “localização”, enquanto motivo prevalente para o trânsito, pode representar um aspecto que, muitas vezes, foge ao controle do sujeito religioso (mudança de endereço a trabalho, por exemplo). Por outro lado, enquanto fator atrator, confirma a racionalidade na tomada de decisão por parte do sujeito religioso na escolha de sua instituição religiosa, tendo-se em mente aspectos práticos da vida cotidiana.

Ainda falando sobre as variáveis que impactam o trânsito religioso, é relevante enfatizar que, praticamente, não há convergência entre os resultados da pesquisa junto aos frequentadores da igreja da Vila União e a percepção do

Apóstolo Sinomar Fernandes da Silveira. Na verdade, o fundador da igreja pentecostal MLP faz uma constatação: a de que 20% dos crentes transitam de uma igreja para outra o tempo todo, porém seu diagnóstico resume os motivos para o trânsito à falta de envolvimento com as atividades da igreja. Também foi relatado por outra liderança da igreja sede um motivo que não apareceu na pesquisa junto à igreja local, tratado neste estudo como sendo o “peso da meta”, fruto da estratégia de captação decorrente da visão G12. No âmbito da igreja local, pode-se dizer que houve um maior número de coincidências entre os resultados da pesquisa junto aos frequentadores da igreja da Vila União e a percepção das lideranças. Destaca-se nesta percepção, o reconhecimento da importância da “qualidade nos relacionamentos” para a atração e manutenção de membros na igreja.

Quanto ao perfil das pessoas envolvidas com trânsito religioso na igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União, pode-se dizer que são pessoas, na sua maioria, do sexo feminino, com escolaridade de nível superior, casadas, na faixa etária entre 30 e 49 anos, trabalhadoras, com carteira assinada e/ou com contratos de trabalho, nascidas em Goiás, com renda entre 1 e 3 salários mínimos e da cor declarada parda. Mais da metade participa das principais atividades semanais da igreja, a maioria frequenta a igreja há mais de 3 anos e se considera como membro (92%). Estes últimos dados de perfil dão margem para se afirmar que a igreja em estudo tem desenvolvido um *know-how* de relacionamento, enquanto estratégia de manutenção de membros.

No que diz respeito aos grupos religiosos envolvidos no trânsito religioso observado, a Igreja Católica foi a religião, em separado, que mais cedeu pessoas. No entanto, usando-se como referência os grandes grupos de religião do IBGE, a maioria das pessoas que transitaram para a igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos vieram do grupo de religião Evangélica (de missão, de origem pentecostal e evangélica não determinada). Mais especificamente, 49% do total são de origem evangélica contra 31% de origem católica. Estes números indicam importante trânsito religioso no interior do campo religioso evangélico, suscitando novos estudos sobre este padrão de migração e sobre a viabilidade ou relevância de novas tipologias de trânsito religioso, tais como: o “trânsito inter-evangélico”, ou ainda, o “trânsito inter-pentecostal”, por exemplo.

Em tempo, há que se enfatizar que a presente pesquisa junto aos sujeitos religiosos da igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos não contempla o

trânsito de saída, pois não foram entrevistados ex-membros da igreja. Embora não mapeado, cumpre afirmar que tal fluxo de saída existe. Do contrário, a igreja objeto de estudo não teria apenas 400 membros, considerando-se que foi fundada em 1993. Por outro lado, deve ser enfatizado que o grupo, aparentemente, mantém seu fluxo de entrada, pois a pesquisa revelou que 20% dos respondentes que chegaram à igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União está na igreja há menos de 1 ano.

CONCLUSÃO

No primeiro capítulo, a pesquisa bibliográfica apresentada aponta para um cenário de pós-modernidade em que as expectativas de justiça social, igualdade e prosperidade, baseadas na ciência e na razão, não foram alcançadas. O ser humano, sem os axiomas antes oferecidos pela Religião e, agora, frustrado diante do não cumprimento das principais promessas da modernidade, encontra-se “órfão” de esperanças em relação ao futuro. No entanto, não se pode negar que há muitos pontos positivos a serem comemorados em função da modernidade. A expectativa de vida nunca esteve tão alta, dia após dia surge a cura para novas doenças e os avanços tecnológicos têm proporcionado ferramentas de comunicação com potencial de integração e cooperação global cada vez mais acessíveis. No entanto, o ser humano continua necessitando de sentido para sua existência, principalmente diante das questões incontornáveis da vida, como é o caso da morte.

Esse cenário vem impactando, profundamente, a relação dos indivíduos com a religião que, deslocada de sua centralidade enquanto provedora de nomia ao indivíduo e à sociedade, experimentou o enfraquecimento da tradição e da autoridade. Numa ambiência de secularização, não desapareceu. Pelo contrário, multiplicou-se em termos de oferta, manifesta no pluralismo religioso. O indivíduo, por sua vez, passou a vivenciar a privatização da religião, configurando seu próprio sistema simbólico religioso a partir das possibilidades que se apresentam em seu caminho. Focado em sua individualidade, mobiliza-se pragmaticamente pela busca de solução para seus problemas nesta vida e, não mais, na vida eterna. Assumiu-se enquanto sujeito da própria fé: ao invés de ser escolhido, exerce sua liberdade para escolher.

Tanto a religião como os indivíduos, aqui chamados de “sujeitos religiosos”, estão se reinventando num relacionamento em que as fronteiras/limites entre as próprias religiões estão cada vez menos definidos e os vínculos entre grupos religiosos e adeptos estão cada vez mais enfraquecidos. Assim, o trânsito religioso, o fluxo de pessoas, crenças e práticas entre as diversas instituições religiosas, tornou-se um dado importante da ambiência ora apresentada.

A perspectiva adotada neste estudo para tratar do relacionamento entre sujeito religioso e religião, a da economia religiosa, pareceu adequada, pois, se de

um lado, sujeito religioso busca a satisfação de suas necessidades junto às instâncias religiosas disponíveis, do outro lado, colocam-se tais instâncias religiosas a ofertar seus bens simbólicos religiosos. Estabelece-se, portanto, uma relação entre ofertantes e demandantes. Seguindo tal linha de raciocínio, pode-se afirmar que demandantes e ofertantes estabelecem uma relação dialética na qual o sujeito religioso, por um lado, exerce sua autonomia para plasmar seus sistemas simbólicos religiosos e, por outro, as instâncias religiosas estabelecem suas ofertas a partir das interpretações que fazem das necessidades dos demandantes e em função das adaptações que sofrem ante a competição no campo religioso. Da capacidade em atender às necessidades dos sujeitos religiosos, dependerá a perpetuação e/ou o crescimento das instâncias religiosas. O trânsito religioso, sob esta perspectiva, passa a ser um dado comum do campo religioso contemporâneo, com o qual os grupos religiosos, de certa forma, passam a contar.

Neste contexto, o desenrolar da parte empírica (estudo de caso) deste trabalho confirmou, a partir do alcance dos objetivos previamente propostos, todo o cenário até então apresentado. A caracterização da igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos mostrou a pertinência da abordagem da economia religiosa, revelando que aquela igreja, enquanto ofertante e na busca por eficiência, possui aspectos semelhantes aos encontrados em grandes empresas: estrutura organizacional sofisticada (departamentalização por clientela associada à gestão por redes), estabelecimento de alianças e fusões com outras instituições religiosas (Igreja da Paz e Batista, respectivamente), definição de estratégias de relacionamento e captação de adeptos aos moldes do marketing de rede (grupos familiares, G12 e Rota 78, todas estratégias de captação e relacionamento da igreja), criação de diferenciais competitivos, a partir da estrutura física (cachoeira na plataforma de pregação na igreja sede, por exemplo), além do uso de tecnologias de comunicação de massa (Internet). Mostrou, ainda, que tal abordagem, como nas empresas, também apresenta problemas: falta de controles sobre o trânsito religioso e número de membros, metas de captação excessivas e dificuldade na formação de lideranças. Tais problemas acabam por provocar, dentre outras consequências, o trânsito de saída da igreja.

Na identificação das instituições religiosas envolvidas no trânsito religioso da igreja em estudo, um dos objetivos do trabalho alcançado pela pesquisa empírica, foi possível verificar o pluralismo religioso expresso pelo grande número de instituições

arroladas no diagrama de fluxo do trânsito religioso de entrada (figura 5). Observou-se mais de 20 instituições envolvidas. Esse número denota o dinamismo do campo religioso, o nível de competição, a fragmentação da oferta sob a metáfora do “supermercado do sagrado” e a evidência de que a religião está mais viva do que nunca. Tal diagrama também confirma o trânsito religioso como uma característica do campo religioso pós-moderno onde a captação junto à concorrência tornou-se corriqueira num contexto em que a competição é a impulsionadora da economia religiosa. Permite, ainda, observar múltiplas passagens por instâncias religiosas, confirmando a necessidade da transição do conceito de conversão weberiano, que implica em ruptura e exclusividade, para uma abordagem que contemple oscilações no nível de pertencimento, ou mesmo o reconhecimento da incidência de múltiplas conversões, sem considerá-las menos legítimas quando comparadas às conversões baseadas no seu conceito clássico.

Quanto aos padrões de migrações, o estudo de caso confirmou a Igreja Católica, enquanto instituição religiosa, como sendo a principal “doadora” de adeptos. No entanto, revelou que, em comparação à Igreja Católica, a maioria das pessoas que transitaram para a igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União, 49% do total, é de origem evangélica. Esta verificação, além de indicar importante trânsito religioso no interior do campo religioso evangélico (pentecostal), demonstra a insuficiência das tipologias de trânsito religioso apresentadas no segundo capítulo para cobrir todo o fenômeno e a necessidade de se desenvolver outras tipologias descritivas, no que tange às origens e destinos, tais como o “trânsito inter-evangélico”, ou ainda, o “trânsito inter-pentecostal”, por exemplo.

Quanto à identificação das motivações para o trânsito religioso, outro objetivo do trabalho, o estudo de caso confirmou que o trânsito religioso é um processo que se dá a partir da combinação de motivos prevalentes, associados tanto a fatores expulsos como a fatores atratores. Os motivos prevalentes e os fatores expulsos provocam a partida do sujeito religioso de sua instituição de origem. Os fatores atratores, por sua vez, definem a direção, ou seja, influenciam a escolha da instituição religiosa de destino.

As indicações dos respondentes foram agrupadas por semelhança em categorias. Isto posto, as categorias de motivos prevalentes (principais) que levaram ao trânsito religioso para a igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União são, pela ordem: 1) Mudança de endereço/Localização da igreja; 2) Motivos

de caráter espiritual; 3) Discordância com ensinamentos, normas e/ou práticas, 4) Não respondeu; 5) Influência de familiares, 6) Outros; 7) Descompromisso próprio com a religião e/ou com Deus; 8) Fusão da Igreja Batista com a Luz Para os Povos; 9) Influência de amigos e 10) Problemas de relacionamento com irmãos e/ou líderes.

As principais categorias de fatores expulsos observados foram, pela ordem: 1) Discordância com ensinamentos, normas e/ou práticas da igreja de origem; 2) Problemas de relacionamento/decepção com irmãos e/ou líderes; 3) Outros e 4) Desmotivação.

No que diz respeito aos fatores atratores, as principais categorias identificadas foram, pela ordem: 1) Qualidade do relacionamento entre as pessoas; 2) Influência de familiares; 3) Influência de amigos; 4) Motivos de caráter espiritual; 5) Fusão da Igreja Batista com a Luz Para os Povos; 6) Localização da igreja, 7) Programações, pregações e serviços da igreja; 8) Organização em células; 9) Outros; 10) Não respondeu. A estes fatores devem ser acrescentadas indicações relacionadas à estrutura, também levantadas na pesquisa com frequentadores: acessibilidade, cadeiras, ar-condicionado, estrutura geral da igreja, iluminação e o fato de possuir berçário.

À luz da hipótese que permeou esta dissertação, constatou-se que houve convergência entre as causas para o trânsito religioso, observados nas pesquisas de outros autores, apresentadas no segundo capítulo, e as levantadas no estudo empírico junto à igreja da Vila União. Em outras palavras, ficou claro que, na maioria dos casos, “as pessoas transitam, pragmaticamente, entre as instituições religiosas na busca de satisfação de necessidades da vida cotidiana”. Mesmo nas categorias de resposta em que parece haver relação apenas com aspectos transcendentais, como é o caso da categoria “Motivos de caráter espiritual”, após análise pormenorizada dos casos, percebe-se que há um processo racional de seleção na escolha do grupo religioso de destino, que envolveu visita a outras instituições religiosas e a tomada de decisão pela igreja da Vila União, influenciada por questões como proximidade de casa, acolhimento por parte de amigos ou parentes etc. A hipótese do presente trabalho, portanto, foi confirmada.

A identificação dos motivos prevalentes, fatores expulsos e fatores atratores, inerentes ao trânsito religioso de entrada na igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União mostra, também, que a razão é um fator primordial na tomada de decisão por parte do sujeito religioso, evidenciando a pertinência da perspectiva da

escolha racional aplicada ao contexto do trânsito religioso. A categoria de motivos prevalentes/principais mais citada (18,5%), a “Mudança de endereço/Localização da igreja” é um exemplo disso. Trata-se de um conjunto de motivos de grande impacto na vida do sujeito religioso. É importante destacar que esta categoria de motivos, também presente enquanto fator atrator (7,5%) e aspecto físico mais citado na pesquisa (52,9%), quase não teve paralelos nas pesquisas apresentadas no segundo capítulo, enriquecendo o campo de estudos sobre o trânsito religioso e suscitando aprofundamentos futuros. A escolha racional também se evidencia na indicação dos quesitos relativos à estrutura física. A existência de um berçário e de acessibilidade somadas, por exemplo, foi determinante para pelo menos 4 pessoas, na escolha da igreja da Vila União enquanto instituição de destino.

Pela análise dos principais motivos para o trânsito, dos fatores expulsos e dos fatores atratores, é possível reconhecer várias características do indivíduo pós-moderno elencadas no primeiro e segundo capítulos. Vivendo num ambiente tecnológico que fomenta um ritmo/velocidade nunca antes experimentado, este sujeito religioso precisa viver e sobreviver à sua rotina diária. Carente de nomia, enquanto ser humano que é, sob o paradigma da imediatez, busca a salvação no presente e não na eternidade. Daí a confirmação da hipótese deste trabalho. Exercendo sua liberdade para plasmar seu próprio sistema de crenças e possuindo uma religiosidade ampla e difusa, característica da matriz religiosa brasileira, permite-se discordar das instituições religiosas, pois estas não são detentoras únicas da verdade. Neste sentido, discordar de ensinamentos, normas e práticas da instituição religiosa trata-se de algo aceitável e até estimulado no meio social, pois reforça a individualidade e enfatiza a liberdade. Daí a “Discordância com ensinamentos, normas e/ou práticas” (46,7%) ser um dos principais fatores expulsos. Este indivíduo pós-moderno, portanto, transita livre e pragmaticamente, tão logo deixe de ter necessidades da vida cotidiana atendidas e seus motivos prevalentes, fatores expulsos e fatores atratores, atinjam um ponto crítico.

A identificação do perfil das pessoas envolvidas, último objetivo alcançado pelo estudo de caso, também espelha características do indivíduo pós-moderno. Verificando o comportamento em relação à igreja, percebe-se que mais da metade das pessoas que transitaram para a Luz Para os Povos da Vila União participa das principais atividades semanais da igreja, a maioria frequenta a igreja há mais de 3 anos e se considera como membro. Este envolvimento pode ser explicado pelo fato

de que, imerso em sua individualidade, o homem pós-moderno experimenta certo isolamento psíquico não eliminado pelos relacionamentos superficiais cotidianos. Busca, portanto, sentido na “participação” e no “pertencimento” à coletividade, oportunizada pela instituição religiosa. Neste contexto, os relacionamentos interpessoais são essenciais, o que explica os “Problemas de relacionamento/decepção com irmãos e/ou líderes” (33,3%), ser um dos principais fatores expulsos identificados.

Para corroborar com esta argumentação, pode-se recorrer à principal categoria de fatores atratores observada na pesquisa, a “Qualidade do relacionamento entre as pessoas” (31,3%). Para justificar a escolha da igreja da Vila União, surgiram os seguintes comentários que compuseram esta categoria: “comunhão com irmãos”, “proximidade das pessoas”, “companheirismo”, “união”, “amor ao próximo”, “amor entre as pessoas”, “amizade”, “ombro amigo”, “necessidade de carinho”, “acolhimento”, “o Bispo é amável”, “recepção das pessoas”, “receptividade no primeiro momento”, “suporte a quem precisa”, etc. Reforça-se a importância dada aos relacionamentos interpessoais, à amizade, ao bom acolhimento e à atenção. Neste sentido, o “sentir-se bem” e a “sensação de prazer” são muito importantes. Enquanto indivíduo, o homem pós-moderno busca participar de uma coletividade que lhe ajude na busca de sentido, porém, não quer ser apenas mais um na multidão, daí a necessidade de “sentir-se” acolhido de forma especial.

A valorização dos aspectos listados, no parágrafo anterior, possivelmente também tem relação com o perfil geral sócio-demográfico das pessoas que transitaram para a igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos de Vila União. Tratam-se de pessoas, na sua maioria, do sexo feminino (62%), casadas (52,3%), maduras (70% entre 25 e 49 anos), com boa escolaridade (80% com ensino médio ou superior), exercendo algum tipo de ocupação ou trabalho (75,4%) que proporciona faixas de renda que lhes permitem fazer frente às necessidades humanas básicas (60% entre 1 e 6 salários mínimos). Daí, apresentarem outro tipo de necessidades, tais como: necessidade de “participação”, “de pertencimento”, de ser “emocionalmente acolhido”.

Diante do exposto, parece evidente que a igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos de Vila União, desenvolveu um *know how* que se manifesta na qualidade dos relacionamentos interpessoais ou, analogamente às práticas de mercado no contexto da economia religiosa, o marketing de relacionamento, que

visa criar e manter sólidos relacionamentos com os clientes, de forma mais customizada possível. Como se trata de igreja no modelo celular, a influência do relacionamento é marcante. Além disso, o estudo de caso também revelou que os principais influenciadores para decisão de escolha do grupo religioso de destino são familiares (47,5%), amigos (29,5%) e membros da igreja (23%), confirmando o peso dos relacionamentos interpessoais. Tais influenciadores também figuram entre os motivos prevalentes e fatores atratores. A igreja pentecostal Luz Para os Povos de Vila União, portanto, atrai pessoas com necessidades diferenciadas (de acolhimento, de pertencimento e apoio emocional) que encontram nas características da igreja uma resposta às suas expectativas.

Essa pesquisa também tem certas limitações. Primeiramente, deve-se reconhecer que o trânsito religioso não foi explorado em toda sua amplitude. Não foram identificados os fluxos de partida do grupo religioso. A identificação do conjunto de variáveis que levam os sujeitos religiosos a saírem da igreja em questão proporcionaria uma análise mais completa do fenômeno. Além disso, o universo pesquisado (uma igreja) e a amostra utilizada para o alcance dos objetivos do presente estudo, não é grande o suficiente para proporcionar generalizações que alcancem todo o campo religioso. O presente trabalho também não considerou, de modo aprofundado, as variáveis de gênero, étnicas e geracionais. Por último, é importante reconhecer que as análises de padrões migratórios deste trabalho usaram como referência os grandes grupos religiosos propostos pelo IBGE, que não espelham a profundidade e a complexidade do campo religioso brasileiro. No entanto, mesmo assim, foi comprovada a hipótese do trabalho e foram alcançados todos os objetivos propostos inicialmente.

Parece adequado, ainda, apontar dois temas tangenciados durante as pesquisas que merecem investigações futuras. O primeiro seria a fidelização, entendida enquanto “exclusividade”, cada vez mais difícil de ser alcançada diante das características atuais do campo religioso contemporâneo e das características do homem pós-moderno. Neste estudo, evitou-se asseverar a existência de “fidelidade” na pesquisa junto aos frequentadores da igreja. Foi considerada apenas a destacada manutenção dos adeptos no decorrer do tempo. O segundo tema seria a investigação mais aprofundada da múltipla pertença religiosa, que não foi possível identificar com precisão diante dos dados levantados, mas que, possivelmente, existe na igreja pentecostal Ministério Luz Para os Povos da Vila União.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo de, MONTERO, Paula. *Trânsito religioso no Brasil*. São Paulo Perspectiva, vol.15, n.3; p. 92-101, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a12v15n3.pdf>>, acesso em: 24 de outubro de 2013.

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *As religiões no Brasil e o censo de 2010: notas em torno do artigo números e narrativas, de Clara Mafra*. Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 93-98, jul-dez, 2013.

ANDRADE, Eliana Santos. *A visão celular no governo dos 12: estratégias de crescimento, participação e conquista de espaços entre os batistas soteropolitanos de 1998 a 2008*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2010.

AVILA. Ávila [nome fictício]: depoimento [04/01/16]. Entrevistador: Welton Lourenço Calháo de Jesus. Goiânia. Transcrição, arquivo físico. Entrevista concedida a mestrando em Ciências da Religião do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO).

BARTZ, Alessandro. *Múltiplas pertencas, desinstitucionalização e desregulação da crença: refletindo a modernidade religiosa no Brasil*. Protestantismo em Revista. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Faculdade EST, São Leopoldo, RS, v. 25, maio-ago, 2011, p. 8-18. Disponível em: <www.est.br/periodicos/index.php/nepp>. Acesso em: 24/10/2014.

_____. *Trânsito religioso no Brasil: mudanças e tendências contemporâneas*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST. Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. Pg. 258 – 273. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/27>>. Acesso em: 24.10.2013.

BAUM, Gregory. *A Modernidade em discussão*. Trad. Gentil Avelino Titton. Revista Concilium – Teologia Fundamental. Faculdade de Teologia Petrópolis – RJ, n. 244, p. 788-796, 1992.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós- modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Luiz Roberto Benedetti (org.). Trad. José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. *A dessecularização do mundo: uma visão global*. Religião e Sociedade, v. 21, n. 1, p. 9 – 24, 2001

BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003.

BITUN, Ricardo. *Nomadismo religioso: trânsito religioso em questão*. Dossiê: Pentecostalismo no Brasil – Artigo Original. Rev. Horizonte – PUC Minas, Horizonte: Belo Horizonte, vol. 9, n. 22; p. 493 - 503, jul./set, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/2344>>, acesso em 20 de outubro de 2013.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRAGANÇA, Wagno Alves. *Trânsito religioso e busca de sentido: um estudo da subjetividade religiosa contemporânea*. Dissertação (Mestrado em Educação Cultura e Organizações Sociais) – Programa de Pós Graduação Educação cultura e Organizações Sociais, Universidade do Estado de Minas Gerais, Fundação Educacional Divinópolis, Divinópolis, 2009.

BRASIL. IBGE. Portal Eletrônico. Brasília, 2010. *Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf>, acesso em 05/06/2015.

_____. IBGE. Portal Eletrônico. Brasília, 2010. *Sinopse do censo demográfico 2010: Goiás*. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=52&dados=26>>, acesso em 20/01/2016.

_____. IBGE. Portal Eletrônico. Brasília, 2010. *População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio e os grupos de idade – Goiás – 2010*. <www.imb.go.gov.br/pub/censo2010/tab3_26_3_2.xls>, acesso em 20/01/2016.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira: católicos e evangélicos entre 1940 e 2007*. Revista de Estudos da Religião. São Paulo, dezembro, 2008, p. 9-47.

CAMPANA, Roxana Elizabeth Adum. *O trânsito Religioso dos jovens de Itaberaí*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2002.

CARVALHO, Guilherme Burjak de. *Vencedores e vendedores: o uso do marketing multinível como estratégia de expansão de uma igreja neopentecostal goiana*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Católica, Goiânia, 2014.

CERTO, Samuel C. *Supervisão: conceitos e capacitação*. São Paulo: McGraw Hil, 2010.

CERVEIRA, Sandro Amadeu. *Protestantismo tupiniquim, modernidade e democracia: limites e tensões da(s) identidade(s) evangélica(s) no Brasil contemporâneo*. Revista de Estudos da Religião. São Paulo, março, 2008, p. 27-53.

CISCON-EVANGELISTA, Mariane Ranzani; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. *Trânsito religioso e construções identitárias: mobilidade social de evangélicos neopentecostais*. Psico-USF, Bragança Paulista, v. 16, n. 2, p. 193-202, mai./ago, 2011.

CHIAVENATO, Idalberto. *Introdução à teoria geral da administração*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

COSTA, Emerson Roberto. *O trânsito religioso e a recomposição das formas religiosas na igreja evangélica Assembléia de Deus, Ministério São Bernardo do Campo*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011.

COSTA, Hulda Silva Cedro da. *Umbanda, uma religião sincrética e brasileira*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica, Goiânia, 2013.

COELHO, Lázara Divina. *Trânsito religioso: uma revisão exploratória do fenômeno brasileiro*. Vox Faifae: Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama Vol. 1, nº 1, 2009. Disponível em: <<http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfaifae/article/view/6>>, acesso em: 25 de outubro de 2013.

COX, Harvey. *Cidade do homem. A secularização e a urbanização na perspectiva teológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

DUPUIS, Jacques. *O cristianismo e as religiões: do desencontro ao encontro*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

EINSTEIN, Mara. *Religião, Mídia e Marketing*. In: LEMOS, Carolina Teles et. al. (orgs.). *A religião na mídia e a mídia na religião*. Goiânia: América, 2012, p. 13–31.

FARIAS, José de [nome fictício]. José de Farias: depoimento [15/01/16]. Entrevistador: Welton Lourenço Calháo de Jesus. Goiânia. Arquivo eletrônico (27 min), digital. Entrevista concedida a mestrando em Ciências da Religião do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO).

FERNANDES, Sílvia Regina Alves; PITTA, Marcelo. *Mapeando as rotas do trânsito religioso no Brasil*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 26, p. 120-152, jul./dez. 2006.

FERREIRA, Gilmar Martins. Gilmar Martins Ferreira: depoimento [21/11/15]. Entrevistador: Welton Lourenço Calháo de Jesus. Goiânia. Arquivo eletrônico (27 min), digital. Entrevista concedida a mestrando em Ciências da Religião do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO).

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Repensando o sincretismo: estudo sobre a Casa da Minas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

_____. *Multiculturalismo e sincretismo*. In: Moreira, A.S. & Oliveira, I. D. (orgs.). *O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 37-50.

FINKE, Roger; STARK, Rodney. *Dynamics of religious economies*. In: DILLON, M. (Org.). *Handbook the Sociology of Religion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

FREITAS, Hugo Gonçalves. *A (in)fidelidade religiosa: uma análise do trânsito religioso entre os metodistas na cidade de Volta Redonda* – RJ. DISCERNINDO – Revista Teológica Discente da Metodista. São Paulo, v. 1, n. 1, jan-dez, 2013, p. 117-124.

FREITAS, Hugo Gonçalves de; SOUZA, Sandra Duarte de. *Gênero e religião: o trânsito religioso de homens e mulheres metodistas na cidade de volta redonda, RJ*. Artigo. Rev. Mandrágora – Universidade Metodista de São Paulo: SP, vol. 19, n. 19, p. 45 – 61, 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/viewFile/4462/3798>>, acesso em: 10/03/2015.

GRUBER, Lucianne Secco. *Liderança – habilidades e características do líder numa organização bancária: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Curitiba, 2001.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. *Princípios do Marketing*. 7 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

LECHNER, Frank J. *Rational choice and religious economies*. In: DILLON, M. (Org.). *Handbook of the Sociology of Religion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 81-97.

LEMOS, Carolina Teles. *Para compreender Max Weber*. Goiânia: Deescubra, 2007.

_____. *Religião e tecitura da vida cotidiana*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012.

LUIZ, Ronaldo Robson. *Neopentecostalismo e concorrência mercadológica*. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

MARIZ, Cecília L. *O que precisamos saber sobre o censo para poder falar sobre seus resultados? Um desafio para novos projetos de pesquisa*. Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 39-58, jul-dez, 2013.

MOREIRA, Alberto da Silva. *Empresas e Salvação e Capitalismo do Imaginário como Desafio à Sociologia da Religião*. Caminhos, Goiânia, v. 6, n. 1, 2008, p. 127-158.

_____. *O futuro da religião no mundo globalizado: painel de um debate*. In: Moreira, A.S. & Oliveira, I. D. (orgs.). *O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 17-35.

OLIVEIRA, Hélio Alves de. Sintomas da falta de sentido na religiosidade contemporânea. *Revista Davar Polissêmica*, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, 2012, p. 3 – 17.

OLIVEIRA, Lívio Luiz Soares de; CORTES, Renan Xavier; BALBINOTTO NETO, Giácomo. *A economia da religião e seus fundamentos: teste de um modelo de escolha religiosa*. Estudos Econômicos, São Paulo, v. 11, n. 4, out-dez, 2011.

PRANDI, Reginaldo. *Globalização e Religião*. In: Oro, Ari Pedro e STEL, Carlos Alberto (Org.) *A Religião no Planeta Global*. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Reencantamento e dessecularização - a propósito do auto-engano em sociologia da religião*. *Novos Estudos Cebrap*, n. 49, p. 99-117, nov. 1997.

RANQUETAT Jr., César A. *Laicidade, laicismo e secularização: definindo e esclarecendo conceitos*. *Revista Sociais e Humanas*, Santa Maria, v. 21, n. 1, 2008.

REIS, Daniela Amaral dos. *A separação Igreja-Estado na doutrina sobre a tolerância de John Locke*. *Kinesis*, Marília, v. IV, n. 8; p. 97-115, dezembro, 2012.

ROSA, Rosa [nome fictício]: depoimento [04/01/16]. Entrevistador: Welton Lourenço Calháo de Jesus. Goiânia. Transcrição, arquivo físico. Entrevista concedida a mestrando em Ciências da Religião do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO).

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Editora José Olympio, 1974.

SCHIAVO, Luigi. *Síntese e perspectivas*. In: Moreira, A. S. & Oliveira, I. D. (orgs). *O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 171-178.

SILVA, Gildati Guedes da Silva; SANTOS, Maria do Carmo dos. *Religião, fundamentalismo e dinâmicas sócio-culturais na história: subsídios para a educação religiosa*. Artigo. *Revista Labirinto – Fundação Universidade Federal de Rondônia – Ed. EDUFRO*, ano X, nº 14, dezembro, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/viewFile/932/914>>, acesso em: 09 de janeiro de 2014.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 297-300.

SOUZA, Sandra Duarte de. *Trânsito religioso e construções simbólicas temporárias: uma bricolagem contínua*. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 1; p. 157-167; jan/jun, 2001.

_____. *Transito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade*. Artigo. *Rev. Horizonte – PUC Minas*, Horizonte: Belo Horizonte, vol. 5, n. 9; p. 21-29, dez, 2006. Disponível em: <http://www.pucminas.br/imagedb/documento /DOC_DSC_NOME_ARQUI20070515105603.pdf>, acesso em: 20 de outubro de 2013.

STEIL, Carlos Alberto. *Pluralismo, modernidade e tradição: transformações do campo religioso*. Artigo. Rev. Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião – UFRS, Porto Alegre, año 3, n. 3, p. 115 – 129, oct. 2001.

_____. *Oferta simbólica e mercado religioso na sociedade global*. In: Moreira, A. S. & Oliveira, I. D. (orgs). *O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 7-16.

SILVEIRA, Sinomar Fernandes. *Uma vida de milagres*. Goiânia: Kelps, 2010.

SILVEIRA, Sinomar Fernandes. Sinomar Fernandes Silveira: depoimento [16/01/16]. Entrevistador: Welton Lourenço Calháo de Jesus. Goiânia. Arquivo eletrônico (27 min), digital. Entrevista concedida a mestrando em Ciências da Religião do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO).

_____. *Ministrando com excelência a palavra de Deus*. Goiânia, Kelps, 2011.

ZIGLAR, Zig; HAYES, John P. *Marketing de redes de distribuição para Dummies*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

WEBER, MAX. *Ensaios de sociologia*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia das religiões*. Trad. Lineimar Pereira Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

ZILLES, Urbano. *A crítica da religião na modernidade*. Interações – Cultura e Comunidade, v. 3, n. 4, p. 37-54, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE I – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), do Projeto de Pesquisa sob o título “Trânsito religioso no Ministério Luz Para os Povos: um estudo de caso no campo religioso pentecostal”. Meu nome é Welton Lourenço Calháo de Jesus e sou o pesquisador responsável, mestrando em Ciências da Religião pela PUC/GO. Após receber os esclarecimentos e as informações sobre a pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, responda às perguntas desta entrevista. Agradeço antecipadamente pela colaboração.

- 1 – Qual é seu cargo ou função no Ministério Luz Para os Povos?
- 2 – Relate como começou o Ministério Luz Para os Povos:
- 3 – Relate como começou o Ministério Luz Para os Povos de Vila União:
- 4 – Atualmente, quantas igrejas compõem o Ministério Luz Para os Povos?
- 5 – Atualmente, qual é o número de membros do Ministério Luz Para os Povos?
- 6 – Atualmente, qual é o número de membros do Ministério Luz Para os Povos de Vila União?
- 7 – Existem levantamentos sobre o número de pessoas que se transferem de outras religiões, cultos ou igrejas para o Ministério Luz Para os Povos de Vila União?
- 8 – Quais são os principais motivos que levam as pessoas a abandonarem outras religiões, cultos ou igrejas?
- 9 – Que outros fatores contribuem para o afastamento das pessoas das outras religiões, cultos ou igrejas?
- 10 – Quais são os fatores que atraem as pessoas que vêm de outras religiões, cultos ou igrejas para o Ministério Luz Para os Povos?
- 11 – O Ministério Luz Para os Povos de Vila União implementa, intencionalmente, estratégias e ações para atrair pessoas que abandonam outras religiões, cultos ou igrejas? Quais?
- 12 – Existem levantamentos sobre o número de pessoas que se transferem do Ministério Luz Para os Povos de Vila União para outras religiões, cultos ou igrejas?
- 13 – Quais são os principais motivos que levam algumas pessoas a abandonarem o Ministério Luz Para os Povos?
- 14 – Que outros fatores contribuem para o afastamento de algumas pessoas do Ministério Luz Para os Povos?

- 15 – O Ministério Luz Para os Povos implementa, intencionalmente, estratégias e ações para evitar o afastamento e abandono da igreja? Quais?
- 16 – O Ministério Luz Para os Povos implementa, intencionalmente, estratégias e ações para trazer de volta pessoas que se afastaram e abandonaram a igreja? Quais?
- 17 – Na sua opinião, qual a importância da estrutura física (cadeiras confortáveis, ar-condicionado, sonorização, iluminação, acessibilidade, localização da igreja etc) para a atração e manutenção das pessoas ao Ministério Luz Para os Povos?
- 18 – Na sua opinião, qual a importância do uso das diversas mídias (rádio, televisão, redes sociais etc.) para a atração e manutenção das pessoas no Ministério Luz Para os Povos?
- 19 – Na sua opinião, qual a importância das campanhas para atração e manutenção das pessoas no Ministério Luz Para os Povos?
- 20 – Existe uma estimativa do número de pessoas que frequentam, simultaneamente, o Ministério Luz Para os Povos de Vila União e outras religiões, cultos ou igrejas? Qual sua opinião sobre esta situação?

APÊNDICE II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (LIDERANÇAS)

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), do Projeto de Pesquisa sob o título “Trânsito religioso no Ministério Luz Para os Povos: um estudo de caso no campo religioso pentecostal”. Meu nome é Welton Lourenço Calháo de Jesus, sou o pesquisador responsável, mestrando em Ciências da Religião. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do pesquisador responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Welton Lourenço Calháo de Jesus, ou com o orientador da pesquisa, Prof^o. Dr. Alberto da Silva Moreira, nos telefones (62) 9980-5850 / (62) 8481-7015, ou através dos e-mails jesuswelton@gmail.com ou alberto-moreira@uol.com.br. Em caso de dúvida **sobre a ética aplicada a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, telefone (62) 3946-1512, localizado na Avenida Universitária, nº 1069, Setor Universitário, Goiânia – Goiás.

Você está recebendo esclarecimentos sobre esta pesquisa neste momento, aqui no Ministério Luz Para os Povos de Vila União, em horário pré-agendado por você, por considerar-se que este local e este momento reúnem condições favoráveis para que todos aspectos pertinentes ao estudo sejam apresentados a fim de que sua decisão de aceitar fazer parte do estudo, ou não, seja tomada de forma adequada.

Estudar o trânsito religioso é importante porque, nas últimas décadas, pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE indicam a redução do número de católicos e o aumento do número de evangélicos no Brasil. Outros estudos indicam que há, também, transferência de pessoas entre as igrejas evangélicas (protestantes, históricas e pentecostais). Esta mudança de religião, culto ou igreja, é chamada de trânsito religioso. Pelo fato de existirem diversas correntes explicativas para este trânsito e por não existirem estudos sobre este assunto no Ministério Luz Para os Povos, é que se justifica a realização desta pesquisa.

O objetivo geral desta pesquisa é identificar os principais motivos para o trânsito religioso das pessoas, usando como referência o Ministério Luz Para os Povos da Vila União. Pretende-se, também, identificar as religiões, cultos e igrejas envolvidas no trânsito religioso; conhecer o perfil das pessoas que realizaram o trânsito; investigar outros fatores que afastaram as pessoas de suas religiões, cultos e igrejas anteriores, bem como conhecer os fatores que as atraíram para o Ministério Luz Para os Povos de Vila União.

Estando de acordo em ser entrevistado (a), com base no roteiro de entrevista também entregue em suas mãos neste momento, e, tendo compreendido as explicações sobre a pesquisa, basta que devolva para o pesquisador uma das vias do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, devidamente assinado e rubricado em todas as páginas. Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa ou sobre o TCLE, você poderá esclarecê-la pessoalmente ou entrar em contato com o pesquisador pelos meios informados anteriormente, a qualquer momento.

A referida entrevista trata de questões relacionadas às práticas religiosas e informações sobre o Ministério Luz Para os Povos. Necessitará de aproximadamente 20 minutos para ser realizada.

A pesquisa apresenta riscos mínimos aos (às) entrevistados (as). Estes riscos se referem ao eventual constrangimento em responder alguma das questões apresentadas. Para minimizar tais riscos, você poderá deixar de responder, parcial ou integralmente, às perguntas apresentadas, sem sofrer qualquer prejuízo ou penalização. Você só participará da pesquisa caso esteja de acordo com a mesma após a assinatura deste TCLE. Você poderá retirar seu consentimento para participação em qualquer fase da pesquisa, sem sofrer quaisquer constrangimentos ou penalizações.

Quaisquer prejuízos que venham a decorrer da pesquisa serão, devidamente, ressarcidos pelo pesquisador. Caso exista algum dano eventual, resultante de sua participação na pesquisa, o pesquisador garante sua indenização.

O principal benefício decorrente da pesquisa será a possibilidade dos participantes do estudo, bem como dos demais frequentadores do Ministério Luz Para os Povos de Vila União, conhecerem melhor as características e o perfil do grupo religioso ao qual pertencem, já que os resultados gerais serão disponibilizados à igreja, não havendo a identificação dos voluntários que participaram da pesquisa. Para a sociedade de modo geral e para a comunidade acadêmica, o benefício decorrente está ligado à divulgação de informações estruturadas sobre as características de um grupo religioso pouco pesquisado, porém significativo no Centro-Oeste e pertencente a um campo religioso dinâmico e relevante.

Está assegurada a você a assistência integral e gratuita por dano direto ou indireto, imediato ou tardio, decorrente do estudo. Mesmo após o término do estudo, o pesquisador estará à disposição, pelos contatos apresentados anteriormente, para a eliminação de quaisquer dúvidas e assistência para questões relacionadas à pesquisa.

A identidade de cada participante da pesquisa será tratada com padrões profissionais de sigilo, ou seja, nomes e opiniões serão confidenciais. Os resultados gerais serão disponibilizados à igreja, não havendo a identificação dos voluntários que participarão da pesquisa. Fora isso, a divulgação dos resultados da pesquisa se dará apenas em eventos ou publicações científicas, também não havendo a identificação dos voluntários que participarem da pesquisa, sendo assegurado o sigilo sobre cada participação.

A participação neste estudo não acarretará nenhum custo ao participante e não lhe será oferecida nenhuma vantagem financeira.

Eu _____, R.G. _____, abaixo assinado, discuti com Welton Lourenço Calháo de Jesus sobre minha decisão em participar neste estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas e que há garantias de assistência integral e gratuita por dano direto ou indireto, imediato ou tardio, decorrente do estudo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de quaisquer benefícios adquiridos, ou no atendimento neste serviço.

Goiânia, _____ de _____ de 2015.

Assinatura do participante

Assinatura do responsável pelo estudo

APÊNDICE III – QUESTIONÁRIO PARA FREQUENTADORES

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), do Projeto de Pesquisa sob o título “Trânsito religioso no Ministério Luz Para os Povos: um estudo de caso no campo religioso pentecostal”. Meu nome é Welton Lourenço Calháo de Jesus e sou o pesquisador responsável, mestrando em Ciências da Religião pela PUC/GO. Após receber os esclarecimentos e as informações sobre a pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, responda ao questionário a seguir. Você poderá levá-lo para casa e traze-lo respondido para ser devolvido no próximo domingo, antes do culto, momento em que estarei novamente aqui para recebê-lo. Agradeço antecipadamente pela colaboração.

1. Qual seu sexo?

- Masculino Feminino

2. Qual sua idade?

- até 18 anos de 50 a 59 anos
 de 19 a 24 anos de 60 a 64 anos
 de 25 a 30 anos de 65 a 69 anos
 de 30 a 49 anos 70 anos ou mais

3. Qual seu estado civil?

- casado(a) solteiro(a)
 amasiado(a) viúvo(a)
 divorciado(a) outros

4. Onde você nasceu? _____

5. Qual sua cor ou raça?

- branco(a) pardo(a)
 negro(a) outra: _____

6. Quanto à sua ocupação ou trabalho, pode-se dizer que:

- exerce atividades informais (sem contrato de trabalho ou carteira de trabalho) é empresário (a)
 exerce atividades formais (com contrato de trabalho ou carteira de trabalho) é aposentado (a) ou pensionista
 é trabalhador(a) autônomo(a)
 é profissional liberal
 não exerce atividades remuneradas
 está desempregado (a)

7. Qual sua faixa de rendimentos mensais?

- não tenho rendimentos mais de 3 até 6 salários mínimos
 até 1 salário mínimo mais de 6 até 10 salários mínimos
 mais de 1 até 3 salários mínimos mais de 10 salários mínimos

8. Qual sua escolaridade? Marque a alternativa que indique até onde você estudou, mesmo que não tenha concluído ou terminado:

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Não frequentei escolas regulares | <input type="checkbox"/> Ensino Médio |
| <input type="checkbox"/> Curso de alfabetização de adultos | <input type="checkbox"/> Educação Superior |
| <input type="checkbox"/> Supletivo do 1º Grau | (incluindo Mestrado e Doutorado) |
| <input type="checkbox"/> Supletivo do 2º Grau | <input type="checkbox"/> Outra: _____ |
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental | |

9. Há quanto tempo você participa do Ministério Luz Para os Povos de Vila União?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> menos de 6 meses | <input type="checkbox"/> acima de 2 anos a 3 anos |
| <input type="checkbox"/> de 6 meses a 1 ano | <input type="checkbox"/> de 3 anos a 10 anos |
| <input type="checkbox"/> acima de 1 ano a 2 anos | <input type="checkbox"/> acima de 10 anos |

10. Você se considera como membro desta igreja?

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
|------------------------------|------------------------------|

11. Com que frequência ou assiduidade você frequenta os cultos, reuniões e/ou atividades desta igreja?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> 1 vez por semana | <input type="checkbox"/> 2 vezes por mês |
| <input type="checkbox"/> mais de uma vez por semana | <input type="checkbox"/> Outras: _____ |
| <input type="checkbox"/> 1 vez por mês | |

12. Já frequentou outras religiões, cultos ou igrejas antes do Ministério Luz Para os Povos de Vila União?

- Não
- Sim. Quais? (Por favor, informe-as em ordem de tempo, da mais antiga para a mais recente)

13. Qual o principal motivo para ter se afastado de sua última religião, culto ou igreja?

14. Além deste motivo, existem outros fatores que o (a) deixaram insatisfeito (a) e/ou que contribuíram para afastar você de sua última religião, culto ou igreja?

- Não
- Sim. Qual (is)? _____

15. O que o (a) atraiu para o Ministério Luz Para os Povos de Vila União?

16. Antes de se decidir pelo Ministério Luz Para os Povos e Vila União, você visitou outras religiões, cultos ou igrejas?

Não

Sim. O que o (a) levou a se decidir pelo Ministério Luz Para os Povos de Vila União?

17. Você continua frequentando outras religiões, cultos ou igrejas?

Não

Sim. Quais e com qual frequência? _____

18. Alguma pessoa o(a) influenciou para vir para o Ministério Luz Para os Povos de Vila União?

Não

Sim. Quem? _____

19. A estrutura física (cadeiras confortáveis, ar-condicionado, sonorização, iluminação, acessibilidade, localização da igreja etc) influenciou sua decisão de escolher e se manter no Ministério Luz Para os Povos de Vila União?

Não

Sim. Qual (is) aspecto (s) da estrutura física tem (êm) mais influencia? _____

APÊNDICE IV – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (FREQUENTADORES)

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), do Projeto de Pesquisa sob o título “Trânsito religioso no Ministério Luz Para os Povos: um estudo de caso no campo religioso pentecostal”. Meu nome é Welton Lourenço Calháo de Jesus, sou o pesquisador responsável, mestrando em Ciências da Religião. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do pesquisador responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Welton Lourenço Calháo de Jesus, ou com o orientador da pesquisa, Prof^o. Dr. Alberto da Silva Moreira, nos telefones (62) 9980-5850 / (62) 8481-7015, ou através dos e-mails jesuswelton@gmail.com ou alberto-moreira@uol.com.br. Em caso de dúvida **sobre a ética aplicada a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, telefone (62) 3946-1512, localizado na Avenida Universitária, nº 1069, Setor Universitário, Goiânia – Goiás.

Você está recebendo esclarecimentos sobre esta pesquisa neste momento, aqui no Ministério Luz Para os Povos de Vila União, antes do início do culto desta noite, por considerar-se que este local e este momento reúnem condições favoráveis para que todos aspectos pertinentes ao estudo sejam apresentados a fim de que sua decisão de aceitar fazer parte do estudo, ou não, seja tomada de forma adequada.

Estudar o trânsito religioso é importante porque, nas últimas décadas, pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE indicam a redução do número de católicos e o aumento do número de evangélicos no Brasil. Outros estudos indicam que há, também, transferência de pessoas entre as igrejas evangélicas (protestantes, históricas e pentecostais). Esta mudança de religião, culto ou igreja, é chamada de trânsito religioso. Pelo fato de existirem diversas correntes explicativas para este trânsito e por não existirem estudos sobre este assunto no Ministério Luz Para os Povos, é que se justifica a realização desta pesquisa.

O objetivo geral desta pesquisa é identificar os principais motivos para o trânsito religioso das pessoas, usando como referência o Ministério Luz Para os Povos da Vila União. Pretende-se, também, identificar as religiões, cultos e igrejas envolvidas no trânsito religioso; conhecer o perfil das pessoas que realizaram o trânsito; investigar outros fatores que afastaram as pessoas de suas religiões, cultos e igrejas anteriores, bem como conhecer os fatores que as atraíram para o Ministério Luz Para os Povos de Vila União.

Para o preenchimento do questionário, ora entregue em suas mãos, você deve, após receber as informações sobre a pesquisa transmitidas pelo pesquisador, assinar o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, anexo ao questionário. Para tanto, você poderá levá-los para casa e, estando de acordo e tendo compreendido as explicações sobre a pesquisa, poderá responder ao questionário, devolvendo-o para o pesquisador no próximo culto do Ministério Luz Para os Povos de Vila União, juntamente com uma das vias do TCLE, devidamente assinado e rubricado em todas as páginas. Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa ou sobre o TCLE, você poderá entrar em contato com o pesquisador pelos meios informados anteriormente.

O referido questionário trata de questões relacionadas a práticas religiosas e necessitará de aproximadamente 15 minutos para ser respondido.

A pesquisa apresenta riscos mínimos àqueles que responderão os questionários. Estes riscos se referem ao eventual constrangimento em responder alguma das questões presentes no questionário. Para minimizar tais riscos, você poderá deixar de responder, parcial ou integralmente, o questionário, sem sofrer qualquer prejuízo ou penalização. O consentimento para participação poderá ser retirado em qualquer fase da pesquisa, sem que haja quaisquer constrangimentos ou penalizações.

Quaisquer gastos ou prejuízos que venham a decorrer da pesquisa serão, devidamente, ressarcidos pelo pesquisador. Caso exista algum dano eventual, resultante da participação na pesquisa, o pesquisador garante sua indenização.

O principal benefício decorrente da pesquisa será a possibilidade dos participantes do estudo, bem como dos demais frequentadores do Ministério Luz Para os Povos de Vila União, conhecerem melhor as características e o perfil do grupo religioso ao qual pertencem, já que os resultados gerais serão disponibilizados à igreja, não havendo a identificação dos voluntários que participaram da pesquisa. Para a sociedade de modo geral e para a comunidade acadêmica, o benefício decorrente está ligado à divulgação de informações estruturadas sobre as características de um grupo religioso pouco pesquisado, porém significativo no Centro-Oeste e pertencente a um campo religioso dinâmico e relevante.

Está assegurada às pessoas que participarem da pesquisa a assistência integral e gratuita por dano direto ou indireto, imediato ou tardio, decorrente do estudo. Mesmo após o término do estudo, o pesquisador estará à disposição, pelos contatos apresentados anteriormente, para a eliminação de quaisquer dúvidas e assistência para questões relacionadas à pesquisa. A identidade de cada participante da pesquisa será tratada com padrões profissionais de sigilo, ou seja, nomes e opiniões serão confidenciais. Os resultados gerais serão disponibilizados à igreja, não havendo a identificação dos voluntários que participarão da pesquisa. Nem mesmo os líderes do Ministério Luz Para os Povos de Vila União terão acesso à identificação das pessoas que, voluntariamente, responderão ao questionário. Fora isso, a divulgação dos resultados da pesquisa se dará apenas em eventos ou publicações científicas, também não havendo a identificação dos voluntários que participarem da pesquisa, sendo assegurado o sigilo sobre cada participação. A participação neste estudo não acarretará nenhum custo ao participante e não lhe será oferecida nenhuma vantagem financeira.

Eu _____, R.G. _____, abaixo assinado, discuti com Welton Lourenço Calháo de Jesus sobre minha decisão em participar neste estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas e que há garantias de assistência integral e gratuita por dano direto ou indireto, imediato ou tardio, decorrente do estudo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de quaisquer benefícios adquiridos, ou no atendimento neste serviço.

Goiânia, _____ de _____ de 2015

Assinatura do participante

Assinatura do responsável pelo estudo

APÊNDICE V – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RESPONSÁVEIS LEGAIS)

O (a) menor, pelo (a) qual você é responsável, está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), do Projeto de Pesquisa sob o título “Trânsito religioso no Ministério Luz Para os Povos: um estudo de caso no campo religioso pentecostal”. Meu nome é Welton Lourenço Calháo de Jesus, sou o pesquisador responsável, mestrando em Ciências da Religião. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de autorizar que o (a) menor faça parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do pesquisador responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins. Em caso de recusa, nem você, nem o (a) menor serão penalizados (as) de forma alguma. Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Welton Lourenço Calháo de Jesus, ou com o orientador da pesquisa, Prof^o. Dr. Alberto da Silva Moreira, nos telefones (62) 9980-5850 / (62) 8481-7015, ou através dos e-mails jesuswelton@gmail.com ou alberto-moreira@uol.com.br. Em caso de dúvida **sobre a ética aplicada a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, telefone (62) 3946-1512, localizado na Avenida Universitária, nº 1069, Setor Universitário, Goiânia – Goiás.

O (a) menor recebeu esclarecimentos sobre esta pesquisa no Ministério Luz Para os Povos de Vila União, antes do início do culto, por considerar-se que este local e este momento reuniram condições favoráveis para que todos aspectos pertinentes ao estudo fossem apresentados a fim de que a decisão de aceitar fazer parte do estudo, ou não, fosse tomada de forma adequada.

Estudar o trânsito religioso é importante porque, nas últimas décadas, pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE indicam a redução do número de católicos e o aumento do número de evangélicos no Brasil. Outros estudos indicam que há, também, transferência de pessoas entre as igrejas evangélicas (protestantes, históricas e pentecostais). Esta mudança de religião, culto ou igreja, é chamada de trânsito religioso. Pelo fato de existirem diversas correntes explicativas para este trânsito e por não existirem estudos sobre este assunto no Ministério Luz Para os Povos, é que se justifica a realização desta pesquisa.

O objetivo geral desta pesquisa é identificar os principais motivos para o trânsito religioso das pessoas, usando como referência o Ministério Luz Para os Povos da Vila União. Pretende-se, também, identificar as religiões, cultos e igrejas envolvidas no trânsito religioso; conhecer o perfil das pessoas que realizaram o trânsito; investigar outros fatores que afastaram as pessoas de suas religiões, cultos e igrejas anteriores, bem como conhecer os fatores que as atraíram para o Ministério Luz Para os Povos de Vila União.

Foi entregue, nas mãos do (a) menor pelo (a) qual você é responsável, um questionário, juntamente com um “Termo de Assentimento” e o presente documento, um “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE”. Ele (a) foi orientado (a) a levá-los para casa para apresentá-los a você. O (a) menor recebeu informações sobre a pesquisa fornecidas pelo pesquisador e, caso concorde em participar da pesquisa, deve assinar o Termo de Assentimento e preencher o questionário após sua concordância, que é o responsável legal por ele (a). Tal concordância deve ser expressa por sua assinatura no presente TCLE. Uma via do termo de assentimento, e uma via do TCLE, devidamente assinadas pelo (a) menor e por você, respectivamente, devem ser devolvidos ao pesquisador no próximo culto o Ministério Luz Para os Povos, juntamente com o questionário respondido. Caso você tenha alguma dúvida sobre a pesquisa ou sobre o TCLE, você poderá entrar em contato com o pesquisador pelos meios informados anteriormente.

O referido questionário trata de questões relacionadas a práticas religiosas e necessitará de aproximadamente 15 minutos para ser respondido.

A pesquisa apresenta riscos mínimos àqueles que responderão os questionários. Estes riscos se referem ao eventual constrangimento em responder alguma das questões presentes no questionário. Para minimizar tais riscos, o (a) menor pelo (a) qual você é responsável poderá deixar de responder, parcial ou integralmente, o questionário, sem sofrer qualquer prejuízo ou penalização. O consentimento para participação poderá ser retirado em qualquer fase da pesquisa, sem que haja quaisquer constrangimentos ou penalizações.

Quaisquer gastos ou prejuízos que venham a decorrer da pesquisa serão, devidamente, ressarcidos pelo pesquisador. Caso exista algum dano eventual, resultante da participação na pesquisa, o pesquisador garante sua indenização.

O principal benefício decorrente da pesquisa será a possibilidade dos participantes do estudo, bem como dos demais frequentadores do Ministério Luz Para os Povos de Vila União, conhecerem melhor as características e o perfil do grupo religioso ao qual pertencem, já que os resultados gerais serão disponibilizados à igreja, não havendo a identificação dos voluntários que participaram da pesquisa. Para a sociedade de modo geral e para a comunidade acadêmica, o benefício decorrente está ligado à divulgação de informações estruturadas sobre as características de um grupo religioso pouco pesquisado, porém significativo no Centro-Oeste e pertencente a um campo religioso dinâmico e relevante.

Está assegurada às pessoas que participarem da pesquisa a assistência integral e gratuita por dano direto ou indireto, imediato ou tardio, decorrente do estudo. Mesmo após o término do estudo, o pesquisador estará à disposição, pelos contatos apresentados anteriormente, para a eliminação de quaisquer dúvidas e assistência para questões relacionadas à pesquisa.

A identidade de cada participante da pesquisa será tratada com padrões profissionais de sigilo, ou seja, nomes e opiniões serão confidenciais. Os resultados gerais serão disponibilizados à igreja, não havendo a identificação dos voluntários que participarão da pesquisa. Nem mesmo os líderes do Ministério Luz Para os Povos de Vila União terão acesso à identificação das pessoas que, voluntariamente, responderão ao questionário. Fora isso, a divulgação dos resultados da pesquisa se dará apenas em eventos ou publicações científicas, também não havendo a identificação dos voluntários que participarem da pesquisa, sendo assegurado o sigilo sobre cada participação.

A participação neste estudo não acarretará nenhum custo ao participante e não lhe será oferecida nenhuma vantagem financeira.

Eu _____, R.G. _____, responsável legal pelo (a) menor _____, recebi as informações fornecidas por Welton Lourenço Calháo de Jesus acerca da pesquisa. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a participação é isenta de despesas e que há garantias de assistência integral e gratuita por dano direto ou indireto, imediato ou tardio, decorrente do estudo. Concordo voluntariamente que o (a) menor pelo (a) qual sou responsável, participe deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de quaisquer benefícios adquiridos, ou no atendimento do (a) menor neste serviço.

Goiânia, _____ de _____ de 2015.

Assinatura de responsável
legal pelo (a) menor

Assinatura do responsável pelo estudo

APÊNDICE VI – TERMO DE ASSENTIMENTO RESPONDENTES MENORES

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Trânsito religioso no Ministério Luz Para os Povos: um estudo de caso no campo religioso pentecostal”. Neste estudo pretendemos identificar os principais motivos que levam uma pessoa a sair de uma religião, culto ou igreja, usando como referência o Ministério Luz Para os Povos da Vila União.

Estudar esse assunto é importante porque, nas últimas décadas, pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE têm indicado a redução do número de católicos e o aumento do número de evangélicos do Brasil. Outros estudos indicam que há, também, transferência de pessoas entre as igrejas evangélicas (protestantes, históricas e pentecostais). Esta mudança de religião, culto ou igreja é chamada de trânsito religioso. Pelo fato de existirem diversas correntes explicativas para este trânsito e por não existirem pesquisas sobre este assunto no Ministério Luz Para os Povos, é que justifica-se a realização desta pesquisa.

Para participar deste estudo, depois de receber as informações sobre a pesquisa transmitidas pelo pesquisador e, estando de acordo, você deve levar para casa o questionário, entregue juntamente com este “Termo de Assentimento”. No próximo culto do Ministério Luz Para os Povos de Vila União, você deverá, então, devolver ao pesquisador, o questionário respondido e o “Termo de Assentimento” devidamente assinado.

Lembre-se que, para participar de nossa pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, que também está sendo entregue em suas mãos, juntamente com o questionário e o “Termo de Assentimento”. Este termo de consentimento também deverá ser devolvido, juntamente com o questionário e com o termo de assentimento, no próximo culto do Ministério Luz Para os Povos de Vila União.

Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se de participar da pesquisa. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta riscos mínimos, que se referem ao eventual constrangimento em responder alguma das questões existentes no questionário. Para minimizar tais riscos, você poderá deixar de responder, parcial ou integralmente, o questionário, sem sofrer qualquer prejuízo ou penalização. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados desta pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome não será liberado ou divulgado publicamente. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa (questionários preenchidos) ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos e, após esse tempo, serão destruídos. Este termo de assentimento

encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar da pesquisa, se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Goiânia, ____ de _____ de 20 ____ .

Assinatura do (a) menor

Assinatura do pesquisador

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Telefone (62) 3946-1512
Avenida Universitária, nº 1069, Setor Universitário, Goiânia – Goiás.

ANEXOS

ANEXO I – BOLETIM INFORMATIVO – CAPA

Correio da UNIDADE

ANO III Nº 11

GOIÂNIA - GOIÁS

24 a 30 de Junho - 2002

Fusão concretizada

Luz para os Povos e Batista se fundem em um projeto inédito de unidade no Setor União



Pastores Gilmar e Valtuir de mãos dadas: a fusão Luz para os Povos e Batista é um marco histórico para a unidade da Igreja

No pequeno Setor União, na região Sudoeste de Goiânia, existe um exemplo de como o próprio termo que denomina o bairro pode simbolizar o fortalecimento dos laços de fé na sua expressão mais ampla. União, unidade, soma de objetivos e in-

teresses comuns.

Com tais idéias em mente, o pastor titular do Ministério Luz para os Povos, Gilmar Martins Ferreira, após a realização da Marcha de Jesus, em junho do ano passado, recebeu de Deus a incumbência de convidar a Igreja Batista Vida para juntas traba-

lharem em prol de um projeto inédito de unidade. O líder da Igreja Batista, pastor Valtuir, aceitou a proposta. "Há mais de dois anos tenho orado para a conquista do setor", confessa o pastor Gil, como é carinhosamente conhecido.

Página 10

Obstáculos à unidade

Sendo, pois, evidente que o plano de Deus para a Igreja, conforme demonstram as Escrituras, é que ela se torne uma só, e que tanto a sua perfeição quanto o bem-sucedido cumprimento da ordem divina, para que se evangelize o mundo, dependem dessa unidade, quais as causas principais que impediram a consecução desses objetivos? E óbvio que deveríamos descobrir quais as medidas necessárias para que se efetue a cura.

Se queremos que o Corpo de Cristo funcione harmoniosamente, é necessário que todo membro se adapte ao lugar que Deus ordenou para ele. "Mas agora Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis" (1 Co. 12:18). Porém, como explica o apóstolo Paulo no mesmo capítulo, nem todo membro, infelizmente, se acha satisfeito com o lugar que Deus lhe reservou. Ou então se recusa a reconhecer a posição que Deus reservou a outro membro. Daí, como resultado, o "cisma" no interior do corpo.

Página 4

Artigo

Autoridades constituídas e participação política

Mais do que qualquer outro tipo de influência, o meio em que vivemos é determinante em nossa formação de valores, personalidade e caráter. Portanto, "somos frutos do meio em que vivemos".

Página 3

ANEXO II – APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO COMITÊ DE ÉTICA

28/02/2016

Plataforma Brasil

Saúde



Welton Lourenço Calhão de Jesus - Pesquisador | V3.0

Cadastros

Sua sessão expira em: 30min 31

GERIR PESQUISA

Para cadastrar um novo projeto, clique aqui: [Nova Submissão](#) Para cadastrar projetos aprovados anteriores à Plataforma Brasil, clique aqui: [Projeto anterior](#)

BUSCAR PROJETO DE PESQUISA:

Título do Projeto de Pesquisa: CAAE:

Pesquisador Responsável: Última Modificação: Tipo de Projeto:

Palavra-chave:

« SITUAÇÃO DA PESQUISA

Marcar Todas
 Aprovado
 Em Apreciação Ética
 Em Edição
 Em Recepção e Validação Documental
 Não Aprovado - Não Cabe Recurso
 Não Aprovado na CONEP

Não Aprovado no CEP
 Pendência Documental Emitida pela CONEP
 Pendência Documental Emitida pelo CEP
 Pendência Emitida pela CONEP
 Pendência Emitida pelo CEP

Recurso Submetido ao CEP
 Recurso Submetido à CONEP
 Recurso não Aprovado no CEP
 Retrado
 Retrado pelo Centro Coordenador

LISTA DE PROJETOS DE PESQUISA:

Tipo	CAAE	Versão	Pesquisador Responsável	Comitê de Ética	Instituição	Origem	Última Apreciação	Situação	Ação
P	49372715.6.0000.0037	1	Welton Lourenço Calhão de Jesus	37 - Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goiás	Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goiás	PO	PO	Aprovado	

LEGENDA:

(*) Tipo
 P = Projeto de Centro Coordenador Pp = Projeto de Centro Participante Pc = Projeto de Centro Coparticipante

(*) Formação do CAAE

n	n	n	n	n	n	a	a	.	dv	.	t	x	x	x	.	i	i	i	i
Ano de submissão do Projeto						Tipo de centro		Código do Comitê que está analisando o projeto.											
Sequencial para todos os Projetos submetidos para apreciação						Digito verificador		Sequencial, quando estudo possui Centro(s) Participante(s) e/ou Coparticipante(s)											

(*) Origem / Última Apreciação

PO - Projeto Original de Centro Coordenador	PCp - Projeto Original de Centro Participante	PCc - Projeto Original de Centro Coparticipante
E - Emenda de Centro Coordenador	Ep - Emenda de Centro Participante	Ec - Emenda de Centro Coparticipante
N - Notificação de Centro Coordenador	Np - Notificação de Centro Participante	

(*) Lista de Projetos de Pesquisa
 - A exibição da ação indica que existem uma ou mais emendas em fila, ou seja, que aguardam apreciação.

Este sistema foi desenvolvido para os navegadores Internet Explorer (versão 7 ou superior),
 ou Mozilla Firefox (versão 9 ou superior).

ANEXO III – CAPA DO LIVRO “*UMA VIDA DE MILAGRES*”

